



## **Quando a Identidade os (des)une**

A projecção social e cultural do Marítimo, Nacional e União na  
Madeira entre 1910-1926, 1945-1955 e 1974-1987/88

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Andreia Micaela Sardinha do Nascimento**

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL



UNIVERSIDADE da MADEIRA

*A Nossa Universidade*

[www.uma.pt](http://www.uma.pt)

Setembro | 2011

## **Quando a Identidade os (des)une**

A projecção social e cultural do Marítimo, Nacional e União na  
Madeira entre 1910-1926, 1945-1955 e 1974-1987/88

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Andreia Micaela Sardinha do Nascimento**

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL

ORIENTAÇÃO

Paulo Miguel Rodrigues

Agradecimentos.....	5
Resumo.....	6
Abstract .....	7
Abreviaturas .....	8
Introdução .....	10
Capítulo 1 - A Emergência do desporto enquanto manifestação social, cultural e identitária. ....	17
1.1. A (in)visibilidade do fenómeno desportivo.....	18
1.2. Um breve olhar sobre a génese do desporto.....	19
1.2.1.Desporto: veículo de expressão identitária.....	22
1.2.2. Uma grelha de leitura da sociedade.....	25
1.3. O <i>Sport</i> em Portugal.....	29
1.3.1. O desporto-rei: o futebol .....	32
1.3.2.Os clubes desportivos.....	35
Capítulo 2 - Da instituição à implantação (1910-1926) .....	39
2.1. A turbulência da Primeira República: do país ao mundo.....	40
2.2. Os clubes desportivos na Madeira: Princípios fundamentais, missão e objectivos .....	45
2.2.1- A impressão digital colectiva: os símbolos dos clubes desportivos.....	51
2.3. Condicionantes de (in)sucesso desportivo .....	57
2.3.1.O futebol: a doença do século XX.....	57
2.3.2. A violência do espectáculo.....	59
2.3.3. O futebol organiza-se. ....	60
2.3.4. A insularidade .....	64
2.3.5. As instalações desportivas.....	66
2.4. O legado clubístico: implicações socioculturais no espaço insular.....	69
2.4.1. Nem só o futebol os reúne.....	72
2.4.2.Para além do futebol jogado: a solidariedade não conhece cores .....	75
2.4.3.A mulher e o seu papel desportivo .....	76
2.4.4. A gramática do futebol: a imprensa especializada na Madeira .....	77
2.5. <i>Annus Mirabilis</i> do futebol madeirense.....	83
Capítulo 3 - Da popularização à profissionalização (1945-1955) .....	86

3.1. Portugal na cauda da Europa ferida.....	87
3.2. A experiência que ensina: A profissionalização do futebol .....	91
3.2.1. O amador e o profissional .....	91
3.2.2. O profissionalismo sob o olhar atento do Estado .....	93
3.2.3. Na corda bamba das competições .....	98
3.2.4. A importância da formação .....	103
3.2.5. Quando as cores não se misturam .....	105
3.3. Outras considerações.....	108
Capítulo 4111 - Da liberdade à afirmação nacional (1974-1987/88).....	111
4.1. Da rebeldia e contestação à liberdade .....	112
4. 2. O espectáculo fora do rectângulo de jogo .....	114
4.3. À margem do modelo tradicional desportivo português .....	116
4.3.1. Os clubes face à autonomia da RAM .....	118
4.3.2. <i>Homo desportivus</i> .....	126
4.4.Do clube de ontem ao clube de amanhã .....	128
Conclusão .....	131
Bibliografia .....	138
Fontes .....	139
Legislação: .....	140
Bibliografia Geral.....	141
Bibliografia Específica (Madeira) .....	146
Outros suportes consultados.....	148
Anexos.....	149
Anexo 1 – Clubes a que os periódicos, entre 1910 e 1926, fazem referência. ....	150
Anexo 2 - Clubes a que os periódicos, entre 1945 e 1955, fazem referência.....	152
Anexo 3 – Marchas do Marítimo .....	153
Anexo 4 – Diploma de Honra .....	156
Anexo 5 - “Raspões”, in <i>O Povo</i> .....	157
Anexo 6 - Musa Humorística: <i>Derrota Completa</i> .....	160
Anexo 7 – Instalações Desportivas .....	161
Anexo 8 – Equipas Marcantes do Marítimo.....	163
Anexo 9 – A Natação .....	164
Anexo 10 – As Quermesses do Nacional .....	165

Ilustração 1 - Planta da cidade do início do séc. XX.....	41
Ilustração 2 - Jogo no Campo D. Carlos I.....	49
Ilustração 3 - Nacional Sport Grupo - 1910 .....	50
Ilustração 4 - Primeira equipa do União Foot-ball Club .....	51
Ilustração 5 - Evolução do Logótipo do Club Sport Marítimo.....	52
Ilustração 6 - Evolução do Logótipo do Clube Desportivo Nacional .....	54
Ilustração 7 - Evolução do Logótipo do Clube Futebol União.....	55
Ilustração 8 – Vista de Santa Maria Maior.....	71
Ilustração 9 - Cabeçalho do Periódico <i>O Desporto</i> .....	78
Ilustração 10 - Equipa Campeã de Portugal (1926) .....	84
Ilustração 11 - Chegada do Marítimo à Madeira após vencer o Campeonato de Portugal .....	84
Ilustração 12 - Jogo entre Nacional e Marítimo nos Barreiros.....	97
Ilustração 13 - Foto comemorativa do Campeonato 1941-42 .....	99
Ilustração 14 - Caricatura do Re-nhau-nhau.....	100
Ilustração 15 - Equipa do Marítimo campeã em África .....	101
Ilustração 16 - Inauguração do Estádio dos Barreiros.....	102
Ilustração 17 - Clube Futebol União, 1957-58.....	107
Ilustração 18 - Simone de Oliveira e Conjunto João Paulo na Quermesse do Nacional.....	114
Ilustração 19 - Quermesse do Nacional.....	116
Ilustração 20 - Equipa do União, Campeã Regional 1973/1974 .....	119
Ilustração 21 - Comemoração da subida à I Divisão, 1977 .....	121
Ilustração 22 - Recepção da equipa do Nacional que ascende à I Divisão.....	122
Ilustração 23 - Evolução do número de atletas federados entre 1974 e 1988 .....	124
Ilustração 24 - União, 2.º Classificado na <i>Taça Suissa</i> .....	156
Ilustração 25 - Campo Almirante Reis (s/d)) C.....	161
Ilustração 26 - Jogo do Marítimo no Campo Almirante Reis (s/d) .....	161
Ilustração 27 - Primeira Pedra do Campo da Imaculada Conceição .....	162
Ilustração 28 - Jogo do Marítimo no Campo dos Barreiros, 1954 .....	162
Ilustração 29 - Plantel do Marítimo Campeão de Portugal, 1926 .....	163
Ilustração 30 - Equipa do Marítimo que regressa, definitivamente, à I Divisão, 1984 .....	163
Ilustração 31 - Provas de natação do Marítimo, Lido, 1966 .....	164
Ilustração 32 - José da Silva, Saca .....	164
Ilustração 33 - Max, na Quermesse do 50.º Aniversário do Nacional, 1960.....	165

Ilustração 34 - Xiomara Alfaro, cantora cubana, Quermesse de 1962 .....	165
Ilustração 35 - Presença do Presidente da República, Américo Tomás, 1962 .....	166

Este trabalho não foi possível sem a colaboração e o apoio imprescindíveis de outras pessoas que, juntamente com o entusiasmo que viria a proporcionar, ajudaram a vencer as diversas dificuldades que se interpuseram no decurso do projecto.

Aproveito estas linhas para agradecer aos professores da Universidade da Madeira que, ao longo de dois anos, ajudaram-me a atingir uma outra fase de maturidade, através de ensinamentos teóricos e práticos, sem os quais não poderia realizar este projecto.

Gostaria de agradecer, em especial, ao Professor Doutor Paulo Miguel Rodrigues por ter aceite ser meu orientador, num projecto com características peculiares de tempo, espaço e objecto de estudo se tivermos em conta a génese do Mestrado em Gestão Cultural. Agradeço também, o seu acompanhamento, os seus comentários, indicações e sugestões e o seu apoio, imprescindíveis, em momentos de maior impaciência e desânimo.

Deixo, ainda, o registo do meu apreço pela colaboração e apoio incansáveis de diversas pessoas - familiares, amigos e anónimos - cuja compreensão, paciência e incentivo foram fundamentais ao longo deste tumultuoso percurso.

Com todos gostaria de partilhar a satisfação que é ver este projecto concretizado, sendo que a ti devo muito mais do que um simples obrigado.

Este texto procura ser uma contribuição para a compreensão do fenómeno desportivo enquanto manifestação social, cultural e identitária, através do estudo e da análise dos trajectos, plurais e únicos, de três clubes desportivos madeirenses: Clube Sport Marítimo, Clube Desportivo Nacional e Clube Futebol União.

O desporto, nascendo inicialmente com o objectivo de entretenimento, constitui, hoje, um pólo de coesão social, pois verificamos que os clubes desportivos de maior representatividade, apesar de fomentarem rivalidades, constituem-se como agentes de desenvolvimento cultural e identitário e projectam regiões e cidades muito além do nível local.

Neste projecto, depois de se equacionar alguns pressupostos teóricos sobre o fenómeno desportivo centrámos a nossa atenção nos clubes desportivos regionais de maior representatividade e longevidade. Estes influenciam e são influenciados pelas representações sociais e culturais, pelo que o acompanhamento dos seus princípios, da sua missão e finalidade, das acções desenvolvidas e do seu percurso desde os primeiros anos da sua fundação até uma década após a conquista da autonomia política, administrativa, financeira, económica e fiscal da RAM, mostrou-se fundamental para uma análise cuidada e atenta.

Centrando a nossa atenção nos períodos compreendidos entre 1910 e 1926, 1945 e 1955 e entre 1974 e 1987/88, o que se pretende saber, de facto, é se os clubes desportivos - Marítimo, Nacional e União - constituem-se como um fenómeno isolado ou representam em si um factor estruturante de desenvolvimento social, cultural e identitário do espaço insular.

O presente trabalho trata-se de um contributo preliminar para um maior interesse pelo estudo académico de um fenómeno de ancestralidade respeitável, particularmente o desportivo.

**Palavras-chave:** cultura, identidade, desporto, clube desportivo e futebol.



This thesis seeks to contribute towards the understanding of the sports phenomenon as a social, cultural and identity manifestation through the study and analysis of three Madeiran sports clubs histories, namely Marítimo, Nacional e União, both collectively as well as singularly.

Sports, originally conceived to entertain, presents itself nowadays as a major social cohesion factor, since what one may understand by studying and analysing such sports clubs, is that, though instigating small rivalries, they are set as cultural and identity development agents, which are able to promote regions and cities far beyond their national borders.

In our study, after questioning some theoretical assumptions concerning the sports phenomenon, we centred our attention towards the regional sports clubs with biggest representation and longevity. Such sports clubs influence and are influenced by social and cultural representations, meaning that the tracking of their principles, their mission and goals, their accomplishments and their path, since their origin until the decade after the conquering of the political, administrative, financial and economical autonomy of the Autonomous Region of Madeira, has proven to be vital for a thorough analysis.

Focusing our attention in the period comprised between 1910 and 1926, 1945 and 1955 and between 1974 e 1987/88, we intended to identify if the sports clubs studied – Marítimo, Nacional and União – are an isolated phenomenon or if they in fact represent a structured factor of social, cultural and identity development of this island.

The present work is a preliminary contribute for a greater interest concerning the academic study of a phenomenon which bears a respectable ancestrality, particularly the sports one.

**Keywords:** culture, identity, sports, sports clubs, football

AFF	Associação de Futebol do Funchal
AFM	Associação de Futebol da Madeira
CRP	Constituição da República Portuguesa
<i>DM</i>	<i>Diário da Madeira</i>
<i>DN</i>	<i>Diário de Notícias</i>
FIFA	<i>Fédération Internationale de Football Association</i>
FNAT	Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho
FPF	Federação Portuguesa de Futebol
<i>HM</i>	<i>Heraldo da Madeira</i>
<i>JM</i>	<i>Jornal da Madeira</i>
Madeira	Club Sports da Madeira
Marítimo	Club Sport Marítimo
Nacional	Clube Desportivo Nacional
ONU	Organização das Nações Unidas
RAM	Região Autónoma da Madeira
<i>SF</i>	<i>Sport do Funchal</i>
<i>TM</i>	<i>Tribuna da Madeira</i>
União	Clube Futebol União

“Deus há dez mil anos, ou lá quantos são, quando fez este mundo de Cristo, fê-lo em forma de bola para se entreter a chutar nas horas vagas.”

Gonsalves Preto  
*Piada Desportiva*, 16/1/1926

“Embora as estruturas destas actividades e o seu significado variem para aquelas que nelas participam, até hoje nenhuma sociedade humana existiu que não tivesse algo de equivalente ao desporto moderno”.

Norbert Elias, 1992:20.

Ao mobilizar indivíduos, grupos e sociedades o fenómeno desportivo assume uma importância ímpar. Fomenta a promoção de múltiplas actividades, vê surgir novos locais de sociabilidade e, como fenómeno cultural e identitário, projecta regiões muito para além do nível local.

O presente projecto de investigação tem como título: *Quando a identidade os (des)une - A projecção social e cultural do Marítimo, Nacional e União na Madeira entre 1910-1926, 1945-1955 e 1974-1987/88.*

Procurar com exactidão a totalidade das razões que estão na base da escolha do tema seria extremamente difícil, se não impossível. Contudo, dessa pluralidade é sempre possível seleccionar algumas das motivações.

A Licenciatura em Sociologia levou-nos a investir no campo de especialização da Sociologia da Educação, área contemplada no plano de curso. Das aulas, resultaram algumas pesquisas fazendo surgir uma curiosidade especial por esta área de intervenção sociológica, nomeadamente no que diz respeito ao *capital* cultural, social e simbólico da população. Aliado a este facto está, ainda, a possibilidade de podermos conciliá-la com a área cultural, interesse suscitado pela Licenciatura em Comunicação, Cultura e Organizações e, actualmente, pelo Mestrado em Gestão Cultural, ambos na Universidade da Madeira.

Do percurso académico, científico e pessoal surgiu, então, o interesse em compreender os clubes desportivos como agentes de desenvolvimento cultural e como pólos de coesão social, tendo na contrariedade – as carências existentes no que respeita à historiografia e à valorização do desporto entre os académicos em Portugal – uma inspiração.

Em pleno séc. XXI, é indubitável o carácter onnipresente e onnipotente que o desporto assume. Como qualquer outra área cultural, o desporto profissional tem no espectáculo o grande pilar da sua existência. Negar a sua magnitude, ancestralidade e influência na vida social, económica, política e cultural das sociedades é ignorar a sua singularidade e menosprezar a potencialidade de uma prática irrepetível, cujas particularidades têm a capacidade de mover milhões de pessoas em todo o mundo ao longo da história.

A negligência com que os agentes culturais têm encarado a importância do fenómeno desportivo foi, seguramente, um dos motivos para esta nossa abordagem. E, não sendo uma

questão totalmente inédita, constitui, mesmo assim, um desafio sempre pertinente tentar compreender um fenómeno contribuindo para quebrar a sua invisibilidade.

Rompendo com falsas evidências, o desporto, tido por muitos como a cultura dos incultos, foi impulsionado pelas elites em Inglaterra, fruto da “afirmação do capitalismo industrial do séc. XIX”<sup>1</sup>. Neste sentido, não será surpreendente verificar que as regiões que mantinham maior contacto com as comunidades britânicas foram aquelas em que a prática do futebol, modalidade que fez surgir a maioria dos clubes em Portugal, foi primeiramente introduzida.

No panorama nacional e regional é indiscutível a importância atribuída ao desporto não sendo ingénuo considerar que, tal como acontece em outras áreas, também aqui estreitam-se relações com o sistema político vigente. E embora, *a priori*, possamos compreender a autonomia político-administrativa como um factor fundamental no processo do desenvolvimento desportivo regional, a verdade é que este decurso tem raízes muito anteriores a 1976, perfazendo cerca de 70 anos sobre os quais pouco se conhece. Estas interrogações e preocupações teóricas impulsionaram-nos a seleccionar e a tomar como objecto de estudo os clubes desportivos regionais.

Sendo 2010, o ano em que se comemorou em Portugal o centenário da República, na Região Autónoma da Madeira este ano revestiu-se de especial significado pois, a nível clubístico, foi marcado pelo celebrar a existência secular de dois dos clubes desportivos de maior expressão e representatividade, o Marítimo e o Nacional. Tendo como cenário a Implantação da República estes clubes desportivos nascem, tornando-se parte integrante e fundamental da cultura regional surgindo, três anos mais tarde, o União.

O que se pretende saber, de facto, é se os clubes desportivos - Marítimo, Nacional e União – se constituem como um fenómeno isolado ou representam em si um factor estruturante de desenvolvimento social, cultural e identitário do espaço insular, em três períodos específicos do seu percurso.

A asserção antes colocada é suportada por uma investigação na qual estudar-se-ão os trajectos dos clubes supramencionados em toda a sua pluralidade e unicidade, o contexto que proporcionou a sua fundação e as representações sociais e culturais nos períodos compreendidos entre 1910 e 1926, 1945 e 1955 e entre 1974 e 1987/88.

---

<sup>1</sup> CARVALHO, Maria José, 2009:88.

Portugal, onde a jovem república triunfara face a cerca de 800 anos de monarquia, alia-se à Inglaterra na hecatombe mundial num evento que se pretendia capaz de afirmar os novos símbolos nacionais – hino, bandeira e moeda – e que resultaria em graves crises económico-financeiras deixando o caminho aberto a uma ditadura de 48 anos. A expansão do futebol como actividade democrática e massificada ganha força neste período com a constituição de diversas sociedades desportivas e com a instituição do Domingo como dia de descanso semanal, dia dedicado à família e, para muitos, às actividades desportivas. É entre 1910 e 1926 que o Marítimo, o Nacional e o União se vão afirmar como agentes socioculturais e identitários, projectar-se desportivamente e, que na medida em que os clubes começam a assumir-se como detentores de capitais social, cultural e identitário de enorme potencial, o futebol tenderá a representar uma frente importante no planeamento estratégico da própria cidade.

O segundo período em estudo (1945-1955) caracteriza-se pelo processo de transformação e profissionalização do futebol de alta competição em Portugal. Faz parte do crescimento de qualquer instituição a emergência de alterações do seu modelo de funcionamento. Novas exigências manifestam-se e toda a estrutura tem a responsabilidade de se adaptar. Neste âmbito, confrontar o período anterior e posterior à II Grande Guerra, anos em que Portugal vivia sob a Ditadura Salazarista, será fundamental na compreensão da forma como o Marítimo, Nacional e União, caminharam na direcção da profissionalização dos seus clubes, atletas e dirigentes. Sendo o futebol um fenómeno social de extrema relevância, coloca a nu o interesse que o regime autoritário vigente começava a sentir. O jogo em si não seria perigoso, todavia, por ele juntavam-se inúmeras pessoas, de todos os tipos e ideologias e isso, sim, era fundamental controlar. Ultrapassada a fase da desconfiança e preocupação passou-se ao fomento e adaptação do futebol à causa moral salazarista, uma forma de poder e de contrapoder. A epopeia bélica mundial, o início do período de construção de obras monumentais em Portugal, onde se incluem as desportivas e o regime dos três “efes” seriam alguns dos acontecimentos que iriam interferir nas organizações desportivas repercutindo-se e fazendo-se sentir durante muitos anos, razão pela qual dedicámos-lhes especial atenção.

O ano de 1974 marca Portugal a vários níveis. Mas na Madeira o ano que marca, indubitavelmente, a sociedade, a economia, a cultura, a política e, por conseguinte, o desporto foi 1976, com a instituição do regime autonómico. No final da época desportiva

que tem início nesse mesmo ano, o Marítimo ascende ao escalão máximo da competição nacional de futebol confrontando, na época de 1977/1978, equipas como o Benfica, Porto e Sporting. Num labirinto de vitórias e derrotas acaba por regressar definitivamente a esta competição apenas em 1984, enquanto o Nacional apenas o consegue, se bem que temporariamente, em 1988. O União junta-se aos anteriores em 1990, ano que se pode considerar como sendo de ouro para o futebol regional. A partir de então, a acção governativa regional será fundamental pois assumirá a responsabilidade de promover a RAM, interna e externamente, também e fundamentalmente, através do desporto.

Pelas considerações anteriores e tentando confirmar a afirmação inicialmente colocada, foi formulada a seguinte hipótese de trabalho:

O desporto, nascendo inicialmente com o objectivo de entretenimento e de lazer, constitui, hoje, um pólo de coesão social. Os clubes desportivos regionais de maior representatividade, apesar de fomentarem rivalidades e regionalismos exacerbados são, em 100 anos de existência e, salvo raras excepções, agentes de desenvolvimento cultural e identitário e projectam a RAM muito para além dos níveis insular e local.

Não serão aqui especificamente abordados outros clubes com fulcral importância no âmbito deste tema. Muito haveria por aferir e compreender. Todavia, cingimo-nos a algumas referências, examinando-se aqueles clubes que conjugam longevidade e elevado índice de representatividade na Madeira, tentámos contribuir para um maior interesse pelo estudo académico de um fenómeno de ancestralidade respeitável.

Metodologicamente o recurso às publicações periódicas da época, em particular à imprensa, mostrou-se crucial pois a comunicação social, desde cedo, assumia a preocupação em acompanhar a cultura desportiva, reflectindo as dúvidas, as polémicas e as regras como foi o caso, por exemplo, do *Heraldo da Madeira* nas edições entre 17 e 24 de Janeiro de 1911. Logo no primeiro dia anuncia tal preocupação, na medida em que tendo “em vista [a] grande animação que vem despertando este sport começaremos amanhã a publicar algumas observações regulamentares que se tornam indispensáveis aos jogadores e a cujo estudo minuciosamente se devem dedicar...”<sup>2</sup>.

Não obstante, esta opção mostrou ter alguns riscos associados. Se por um lado, questões importantes e marcantes eram, com certeza, abordadas pela imprensa que se pretendia moderna, por outro, a quantidade de jornais consultados, o tamanho das notícias

---

<sup>2</sup> HM, 17/1/1911.



sobre o desporto e a (im)parcialidade de algumas edições obrigaram a uma selecção criteriosa. Contemplou-se, fundamentalmente, o *Diário da Madeira*, o *Heraldo da Madeira*, *O Povo* e o *Diário de Notícias*, sendo a longevidade dos periódicos seleccionados para consulta o critério mais valorizado.

Consultou-se, ainda, *O Desporto*, *O Nacional*, *o Sport do Funchal*, para além de alguns boletins e edições especiais diversas. Neste âmbito e dada a riqueza linguística das fontes utilizadas optámos por respeitar os dados recolhidos e reproduzi-los, aqui, tal como os encontrámos. Deste modo, as palavras que pareçam de uso incorrecto de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente são fiéis à fonte e ao autor original sendo, *per si*, alvo de análise. Assinale-se, ainda, o recurso a outros documentos como sejam os Estatutos dos clubes, legislação diversa, fotografias, boletins de autor e trabalhos científicos não editados.

A bibliografia a que se recorreu foi, na sua maioria, no domínio das Ciências Sociais e Humanas por permitir uma reflexão e compreensão do fenómeno desportivo e por ser determinante para a contextualização histórica e social dos três períodos em análise.

O trabalho propriamente dito divide-se em quatro capítulos. Após esta introdução, segue-se o primeiro capítulo onde se procede ao enquadramento teórico do tema e onde a principal preocupação consistiu em reflectir-se sobre a negligência continuada da maioria dos autores e investigadores em relação ao fenómeno desportivo enquanto manifestação social, cultural e identitária. Determinar o que se entende pelo carácter identitário que se manifesta nas práticas desportivas e são, como tal, fomentadas pelos clubes desportivos, foi o primeiro passo para a compreensão de um fenómeno cujo percurso tem sido acompanhado e discutido, ainda, que de uma forma deficitária. Em seguida, e partindo de uma abordagem de interpretação do fenómeno desportivo, dando especial importância à sua caracterização em termos conceptuais, procede-se a um breve olhar sobre o desporto em Portugal dando especial enfoque à sua estrutura basilar, ao clube desportivo.

No capítulo seguinte, reflectir-se-á sobre a disseminação do desporto em Portugal e, em especial, na Madeira. Caracterizando o contexto social, económico, político e cultural da época em que surgem os clubes desportivos em estudo procurar-se-á determinar de que forma os seus princípios, missão e objectivos são capazes de fomentar uma identificação colectiva, dando especial atenção e tentando identificar os factores condicionantes do sucesso desportivo e o legado clubístico no espaço insular.

Num terceiro capítulo, proceder-se-á a uma análise sobre o processo de profissionalização do desporto em Portugal, equacionando uma constelação de variáveis que, de forma mais ou menos directa e interrelacionada, influenciam os percursos do Marítimo, Nacional e União. Determinar em que contexto surgiu essa preocupação no nosso país tendo em conta o atraso sentido em relação ao resto da Europa será fundamental. Para o efeito privilegiar-se-á a distinção entre o amadorismo e o profissionalismo e a reflexão sobre as rivalidades entre os clubes. Apresentar-se-á as dimensões e variáveis consideradas fundamentais tendo em vista a formação e profissionalização dos diversos agentes desportivos bem como a acção do Estado, ditatorial, face ao desporto em Portugal. Reflectir sobre a forma com que esta realidade influenciou o percurso do Marítimo, Nacional e União mostrar-se-á uma preocupação constante.

O último capítulo, compreende a análise e a reflexão sobre o período compreendido entre os anos de 1974 e 1987/88. Da rebeldia e contestação mundial à liberdade procurar-se-á verificar quais as implicações do contexto fora do rectângulo de jogo, mesmo que indirectas, terá no modelo desportivo português e madeirense. A afirmação regional através do desporto será um marco fundamental no percurso do Marítimo, Nacional e União, razão pela qual a reflexão em torno do papel dos clubes desportivos face a Autonomia da RAM mostrar-se-á de extrema importância, passível de suscitar novas interrogações e de abrir caminho a novas investigações.

## Capítulo 1

### A Emergência do desporto enquanto manifestação social, cultural e identitária.

“O sport que nos fascina pelo espectáculo, que nos entusiasma, que nos anima... o *sport* - escola de homens - não admite em seu seio os infezados, propaga e defende a valentia, cria virilidades, impulsiona-as, forma uma geração, vivifica-a, enriquece-a, expulsa do seu seio a timidez, a frouxidão e o medo, estimula e encoraja o animo, enrijece, adestra, transmite bravura, eleva e forma fisicamente.”

*SF*, “Á cerca da educação física na Madeira”, 31/12/1924.

### **1.1.A (in)visibilidade do fenómeno desportivo**

O desporto, dramático e selvagem, nostálgico e temeroso constitui, pela sua essência, um dos fenómenos que merece a pena levar a sério, “uma das melhores chaves de leitura da sociedade actual”<sup>3</sup>. Apesar de mobilizar milhões de indivíduos e de promover múltiplas actividades económicas, sociais, culturais e políticas que contribuem para a alteração de comportamentos, o interesse e a produção historiográfica portuguesa sobre o assunto, de acordo com o que pudemos constatar, é, ainda, deficitária.

Diga-se, em abono da verdade, que um dos primeiros obstáculos com que nos deparamos foi, indubitavelmente, o menosprezo e a negligência da literatura científica pelo fenómeno desportivo enquanto manifestação social, cultural e identitária. Presos aos valores e às formas de pensamento dominantes o desporto era apenas considerado como uma parte integrante do trabalho, do labor, de forma a promover mais e melhor rendimento e produtividade. Nesta abordagem está implícita a ideia de que, sendo o desporto uma actividade de lazer virada para o prazer, não teria qualquer importância nos campos social e cultural.

Face a este facto, o fenómeno desportivo foi sendo ignorado como objecto de estudo e de investigação situação que, ainda hoje, se vivencia em diversas áreas do saber. Ignora-se, desta forma, que o desporto, como objecto de reflexão, encontra-se repleto de oportunidades - o desporto e a raça, o desporto e a indústria, a economia do desporto, o marketing desportivo, desporto e classes sociais, o sexo e o desporto, desporto e raça, entre muitas outras - e que a sua compreensão possa contribuir de forma unívoca para o conhecimento da sociedade, isto porque compreender a génese e as características deste fenómeno não seriam possíveis se não se contemplasse o cariz social do mesmo. Olhando atentamente para o que se passa no mundo actual, constatamos que o desporto constitui um fenómeno social total, capaz de reunir em si, diferentes componentes da sociedade.

Vão surgindo, a pouco e pouco, diversas formas de interpretar este fenómeno dando lugar a ideologias e abordagens diametralmente opostas em alguns casos complementares. Neste âmbito, o trabalho do sociólogo alemão Norbert Elias foi fundamental. Arriscando contrariar a maioria que defendia que a ciência deveria ser “restrita dos assuntos ‘sério’ e ‘racional’ da vida”, dedicou-se ao carácter civilizacional do desporto recorrendo, desta

---

<sup>3</sup> COSTA, António, 2009: 327.

forma, ao estudo do “ divertimento, [d]o prazer, [d]o jogo, [d]as emoções, e [d]as tendências ‘irracionais’ e ‘inconscientes’ do homem e da mulher”<sup>4</sup>.

Apelando ao carácter quase cinematográfico do desporto predispôs-se a encontrar respostas quanto ao facto dos indivíduos sentirem prazer, quer como actores, quer como espectadores, nos espectáculos desportivos que, habitualmente, são marcados pela violência e agressividade. Julgou que, ao procurar o prazer e divertimento, o indivíduo não o procuraria atingir em práticas onde o confronto físico fosse uma constante.

O teórico, autor da obra *A busca da Excitação*, define o desporto como um “empreendimento de seres humanos e muitas das acções humanas, que são exploradas academicamente em termos de objectos de estudo diferentes e como se existissem em compartimentos separados, são, de facto, empreendimentos dos mesmos seres humanos”<sup>5</sup>.

Elias foi pioneiro no entendimento do desporto como um factor contributivo para a sociedade. Os seus escritos foram contribuições importantes no sentido em que acentua as especificidades do desporto, tendo por base a sociedade inglesa e a prática do futebol, “os jogos *physicos* tão esmeramente cultivados lá fora, onde o grau de civilização se encontra mais adiantado”<sup>6</sup>.

## **1.2. Um breve olhar sobre a génese do desporto**

A Inglaterra foi o berço do desporto que se difundiu e ganhou popularidade em quase todo o mundo, em especial, nas zonas com forte presença e influência britânica. Em plena Revolução Industrial, no séc. XVIII, surge o desporto tal como o conhecemos, com regras e técnicas, prática e praticantes, agentes desportivos, espaços e performances.

Precisar com exactidão o tempo do processo de difusão desta peça de cultura é extremamente difícil mas, como em qualquer outra alteração de comportamentos, crê-se que tenha sido um processo gradual e lento sofrendo, inclusive, traços de resistência em países como a França ou Alemanha. De todas as modalidades que invadiram a Europa, o futebol foi, indubitavelmente, aquela que maior impacto teve. Não requeria equipamento, não obrigava a muitos investimentos e revelava-se uma modalidade simples e económica. Esta propagação, quase epidémica, sentiu-se de tal forma que a própria língua foi invadida

---

<sup>4</sup> ELIAS, Norbert, 1992: 16.

<sup>5</sup> Idem: 60.

<sup>6</sup> *DN*, 30/9/1910.

e de tal forma que os termos ingleses acabam por estar para o desporto como os italianos estão para a música. Intraduzível, o *sport* vai ser absorvido pelas gramáticas europeias à medida que a modalidade vai invadindo os campos de terra batida e empoeirados, tornando-se uma propriedade comum.

Face ao exposto estaremos, nós, perante um ressurgimento, “um inexplicável renascer de alguma coisa que existiu na Antiguidade, pereceu na Idade Média e, por razões desconhecidas, renasceu simplesmente no nosso tempo? Ou será que se trata de algo completamente inédito<sup>7</sup>?

A resposta, quase que imediata, parece residir no contínuo processo de civilização, onde os padrões de comportamento que se aceitam como válidos e onde as características que os distinguem dos jogos praticados nos festivais e torneios do passado, diferem no grau da violência, da rudeza e da selvajaria.

Como parece evidente as sociedades contemporâneas não detêm a patente do desporto. Não foram elas quem descobriram ou vivenciaram pela primeira vez actividades que já decorriam em 800 a.C., nos Jogos Olímpicos da Antiguidade ou nos festivais religiosos da Idade Média. Este jogo metamorfoseou-se adquirindo um diminuto grau de violência, um *ethos* dos praticantes diferente sendo as regras e práticas desportivas, agora, comuns e praticados em espaços e tempos próprios.

As virtudes guerreiras, a força e beleza físicas, a honra, a glória de vencer e de ser vencido, a resistência, a agilidade, a coragem, o poder social e a imagem pública valorizadas na Antiguidade não têm grande peso no entendimento de desporto moderno tendo em conta que se trata de:

“uma actividade de grupo organizada, centrada no confronto entre, pelo menos, duas partes. Exige um certo tipo de esforço físico. Realiza-se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizados, incluindo aquelas que definem se a força física pode ser totalmente aplicada.”<sup>8</sup>.

A *areté* grega trabalhada no sentido de tornar o cidadão virtuoso e útil à sociedade envolvia, a par da oratória, ciência, retórica, música e filosofia, a actividade física. O processo de evolução de uma organização social seja ela de que género for, é sempre construída com base em avanços e recuos. Como tal, o que era defendido pela sociedade que assistia aos jogos e festivais da Grécia Antiga é diferente do que era aceite na Idade

---

<sup>7</sup> ELIAS, Norbert, 1992: 230.

<sup>8</sup> Idem: 230.

Média, sem que tal signifique que qualquer uma delas fosse a melhor e mais correcta forma de entender o mundo. Logo, enunciações etnocêntricas como *civilizado* por analogia a *selvagens e bárbaros* não deviam ser utilizadas para distinguir e comparar actividades desenvolvidas por indivíduos separados no tempo e no espaço por milhares de anos, na medida em que a própria história dos séculos XIX e XX contraria, pela observância de vários momentos de violência, esse pensamento.

Apesar de serem distintos a verdade é que os jogos que começaram nas cidades-Estado gregas, que tinham lugar nos tempos em que não se dedicava ao trabalho ou ao culto religioso, são precursores de jogos que, em plena época da *Pax Britannica*, dão origem ao desporto, como actividade regulamentada, como passatempo organizado e como palco de manifestações de superioridade civilizacional. Na perspectiva bourdieusiana só se pode compreender a história social do desporto se conseguirmos apontar o momento em que este deixou de ser entendido como um simples ritual ou jogo e passou a sê-lo como uma prática. Recuperando o que defendia Norbert Elias, Pierre Bourdieu considerava fundamental interrogarmo-nos sobre o aparecimento do desporto moderno como resultado de uma ruptura em relação “aos jogos das sociedades pré-capitalistas, europeias ou extra-europeias” ou do aparecimento contemporâneo do desporto propriamente dito<sup>9</sup>.

Numa época em que se vivia em paz e prosperidade, a era vitoriana vai assistir ao forte crescimento económico que permitiu com que a classe média britânica se desenvolvesse através da escola, assegurando “uma preparação adequada dos trabalhadores e jovens, no desenvolvimento de um corpo e de um espírito activo e dinâmico, na capacidade de trabalho em equipa, na liderança, na responsabilidade”<sup>10</sup>. E será aqui, nas escolas públicas inglesas, que renascerá o passatempo sob a forma de desporto, que se queria isento de violência e desperto para o cavalheirismo, onde as regras fogem à tradição oral e ao costume e assentam num registo escrito, aceite e partilhado. A necessidade de registar regras de aplicação geral tem origem quando as práticas desportivas transpõem as fronteiras da escola, verificando-se competições e pequenos torneios, primeiramente, entre diferentes estabelecimentos de ensino passando, depois, a existir entre cidades, entre regiões, entre outros. Inicia-se, deste modo, um movimento de interesse pelo desporto que atingirá o seu auge com o ressurgimento dos Jogos Olímpicos modernos, em 1896, que,

---

<sup>9</sup> BOURDIEU, Pierre, 2003: 183.

<sup>10</sup> COELHO, João, PINHEIRO Francisco, 2004:34.

apesar de atravessar períodos negros da história europeia, não apenas sobrevive como também prospera.

Apesar de o futebol ter determinado, fortemente, a busca pelo prazer e divertimento outros tipos de desporto foram importados da Inglaterra como sejam a corrida de cavalos e a caça à raposa actividades de grande prestígio e, com tal, praticadas pela aristocracia inglesa.

Neste sentido, como pôde, então, um “passatempo inglês chamado desporto ter determinado, principalmente no séc. XIX e XX, o padrão de um movimento de lazer de dimensão mundial?”<sup>11</sup>. Esta prática universal mas, em simultâneo, particular adquiriu novas formas e sentidos, assumindo funções de educação para a vida, para a solidariedade e para a consciência colectiva, para a ética e para os valores e constitui um espaço público de comunhão da sociedade.

Sendo o desporto um fenómeno humano está, desde sempre, ligado às acções do homem, à organização política, económica e social e às instituições que ele próprio criou. Em virtude do entendimento das características do desporto como “sinais e sintomas da sociedade em que vivemos” é admissível a afirmação de que o desporto “apropria-se dos modelos sociais e retribui influenciando a vida em sociedade”<sup>12</sup>.

O facto de ser possível explorar uma sociedade pela forma e pelas modalidades desportivas que pratica fazem “do desporto um sistema social (...) um sistema fundamentalmente simbólico, de carácter ritual e de natureza mítica”<sup>13</sup>.

#### 1.2.1.Desporto: veículo de expressão identitária.

O futebol é, juntamente com o fado, uma das grandes paixões lusitanas, ocupando um lugar relevante na sociedade portuguesa. Por “constituir um património histórico construído na escola das emoções (...) surge como uma actividade social tendo inerente objectivos de recreação, lazer, desenvolvimento físico e mental do indivíduo”<sup>14</sup>.

Tendo, já, ultrapassado um século de vida em Portugal, o futebol é um dos pilares da construção de identidades, uma linguagem universal com um papel indiscutível na aproximação entre os povos e, como elemento da construção de comunidades de pertença e

---

<sup>11</sup> ELIAS, Norbert, 1992:191.

<sup>12</sup> MARQUES, António, 2009: 300.

<sup>13</sup> COSTA, António, 2009: 327-328.

<sup>14</sup> COELHO, João, PINHEIRO Francisco, 2004:33.



de factores de diferenciação identitária, torna-se fundamental o seu estudo. Nunca existiu no país uma actividade que, pela sua universalidade e popularidade, ocupasse um lugar tão central na sociabilidade, na transformação de significados e identidades sociais como o futebol.

A paixão pelo desporto existe e é fomentada devido ao envolvimento emocional, à imprevisibilidade, à sensação de vitória que despoleta nos indivíduos. Elias<sup>15</sup> afirmava, inclusive, que o desporto, em especial o futebol, satisfaz a busca da excitação que os indivíduos não conseguem alcançar na sociedade actual face ao progresso civilizacional e transformações da modernidade que teimam em controlar o incontável, ou seja, as emoções. É indubitável que, através das emoções que estão inerentes à prática futebolística, a popularidade do futebol fomenta a representação identitária, seja ela local, regional ou nacional<sup>16</sup>.

Identificar-se com o ideal de um clube ou modalidade desportiva pressupõe uma associação que, para Max Weber, consiste numa “relação social regulativamente limitada para fora ou fechada, quando a manutenção do seu ordenamento é garantida pelo comportamento de determinados homens destinado em especial à sua execução”<sup>17</sup>.

As peculiaridades estruturais do desporto, território onde o imaginário ultrapassa o real, influenciam o carácter de afiliação em relação a um clube. Como tal, a questão de interpretar e problematizar conceptualmente identidade torna-se peremptório, quando e na medida em que somos um país em que o desporto em geral e o futebol em especial é parte constituinte da identidade nacional.

Alguns estudos têm-se debruçado sobre a questão da identidade desencadeando um conjunto de questões totalmente novas. Não restam dúvidas que este termo define um conjunto de relações sociais e património simbólico partilhados pelos diferentes membros de um grupo ou de uma sociedade. Contudo, é um conceito multidimensional e, como tal, não pode ser entendido no âmbito de uma única dimensão ou perspectiva.

O que, em nosso entender, é valorizado como fenómeno identitário, especifica alguns elementos, objectos e formas, testemunhos de existências, de crenças e de formas de viver e de sentir. O *Dicionário de Língua Portuguesa* define identidade como o “conjunto de

---

<sup>15</sup> ELIAS, Norbert, 1992.

<sup>16</sup> Esta prática futebolística refere-se unicamente, e neste contexto, às vivências dos adeptos. Incluir neste âmbito os demais agentes desportivos seria tema para investigações futuras.

<sup>17</sup> WEBER, Max, 2009:75.

características (físicas e psicológicas) essenciais e distintivas de alguém, de um grupo social ou de alguma coisa”<sup>18</sup>. Tendo por sinónimos “analogia, comunidade, concordância, conformidade, igualdade, individualidade, parecença, paridade, semelhança, unidade”<sup>19</sup> o conceito identidade que aqui nos interessa, diz respeito a uma acepção muito mais desenvolvida e cuidada do que uma simples definição do dicionário.

Indiscutível será pensar que o termo aqui em discussão é o conjunto de relações sociais e património simbólico partilhados e aceites pelos membros de um mesmo grupo, pois identificarmo-nos com os outros é fundamental para vivermos em sociedade. A concepção de identidade influencia, de diferentes formas, os nossos pensamentos e as nossas acções e não estão isoladas de outras influências fornecidas pela história, biologia e geografia, pelas instituições religiosas e políticas, pela memória e consciência colectivas e pelo imaginário. Trata-se de uma construção de significados, entendimentos e experiência de um conjunto de indivíduos, pois “dadas as nossas identidades inevitavelmente plurais e que se cruzam entre si não podemos negligenciar a pluralidade das nossas afiliações”<sup>20</sup>. A cidadania, o local de residência, a religião, os interesses musicais, de indumentária e desportivos, os hábitos alimentares e muitos outros, tornam-nos membros de uma série de grupos e cada um deles confere-nos uma identidade específica. Neste sentido poder-se-á enumerar diversas razões pelas quais assumimos a filiação na estrutura ou um gosto especial por um clube. Fonte de orgulho e de alegria, de força e de confiança podemos assumir essa identidade por inúmeras razões, mas uma vez feita essa escolha não há nada que o mude.

Em termos de vida associativa futebolística os elementos identitários podem assumir diferentes representações com base em variáveis diversas. Sentimentos de pertença territorial, memória histórica, idade, género, educação, contexto socioeconómico e político contribuem para que o futebol se assuma como uma fortíssima marca identitária nacional e regional, diariamente construída.

Tomar partido de um clube e viver um jogo de futebol semanalmente é viver de forma condensada – em 90 e poucos minutos – os dramas e situações que marcam a vida de todos nós: a aleatoriedade entre a vitória e a derrota, entre a sorte e o azar, entre o belo e o trágico, a competência e a eficácia que nem sempre são suficientes e determinantes e a

---

<sup>18</sup> 2009: 869.

<sup>19</sup> *Dicionário de Sinónimos*, 2005: 616.

<sup>20</sup> SEN, Amartya, 2007:17.

iniquidade da justiça. A própria simplicidade do jogo que permite a rápida difusão, discussão e participação activa de todos – exclua-se aqui, e em traços gerais, o sexo feminino – vai, em conjunto com os aspectos já aqui mencionados, constituir o *leitmotiv* pelo qual o sentimento de pertença quer universal quer particular, quer global quer local se desenvolve e assume excepcional importância.

### 1.2.2. Uma grelha de leitura da sociedade

A história do desporto é relativamente autónoma na medida em que, mesmo quando acompanha os grandes acontecimentos políticos, económicos e sociais da história, tem o seu próprio andamento, a sua cronologia<sup>21</sup>.

Tal como Platão se viu obrigado a combater uma herança social de tabus, no seio de uma sociedade como a nossa, resistir à discussão sobre o desporto e ignorar o prazer que dele advém como tema de investigação é sinónimo de estarmos prestes a entrar em zona proibida. Contudo, a pouco e pouco e para alguns, o desporto vai deixando de ser entendido como instituição pouco valorizada e marginal para passar a ser entendida como central, quase “a principal fonte de identificação, significado e gratificação das vidas”<sup>22</sup>.

Ao contrário do que subjugava grande parte dos teóricos analisados, Norbert Elias encontra diversos exemplos, desde a Grécia Antiga até o séc. XIX, do impulso civilizador do fenómeno desportivo pois este, defende, é parte integrante do desenvolvimento civilizacional das sociedades. Mas de que forma chega às pessoas o gosto pelo desporto? Estará este apenas ligado a quem, por ele, nutre uma atenção especial? Quais os princípios que estão na base da escolha entre as diferentes práticas ou consumos desportivos? A identificação identitária? Para responder a todas estas questões é fundamental que, em primeiro lugar, nos interroguemos sobre as condições históricas mas, sobretudo, sociais deste fenómeno.

Na esfera social podemos encontrar na sociedade, ao longo dos tempos, actividades de lazer com objectivos de libertação das restrições de não lazer. Numa sociedade que caminhava a passos largos para a modernidade o desporto acaba por criar um novo objecto, autonomizando-se, estruturando-se e organizando-se. É dentro deste quadro que a ideia da saúde, recreação e lazer, fortalecimento mental e físico vai sendo entendida como estando

---

<sup>21</sup> BOURDIEU, Pierre, 2003:181.

<sup>22</sup> ELIAS, Norbert, 1992:299.

na génese da actividade desportiva, principalmente se tivermos em conta que a acção do desporto nas sociedades foi, cronologicamente, entendida de diferentes formas: acção de sobrevivência, acção militar, acção médica e de saúde e acção educativa escolar.

Tudo teve início quando o homem primitivo sentiu a necessidade de lutar, de fugir e de caçar para sobreviver. Depois, e com o grande evoluir dos tempos, o desporto “surge contrariando a rigidez de uma aristocracia que, ao nível das actividades físicas, foi incorporada e transmitida, sobretudo, através da instrução militar.”<sup>23</sup>. Mas se pensarmos nos festivais a Dionísio ou nos carnavais medievais facilmente nos apercebemos que estas actividades apesar de manterem uma função religiosa possuíam funções análogas àquelas que as actividades de lazer de hoje assumem. Para a sociedade grega aristotélica, por exemplo, o conceito de lazer baseia-se naquilo que hoje conhecemos como a escola. “Aristóteles propunha, na sua tese, que o prazer é um ingrediente necessário ao efeito curativo, catártico, das ocupações de lazer”<sup>24</sup>. Com o passar dos tempos estas actividades perdem o seu carácter religioso e começam a ser interpretadas como actividades complementares ao labor. Todavia, pouco tempo mais tarde e, com a profissionalização a que se assiste, esta realidade altera-se fazendo com que o desporto assuma novas funções e significados sociais.

Na literatura científica existe uma tendência para considerar o lazer como uma actividade complementar ao trabalho, um espaço onde o indivíduo pode, ao contrário do que acontece no seu quotidiano laboral, escolher o que lhe dá maior prazer. Contudo, essa busca da excitação, do prazer pelo desporto é “a antítese do autodomínio, da conduta racional e razoável”<sup>25</sup> pois, se ao procurar uma actividade de lazer as pessoas procuram libertar-se de tensões e procurar, dessa forma, o lazer, por que razão optam por actividades onde essa tensão é, habitualmente, maior e mais intensa?

Em todas as formas de desporto os seres humanos lutam entre si quer directa quer indirectamente. Como tal, acabam por ter uma propensão muito forte para desencadear emoções e para evocar excitação, levantando uma questão pertinente: como conciliar, por meio dos objectivos do desporto, duas funções contraditórias? Para quê procurar a excitação para aliviar o stress e tensão se esse estado de alma levará ao aumento desse mesmo stress e tensão?

---

<sup>23</sup> COSTA, Vitor, 1999:13.

<sup>24</sup> ELIAS, Norbert, 1992: 123.

<sup>25</sup> Idem:138.

À luz do quadro teórico que aponta que a maioria das modalidades desportivas que é hoje praticada teve origem em Inglaterra, não nos podemos esquecer que um desporto é “uma forma organizada de tensão em grupo”<sup>26</sup>. Sendo a tensão uma das características dominantes da actividade desportiva faz com que o desporto seja “uma das maiores invenções sociais que os seres humanos realizaram sem planejar. Oferece às pessoas a excitação libertadora de uma disputa que envolve esforço físico e destreza”<sup>27</sup>.

O espectáculo é um dos pilares do desporto onde o interesse dos espectadores precede o dos participantes directos. Desta forma, o prazer de jogar é subordinado ao intuito de agradar multidões perdendo, deste modo, a sua incerteza, imprevisibilidade e espontaneidade. Não se pode, contudo, interpretar o desporto como um simples jogo ritual ou divertimento festivo. Aprender de que forma “certos exercícios físicos preexistentes puderam receber uma significação e uma função radicalmente novas”<sup>28</sup> é fundamental, mas extremamente difícil.

Não se pode assinalar quando e que conjunto de condições nos permitem falar efectivamente de desporto. Parece-nos indiscutível que a passagem do jogo ao desporto tal como hoje o conhecemos tenha tido lugar nas grandes escolas inglesas que, adoptando jogos populares dotaram-nos de regras fixas e de aplicação universal pois, a pouco e pouco, iam sendo praticados por diferentes regiões e países.

Se o ideal da actividade desportiva está em “sob o ponto de vista moral, ter muita utilidade porque afasta o espírito de muitos que vivem ainda uma vida inexperiente, vício de que está levada uma boa parte das sociedades”<sup>29</sup>, não restam quaisquer dúvidas da sua contribuição na mudança de atitudes, no fomento da actividade física, na multiplicação dos espaços e nos relacionamentos sociais e humanos. Refira-se que, já em 1955, o Papa Pio XII, no 10.º aniversário do Centro Desportivo Italiano, afirmava que o desporto não era um fim mas sim um meio para o aperfeiçoamento moral e intelectual.

O desporto, concebido inicialmente, como “uma escola de coragem e de virilidade, capaz de formar o carácter e de inculcar a vontade de vencer”<sup>30</sup> vai-se assumir, ao contrário do que defendia Coubertin, o pai dos Jogos Olímpicos modernos e um dos primeiros sociólogos do desporto, como parte integrante de um ideal moral da classe dominante,

---

<sup>26</sup> Idem: 236.

<sup>27</sup> Idem: 243.

<sup>28</sup> BOURDIEU, Pierre, 2003:184.

<sup>29</sup> *HM*, 13/5/1911.

<sup>30</sup> BOURDIEU, Pierre, 2003:187.

burguesa e aristocrática. Se o desporto tinha a sua maior expressão no interior das escolas nada mais natural do que serem os indivíduos mais cultos e instruídos aqueles que, inicialmente, mais o praticavam. Assim, por maior que fosse a importância de que se revestia, a prática desportiva após romper com as fronteiras da escola, chega às classes populares funcionando, apenas e sobretudo, como espectáculo. O desporto, que nasceu de jogos populares, isto é, produzidos pelo povo, regressa ao povo sob a forma de espectáculo produzido para o povo<sup>31</sup>. A prática desportiva deixa de ser prática de elite, reservada aos amadores passando a ser espectáculo cujos protagonistas são profissionais e cujo destinatário são as massas populares sedentas de espectáculo e distração.

Apesar de não podermos falar em invenção do desporto, a verdade é que nesta fase embrionária em que pouco distinguia jogo de actividade desportiva, este começa a associar-se à juventude e, por tal, a adquirir funções de educação, disciplinador colectivo, potencializador do espírito de sacrifício e de ocupar e controlar uma juventude inquieta. Tal processo não ocorreu sob a égide da cordialidade mas é *per si* evidente a importância que lhe era atribuída pois, ainda hoje, é raro encontrar uma localidade que não tenha, pelo menos, um templo religioso e um campo de futebol.

Capazes de desenhar e retratar o imaginário colectivo e sendo um produto da sociedade industrial, as actividades desportivas modernas têm por base o mesmo objectivo: aliar o desempenho ao rendimento e ao progresso. Os erros repetem-se constantemente devido à nossa tendência para pensar que o tríplice princípio *citius, altius, fortius* continua a constituir o *leitmotiv* do sistema desportivo moderno. Embora desconsiderado, o desporto torna-se inseparável da estrutura e funcionamento da sociedade e do aperfeiçoamento moral e intelectual dos indivíduos. Já não é suficiente a busca pela perfeição corporal. O culto ao corpo não é o objectivo.

Sendo a sociedade orientada para o rendimento torna-se óbvio e esperado que o desporto também o seja. Neste sentido, é importante notar que, preparada para seleccionar os melhores através da competição a sociedade tem, no desporto, um aliado na compreensão das suas estruturas e no reforço da sua identidade. Embora verdade, óbvio e indesmentível, enfatizar o facto de que o desporto é apenas um ponto de partida para a análise social impõe-se. Pensar-se de uma outra forma seria perigoso.

---

<sup>31</sup> Idem: 191.

Diga-se, em abono da verdade que o desporto interage com sectores tão diversificados como a educação, a saúde, a imprensa, as infra-estruturas e desenvolvimento local e o turismo. Elemento integrador, estímulo ao associativismo e à solidariedade, o desporto assume, igualmente, funções de contacto com o outro.

Sendo um produto da sociedade industrial, o universo desportivo, excelente campo de observação da sociedade, é constituído pela constante busca da eficácia, do rendimento e do progresso e, como tal, pode “constituir um meio de integração social, de justificação da realidade sociopolítica e mesmo de dissimulação das deficiências da sociedade na qual ele funciona.”<sup>32</sup> .

### 1.3.O *Sport* em Portugal

“Ora, em Inglaterra, o *foot-ball* como jogo organizado comportando regras precisas, foi a pouco constituindo-se codificado na grandes escolas secundarias inglezas, public schools. Os ingleses pensaram que os jogos ao ar livre, violentos, brutaes mesmo, eram a escola indispensável d’energia no actual estado dos nossos costumes.”

HM, “História – A origem do jogo”, 19/1/1911.

A implantação da cultura desportiva em Portugal, com raízes no período monárquico, foi fortemente influenciada por modelos e experiências adoptadas do exterior. A ideia de que, “em Portugal, não se criam modalidades desportivas. Importam-se”<sup>33</sup> pode ser, facilmente, corroborada pela actividade privilegiada, o futebol, trazida pelas mãos dos britânicos. O mimetismo, aceite e justificado pelo desejo de modernidade, foi uma referência constante e permanente no processo de institucionalização do desporto em Portugal.

Mais do que uma moda, o *sport* era sinónimo de elegância, de conveniência, de luxo, de educação, de saúde, de vigor e de demonstração de classe. Todos os adjectivos utilizados para caracterizar o povo britânico, os verdadeiros *gentlemen*, eram, igualmente, passíveis de serem utilizados para definir a prática desportiva.

Sendo o jogo, como refere Costa, “uma multiplicidade de actividades humanas que não se associam, necessariamente, ao exercício físico, ao movimento, raíz e base de

---

<sup>32</sup> COSTA, António, s.d.: 106.

<sup>33</sup> COSTA, Vitor, 1999: 4.

actividade desportiva”<sup>34</sup> tornou-se comum e inevitável confundi-lo com o conceito de desporto. Refira-se, neste sentido, que o *Dicionário de Língua Portuguesa* do séc. XIX citado por Vitor Costa define-o como divertimento, recreação, passatempo e diversão.

Partindo do princípio legítimo de que estamos perante sinónimos a verdade é que o jogo associado à imagem dos *sportsmen* pousando para a fotografia com calças brancas e monóculo diluir-se-á, dando lugar à actividade desportiva onde o exercício físico exige e insere-se num movimento “de renovação e interesse pelo corpo (...) num discurso higienista” e que vai “desempenhar uma elevada missão social e política, enquanto instrumentos privilegiados de combate a uma raça depauperada, carente de regeneração”<sup>35</sup>.

Na imprensa madeirense o *sport* vai sendo definido como produto de miscigenação entre as características da indústria e da economia da época. Sendo uma inovação social caracterizada pelo surgimento de novas formas e espaços de sociabilidade, vai ter no combate ao ócio e ao enfezamento do corpo um argumento pró e na ameaça de retorno à selvajaria e maus costumes um argumento contra, se bem que consideravam “que os jogos ao ar livre, violentos, brutos mesmo, eram a escola indispensável d’energia no actual estado dos nossos costumes”<sup>36</sup>.

Em Portugal, como em outros países onde o *sport* vai sendo entendido como mais do que um passatempo domingueiro, mais que um jogo ao ar livre vai sendo caracterizado como “uma distracção (...) uma gynnastica (...), não se exige que “converta os cobardes em corajosos. Não é esse o seu intuito. (...) mas é um ensejo para a coragem se exercitar e se desenvolver”<sup>37</sup>. Quando a extinção da cólera na Madeira é comemorada com festas desportivas no Campo Almirante Reis incluindo, no seu programa, não apenas jogos de futebol bem como “corridas pedestres, de sacos, salto em altura e em comprimento, lançamento do peso, corrida de obstáculos, corrida de bicicletas, corrida de 3 pernas e carreira de tiro”<sup>38</sup> revela-se, vincadamente, como o desporto se associa a comemoração, a alegria e a lazer. Mas este assunto será abordado posteriormente.

Que o futebol constitui o grande fenómeno de massas do séc. XX parece não ser polémico. Mas a dúvida reside sobre o local e data da primeira vez que esta modalidade foi praticada em Portugal, estando duas localidades na disputa sobre o primeiro pontapé em

---

<sup>34</sup> Idem: 21.

<sup>35</sup> Idem: 23.

<sup>36</sup> *HM*, 19/1/1911.

<sup>37</sup> Idem, 13/5/1911.

<sup>38</sup> Idem, 16/2/1911.



território luso: Camacha e Cascais. Não existindo consenso entre os diversos autores parece-nos que o primeiro jogo de futebol realizado em Portugal teria ocorrido na Camacha, no Largo da Achada, em 1875 e por iniciativa do jovem Harry Hinton. Estudando em Inglaterra, teria regressado de férias à Madeira com a paixão por este desporto e com uma bola de futebol. No jogo, ainda sem respeitar grandes regras e ainda sem carácter competitivo, Harry Hinton juntara alguns amigos, ingleses e da elite local, entre os quais marcaria presença o futuro conselheiro Aires de Ornelas, o mesmo indivíduo que, em 1888, estaria em Cascais.

Apesar de não existir fontes consistentes quanto à data e local do primeiro jogo em Portugal o facto de tal ter ocorrido na Madeira parece-nos muito plausível pois, entre outros motivos, era uma zona onde a influência e a comunidade inglesas eram permanentes, expandiu-se e quebrou as fronteiras britânicas através dos pontos com os quais mantinham relações comerciais. Além deste aspecto determinante, Harry Hinton, em entrevista a Mota de Vasconcelos, nos anos 40, afirmara que “os primeiros encontros [de futebol] de que há memória no nosso país (...) tiveram lugar ao velho Campo da Achada da Camacha, essa espécie de baldio à inglesa, arrelvado”<sup>39</sup>. Se sobre este facto parece-nos não existir qualquer dúvida, alguns estudiosos não assumem este como o primeiro jogo em Portugal por “se tratar apenas de um jogo entre amigos ingleses sem o necessário espírito de prática organizativa”<sup>40</sup>. Importa referir que, apesar da ausência de fontes sem ser a tradição oral, a entrevista de Harry Hinton e a placa que, ainda hoje, está patenteada no Largo da Achada, nada mais existe que comprove a verosimilhança desta informação. Contudo, e não havendo verdades absolutas, parece-nos que este foi, de facto, o primeiro jogo de futebol em Portugal, mesmo que sem carácter organizativo e com, apenas, alguns portugueses em campo. Aliás este é um dos motivos pelos quais o futebol contagiou o mundo: a sua versatilidade, o não ser necessário grande organização, regras ou despesas.

Não tendo dados concretos quanto à data de entrada de uma bola em Portugal, e apesar da polémica e de incongruências diversas, sabe-se que

“o primeiro jogo organizado, obedecendo a todos os preceitos e normas de um encontro de futebol foi o de 1889, no Campo Pequeno; o primeiro jogo, no Continente, foi, provavelmente o de Cascais em 1888; sendo que o primeiro em território português foi, muito verosimilmente, o da Camacha, no ano de 1875.”<sup>41</sup>.

---

<sup>39</sup> SANTOS, Francisco, 1989:63.

<sup>40</sup> COELHO, João, PINHEIRO, Francisco, 2002:47.

<sup>41</sup> SERRADO, Ricardo, 2010:43.

### 1.3.1. O desporto-rei: o futebol

“A palavra foot-ball é deplorável; em inglez é vaga, obscura; em francez não significa nada. O foot-ball não é oriundo da Inglaterra. Os romanos jogavam no Champ-de-Mars e nas margens do Tibre com enormes bollar, follis que empurravam com o pé. No tempo da guerra dos cem anos os nossos reis tiveram muitas vezes que proibir estas partidas e soule. N’outras províncias o jogo chama-se melle ou barrette e foi este termo adoptado em 1888 pela Liga Nacional d’Educação Physica a que presidiu o fallecido Paschoal Grousset”.

HM, “História – A Origem do jogo”, 19/1/1911.

A história política, social e cultural é um elemento conceptual pertinente na análise e no estudo das implicações do desporto na sociedade. Questões tão fundamentais como a construção da identidade e a dimensão social e cultural já aqui abordadas, tornaram o desporto em geral e o futebol em particular no maior fenómeno de massas do séc. XX. Mais do que aferir os acontecimentos que, desde os primórdios da humanidade, impulsionaram a prática do desporto importa reflectir sobre os pilares que fizeram de um simples divertimento com bola, grande e pesada por sinal, um fenómeno à escala planetária. Falar de desporto é, para muitos, o equivalente a falar de futebol. Outros, porém, acusam esta tendência de reducionismo e tentam, a todo o custo, libertar-se do peso social e cultural que este facto social assume<sup>42</sup>.

Não podemos ignorar que a esmagadora maioria dos clubes e associações desportivas em Portugal nasceram e desenvolveram-se pelo e para o futebol. Os estatutos da criação dessas agremiações, onde a missão e objectivos pautavam-se pelo fomento da prática do futebol e a designação dos próprios grupos, onde a palavra *foot-ball*, *football* ou *futebol* repetia-se são, disso, exemplo. Tendo consciência dos riscos associados o nosso enfoque inscreve-se no campo da força, da magnitude, da popularidade e da centralidade do futebol na sociedade, com breves alusões a outras modalidades quando a sua prática tenha expressão e representatividade.

Tendo na competição a sua função o futebol insere-se, essencialmente, na esfera do lazer, do lúdico, do jogo, onde o envolvimento emocional e o factor espectáculo são preponderantes. Desde muito cedo que se atribui uma importância ímpar a esta modalidade

---

<sup>42</sup> Émile Durkheim em *As Regras do Método Sociológico* apresenta e desenvolve o conceito de facto social. A sociedade é composta por seis instâncias – familiar, educativa, política, económica, religiosa e recreativa – onde existem factos que, apesar de externos ao indivíduo, exercem sobre ele um certo poder e grau de coação. Dada a definição não será difícil verificar que o futebol, sendo um fenómeno que conjuga estas dimensões deva ser entendido como sendo um facto social total.

que surgiu em Portugal, pela primeira vez, em consequência da presença económica, industrial e comercial britânica pois, com regras e práticas iguais e de simples compreensão em toda a sua expansão territorial, vai permitir a aproximação de diferentes cidades, regiões e países.

Já aqui foi enfatizada a importância da prática do jogo do pontapé na bola no contacto e na aproximação dos povos. Atribuímos grande parte dessa responsabilidade aos estudantes que, nas escolas britânicas, faziam eclodir o interesse desenfreado por uma prática que teria sido pensada e aplicada para o desenvolvimento de valores tais como a disciplina, o método, a ordem, a vontade, a capacidade física e intelectual e a responsabilidade e consciência colectivas.

Em 1904, é criada a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), organismo que, de acordo com a opinião crítica de Manuel Sérgio<sup>43</sup>, conta com mais países aliados do que a Organização das Nações Unidas (ONU). Não obstante a veracidade da observação na contagem numérica das afiliações – 208 na FIFA e 189 na ONU - a compreensão deste facto poderá ser falaciosa pois, além da FIFA ser anterior à ONU em cerca de 41 anos<sup>44</sup>, não podemos comparar federações futebolísticas com países, com nações, dotados de língua oficial, de regime político, de hino e de bandeira. O ponto 5 do artigo 10.º dos Estatutos da FIFA, *Admission*, dizem-nos que “ Each of the four British Associations is recognised as a separate Member of FIFA”<sup>45</sup>. Este será apenas um exemplo de que o futebol é, então, capaz de criar e romper fronteiras mesmo quando a política não o é capaz de fazer.

As grandes competições mundiais de futebol ocorrem desde 1930, havendo um interregno entre 1942 e 1946 devido aos confrontos bélicos que se faziam sentir. Em dezanove campeonatos a hegemonia europeia é uma realidade, tendo sido a anfitriã de dez, a América de sete e, tanto a Ásia como a África de, apenas, um. O modelo desportivo europeu reconhece as federações desportivas como “um elemento chave de uma forma organizativa que garante a coesão desportiva e a democracia participativa”<sup>46</sup> e, talvez por isso as grandes competições tenham a Europa como o principal palco de actuação. A compreensão desta realidade torna-se fundamental na medida em que a organização dos

---

<sup>43</sup> SÉRGIO, Manuel, 2010.

<sup>44</sup> A ONU foi fundada em 1945, no final da II Grande Guerra.

<sup>45</sup> [www.fifa.com](http://www.fifa.com), *Missão e Estatutos*.

<sup>46</sup> CONSTANTINO, José Manuel, 2008:16.

grandes eventos desportivos tem nas federações desportivas o seu elemento central, regulador e, nos seus efeitos e responsabilidades, de carácter supranacional. Tendo na base o clube ou a associação desportiva as federações contribuem de forma indubitável para a construção de um facto social e cultural, o desporto, cuja importância é comumente e mundialmente reconhecida, essencialmente no final do século passado quando assistimos ao desenvolvimento do futebol em todo o mundo.

No primeiro dos periódicos analisados, o futebol era definido como uma actividade que utilizava “Dois pares de postes, ligados por uma barra horizontal (...) [onde] ouve-se um apito. As cores esbarram, cahem, rolam por terra.”. Sentia-se, cada vez mais, a necessidade de elucidar os iletrados desportivos sobre estas questões pois, no mesmo artigo considerava-se que “não compreende, elle, o homem do exterior, que sob esta desordem apparente se occulta um methodo sábio, se dissimula uma táctica estudada durante muito tempo...”<sup>47</sup>.

Ora, em Inglaterra, o futebol como jogo organizado comportando regras precisas foi, a pouco e pouco, constituindo-se codificado. Em Portugal, e à medida que este desporto se ia difundindo, sentiu-se a necessidade de educar espectadores, jogadores, árbitros, dirigentes e demais agentes desportivos. Os periódicos da época, quer do Continente Português quer da Madeira, tiveram a preocupação em educar, criando suplementos e rubricas especiais dedicadas às regras e ao sugerir modelos comportamentais adequados à prevenção de “eventualidades nada agradáveis e que estão fora da regra do jogo como se presenciou no ultimo domingo”<sup>48</sup>.

Cumulativamente, e no panorama português, o futebol está na base da crítica à sociedade. Diversos são os episódios presentes nos periódicos da época que, em tom satírico, comentam a actualidade, nomeadamente o jogo amador entre Doutores e Banqueiros que terminaria com vitória do segundo sobre o primeiro “o que prova mais uma vez que o dinheiro vence a justiça”<sup>49</sup>.

Sendo uma “forma original de cultura”<sup>50</sup>, o futebol vai desenvolver-se, em muito, devido à redução do número legal de horas de trabalho e à instituição do dia de descanso semanal. O Domingo, dia consagrado à religião e à família vai começar a ser partilhado

---

<sup>47</sup> *HM*, “O que é o foot-ball para os profanos”, 18/1/1911.

<sup>48</sup> *HM*, 17/1/1911.

<sup>49</sup> *SF*, 30/7/1923.

<sup>50</sup> TERRET, Thierry, 2007:7.

com o futebol, modalidade que numa visão marxista mais não faz do que reproduzir as formas e funcionamento das classes mais abastadas, promovendo e reproduzindo as desigualdades sociais existentes. Quando e na medida em que os valores promovidos pelo futebol – higiénico, mutualista, militar, cívico, lúdico, educativo – apresentam características republicanas, não seria de estranhar que tenha assumido tamanha grandeza e prosperidade desde os primeiros anos do séc. XX<sup>51</sup>.

Coexistindo com o ténis, com o atletismo e com a natação, o futebol foi, desde sempre, a actividade física mais relevante, movimentando multidões e monopolizando a atenção e o interesse quer de praticantes quer de adeptos. Compreendê-lo como objecto de estudo de investigações históricas e sociológicas torna-se, então, fundamental.

### 1.3.2.Os clubes desportivos

“Todo o bom clubista será sempre um bom cidadão”

*O Desporto*, 30/10/1919.

Afirmar que são os clubes que asseguram a prática da actividade desportiva torna-se ocioso. Neste âmbito e conquanto tenhamos já abordado a questão gostaríamos de acentuar a importância do futebol enquanto representação máxima do desporto. Mais do que cânticos ensaiados, ondas gigantes, caras pintadas e bandeiras a esvoaçar, o futebol é, em muitos casos, a razão pela qual se fundam e se desenvolvem clubes desportivos, um pouco por todo o mundo. Os calendários desportivos e suas particularidades vão determinar a vida dos agentes e dos protagonistas do espectáculo desportivo, em especial, a do clube e a dos seus membros unidos por sentimentos e emoções.

Para Anthony Giddens, sociólogo britânico que estudou a modernidade e seus impactos na sociedade, a dimensão clubista é fundamental e assume um grande peso num nível de representação e identidade social surgindo, *ab initio*, como novo espaço de participação cívica e ignorar o seu papel na socialização dos indivíduos seria errado<sup>52</sup>.

Compreender um clube ou associação desportiva como uma empresa é uma prática recente, se bem que em 1924 o Marítimo era, já, referenciado como “uma arrojada

---

<sup>51</sup> Idem: 40.

<sup>52</sup> Na obra *As Consequências da Modernidade* Anthony Guiddens dedica-se à análise das transformações sociais do séc. XX.

empresa merecedora de muito aplauso”<sup>53</sup>. São inúmeras as particularidades que os distinguem, nomeadamente a visão face ao lucro, “a voluntariedade de inscrição, a orientação conforme os interesses dos sócios, independência relativamente a terceiros, estrutura democrática de decisão e trabalho voluntário”<sup>54</sup>. Heinemann, apesar das diferenças entre ambos, afirmava que “um clube desportivo é uma empresa económica: produz bens e, portanto, tem que cuidar das receitas e das despesas, investir, planear, organizar e negociar mercadorias.”<sup>55</sup>.

A filiação num clube desportivo é voluntária. Ninguém, quando nasce, tem qualquer tipo de obrigatoriedade em integrar um clube em detrimento de um outro ou, até mesmo, de nenhum. Ao contrário do que acontece hoje, durante muitos anos, esta filiação era extremamente controlada, passava por inúmeros procedimentos e eram analisados diferentes parâmetros. Se os clubes podem ser considerados como organizações de filiação voluntária, a partir do momento em que o indivíduo opta por tornar-se ou permanecer sócio, a decisão acaba por assumir contornos de obrigatoriedade. Do sócio é esperado que contribua, a vários níveis, para o progresso e desenvolvimento do mesmo através, por exemplo, do pagamento de quotas, fundos que durante muitos anos foram a única fonte de receita dos clubes. Aos poucos, abriu-se uma grande variedade de novas receitas, nomeadamente, os subsídios, a venda de bens e serviços, os donativos e patrocínios, o mercado de jogadores, a publicidade e os direitos de imagem, propriedade e de transmissão.

A função de um clube que participa e vence uma competição nacional é, entre outros, unir a região, localidade ou cidade. Como tal, e tendo em consideração que foi o futebol que proporcionou a fundação de inúmeros clubes e associações desportivas na Madeira, interessa a este tipo de agremiação angariar e despertar interesse na maior parte de pessoas possível. Um clube não será a mera soma de indivíduos. É uma estrutura, construída pelo Homem, com diferentes dimensões, inserção social e influência com a principal missão de “formar o Homem, fornecendo resposta às suas necessidades mais profundamente humanizadoras”<sup>56</sup>, contribuindo para a construção da cidadania participativa e da

---

<sup>53</sup> SF, 30/4/1924.

<sup>54</sup> HEINEMANN, Klaus, 1988:3.

<sup>55</sup> Idem:4.

<sup>56</sup> CARVALHO, Melo de, 2001:17.

democracia. Esta será, de facto, a maior e mais importante finalidade do clube desportivo enquanto dinamizador cultural com função social e identitária.

A sociedade encontra-se dividida e organizada em pequenos núcleos que nos acompanham desde a maternidade até à capela mortuária. Família, escola, vizinhança, localidade, escuteiros, clubes desportivos e muitas outras células são fundamentais e cruzam-se nas esferas económicas, políticas, sociais e culturais. Defendendo ideais, o clube só assume verdadeiro sentido se tiver significado próprio mas operacionalização colectiva que “exerce influência (...) como expressão de uma sociabilidade geral (...) procurando alcançar um objectivo”<sup>57</sup>. Ora, se analisarmos os primeiros estatutos dos clubes, objecto do nosso estudo, corrobora-se esta ideia: a existência do clube tendo em vista o convívio e a actividade física e mental dos indivíduos – homens, essencialmente – e onde conceitos como sociabilidade, convivialidade, liberdade, criatividade, solidariedade, promoção e associativismo são elementos escritos nas entrelinhas.

O clube desportivo entendido como fonte de lucro constitui um espaço ainda em construção e afirmação. Um pouco por todo o mundo a crise do associativismo vão interferir com a missão, finalidade e objectivos dos clubes desportivos. Consequências ou não da modernidade e do estado da sociedade actual, estes novos objectivos encontram-se muito distantes dos originais sem que tal signifique que a união duradoura e organizada de pessoas para a persecução de benefícios e objectivos comuns tenha deixado de existir e/ou de fazer sentido. Inicialmente constituídos pelo convívio e divertimento os clubes vão evoluir e adquirir novas feições.

O carácter lúdico do desporto foi perdendo sentido, o carácter pedagógico foi desvalorizando e foi diminuindo a sua importância como meio promotor de saúde. Se, inicialmente, ao desporto e ao clube que o promovia competia o “desenvolvimento da energia humana, o físico, a mente, *men sano in corpo sano*”, no respeitante à sua influência na sociedade, promover a diversão e convívio pois “enquanto a gente se preocupa, por exemplo, com o resultado de uma renhida partida de futebol (...) não se preocupa com os males da engrenagem social que, aliás, não teem remedio”<sup>58</sup>, com o passar dos anos esse papel altera-se, adquirindo um elevado grau de complexidade.

Enquanto espaço organizacional de oferta desportiva, o clube desportivo, acaba por ser uma resposta social às necessidades humanas, um local onde a identidade local é

---

<sup>57</sup> Idem:123.

<sup>58</sup> *SF*, 23/6/1926.

preservada e reforçada sendo, por tal, a célula principal de todo o sistema desportivo. Por tudo isto enfatizamos a importância e relevância do seu estudo, análise e compreensão.



“Finalmente lembrem-se o que o Sr. Humberto Passos disse em tempo, ser *sportsman* não é só dar *kicks*, jogar o tennis, remar e dançar... é preciso também ser cavalheiro.”

*HM*, 3/5/1914.

Partindo do ano da fundação até ao período da implantação do Marítimo, Nacional e União como verdadeiros agentes socioculturais e desportivos interessa-nos aferir, através da análise do contexto sociopolítico da época, dos primeiros estatutos e preocupações aí expressas, das primeiras manifestações de carácter social e cultural e dos primeiros contactos com a sociedade relatados pelos periódicos da época, quais os factores condicionantes e estruturantes do seu desenvolvimento.

Caracterizado pela instabilidade regional, nacional e até mundial, causadas pelo Ultimato Inglês, pela ressaca da Implantação da República e, quatro anos mais tarde, pela Grande Guerra, o período em estudo constitui-se de difícil análise.

## **2.1. A turbulência da Primeira República: do país ao mundo**

Nas últimas décadas do séc. XIX o descontentamento da população portuguesa era notório e crescente, situação que os sucessivos governos da monarquia liberal não conseguiram resolver fazendo com que a agitação política e a rápida difusão dos ideais republicanos fizessem cair a Monarquia.

A finada Monarquia portuguesa, durante anos, fora continuamente atacada pelos republicanos nacionalistas mas a situação da Coroa piorou principalmente após o famoso ultimato inglês que veio deitar por terra o projecto de união de Angola a Moçambique, conhecido como *Mapa Cor-de-Rosa*, com a conquista do sertão africano. Os primeiros dirigentes republicanos consideraram a manutenção das colónias como uma prioridade, distanciando-se, assim, da imagem de incapacidade que Portugal tinha na Monarquia.

A desacreditação e o descontentamento relativamente ao poder político central cresceram. Os sucessivos governos, o assassinato de políticos influentes e a permanente crise política impediram a resolução dos problemas económicos e financeiros do país, nomeadamente a inflação, a desvalorização da moeda, a dívida pública (interna e externa) e o desequilíbrio orçamental.

A visita do rei D. Carlos em 1901, acompanhado pela Rainha D. Amélia, pelo chefe do Governo e por uma imensa comitiva, não surtiu no povo madeirense, em especial no Funchal, o efeito desejado pela Coroa. Apesar da euforia e do ambiente acolhedor com que foi recebido, o monarca viu declinadas as ofertas de títulos nobiliárquicos a ilustres da ilha, bem como um comportamento neutral da elite política funchalense face às incursões

republicanas. Esta tendência neutral do Funchal, muito embora existissem apoiantes de ambas as partes, possibilitou uma aceitação pacífica e natural da implantação da República apenas nove anos mais tarde.

Se a política em relação às colónias se pautou por incursões militares e estabelecimento de novos corpos de gestão, as chamadas *Ilhas Adjacentes*, em particular a Madeira, foram alvo de uma modernização urbanística apoiada pelo governo central, especialmente no período da Grande Guerra. Logo a partir de 1913 (muito embora algumas das obras tenham tido início já em 1911)<sup>59</sup> o *Plano de Melhoramentos* da cidade do Funchal, projectado e faseado pelo Arquitecto Ventura Terra, transformou o Funchal, progressivamente, numa cidade moderna. O *Plano*, baseado na crescente importância turística da cidade e da ilha, pretendia a abertura de amplos espaços, a construção de infra-estruturas de lazer e acessos rápidos entre o centro e as zonas periféricas (especialmente a freguesia do Monte, onde se encontravam vários sanatórios de média e grande altitude), cortando com o urbanismo de burgo medieval amuralhado e aproveitando ao máximo a beleza do anfiteatro natural aberto para o Atlântico. Este *Plano* não chegou a ser concluído devido à situação a que tinham chegado as finanças devido ao esforço de guerra e miséria geral que se instalara pelo país.



**Ilustração 1 - Planta da cidade do início do séc. XX, onde é notório o espaço que o Campo D. Carlos I ocupa.**  
Museu Vicentes/Cedida por Rui Carita

Em face do panorama político nacional a própria toponímia seria alterada para nomes que ainda hoje se mantêm. A título de exemplo, e como refere a edição do *DN* do dia 28/10/1910, a *Rua do Príncipe* mudava para *Rua 5 de Outubro*, a *Rua da Princesa* mudava

<sup>59</sup> CARITA, 2008.

para *Rua 31 de Janeiro*, o *Jardim D. Amélia* mudava para *Jardim Municipal*, a *Praça da Constituição* mudava para *Praça da República*, o *Teatro D. Maria Pia* mudava para *Teatro Dr. Manuel de Arriaga* e, depois, para *Teatro Funchalense* e o *Campo D. Carlos I* mudava para *Campo Almirante Reis*, se bem que em 1952 e 1955 ainda se encontrem referências, nos periódicos, ao nome antigo.

A própria bandeira nacional a adoptar ocupava as primeiras páginas dos jornais da época e, ao contrário do que noticiara o *DN* de 14/10/1910, esta não seria “exactamente como a anterior só com a diferença da coroa real ser substituída pela esfera armillar”. Esta viria a obedecer ao proposto por Teófilo Braga, contudo, eliminando a Cruz de Cristo<sup>60</sup>. Apesar de se viver uma série de factos e acontecimentos de relativa instabilidade a esperança no futuro vigorava. “ (...) se a nova forma de governo vem trazer a salvação do nosso paiz o bem-estar e o engradecimento da nossa pátria, bem vinda seja”.<sup>61</sup>

Dependente do Continente Português a Madeira via a sua situação, a vários níveis, agravar-se. Ao longo dos vários séculos assistimos a uma dependência muito marcada a uma só indústria. O açúcar, o vinho, os cereais e o turismo foram os grandes motores da economia regional, contudo, em muito dependentes da sua própria fragilidade. Tendo presente que o progresso e o desenvolvimento fazem-se da diversidade, desde cedo, se adivinhou que a queda de produção de uma indústria resultaria em graves problemas económicos e sociais. Um artigo de primeira página do *HM* datado de 18/1/1914, dava conta da decadência económica da ilha da Madeira, referindo que, apesar de se ter apostado nas vias de comunicação construindo cerca de “15 kilometros de estrada deixara-se o filoxera devastar as vinhas introduzidas pelo Infante D. Henrique [e] tinha-se fomentado o alcoolismo e o depauperamento da raça...”.

Assiste-se a dois grandes momentos de emigração<sup>62</sup>, não só fomentadas pela crise nacional como também pela crise regional, traduzida na crise de produção do vinho, na fome e na pobreza. Durante o século XIX e início do século XX, os emigrantes madeirenses dispersaram-se fundamentalmente pelas Américas Central e do Sul e, em menor escala, pela América do Norte<sup>63</sup>. A região foi, também, marcada por um movimento

---

<sup>60</sup> *DN*, 23/10/1910.

<sup>61</sup> *HM*, 6/10/1910.

<sup>62</sup> Os fluxos de emigração foram tão importantes a nível social e económico que foi tema recorrente da literatura madeirense, nomeadamente nas obras de Horácio Bento de Gouveia.

<sup>63</sup> CÂMARA, Benedita, 2002.

migratório do Norte para o Sul da ilha, bem como pela concentração populacional na Ilha da Madeira<sup>64</sup> em prol da Ilha do Porto Santo.

A reputação da ilha enquanto instância terapêutica sofre um grande revés com a cólera, doença que faz cancelar a *marathon race*<sup>65</sup>. De facto, neste período, as páginas dos periódicos da época dão grande ênfase a avisos, conselhos práticos, entrevistas e receitas caseiras para combater a doença que se espalha sem qualquer controlo, substituindo as notícias relativas à instauração da República e à Crise Universitária em Coimbra.

A Madeira viu aumentar as dificuldades de subsistência à mercê do conflito europeu. Um mar de tensões e problemas foram impulsionados pela guerra em que Portugal se envolveu em Março de 1916. A participação de Portugal na Grande Guerra, através do apoio às potências liberais de Inglaterra e França e a um Império Russo de regime autocrata, surge como a oportunidade de ouro para a afirmação do novo Portugal.

Passando por algumas dificuldades a Madeira não se encontrava em tão má situação se compararmos ao Porto Santo. Uma notícia do *DN* de 21/3/1916 dava conta de não haver “peixe fresco à dias, nem fósforos para vender, nesta ilha”. Limitações à venda de produtos, tais como o petróleo, eram frequentes. De forma a garantir a existência deste produto era pedido que se limitasse a venda a uma caixa por mercearia, como revela o *DN* de 4 de Março desse mesmo ano. Nesta mesma edição salienta-se o facto de ser garantido milho até o mês de Junho, mesmo que para tal o preço deste cereal aumente ligeiramente.

A Guerra Mundial perturbou completamente as economias nacionais e as trocas mundiais. Sendo a Europa o palco da guerra, assiste-se ao aproveitamento de países extra-europeus para impulsionar o seu desenvolvimento e arrebatar mercados às potências do velho continente europeu, incapacitados de realizar exportações<sup>66</sup>. Em 1921, as exportações britânicas tinham descido para metade do nível de 1913 enquanto as dos Estados Unidos haviam aumentado cerca de 22% e as do Japão 76%. Já durante a Guerra, nos países beligerantes, assistiu-se a um regime de restrições de guerra sobre as importações e exportações. De facto, o *DN* do dia 12/3/1916 anunciava que “os pedidos de importação de Itália só poderão ser atendidos pelo ministério dos estrangeiros trazendo a indicação exacta das quantidades do produto a importar e o seu peso em quilos”.

---

<sup>64</sup> PINTO, Maria, RODRIGUES, Teresa, 1990.

<sup>65</sup> *DN*, 8/12/1910.

<sup>66</sup> PRADA, Valentin, 1994.

No contexto político e ao contrário do que verificara anteriormente, no século XX na Madeira segue-se o que se fazia a nível nacional, contudo, o final do século XIX é marcado pela resistência ao que se passava no poder central. Sempre que se verificava momentos de crise, na Madeira havia propensão para ideias autonómicas tentando encontrar uma brecha para reivindicação. Vieira de Castro, no *DN* de 16/10/1910, afirmava que “a autonomia da Madeira seria um ideal pelo qual devem lutar todos os seus filhos legítimos e adoptivos”.

Em 1912 e no âmbito da 5.<sup>a</sup> Olimpíada de Estocolmo, a afirmação nacional, pelo desporto, tornava-se assunto de referência. Todos os países à excepção de Portugal e Espanha já haviam confirmado o envio de atletas pois estavam convencidos de que a competição representava o maior estímulo para a melhoria física das respectivas raças. Portugal ponderava, deste modo, a sua participação pois pese o facto de, por tal, sermos considerados um povo civilizado tem o “aspecto moral para a mocidade portuguesa que, tendo recursos físicos eguaes aos dos países mais adeantados, sente o desejo de se medir com campeões, para afirmar a qualidade de raça”<sup>67</sup>.

Era, então, peremptório marcar a posição de um país cuja estrutura interna, instável e sensível, poderia muito ganhar se Portugal fosse entendido como uma terra “de homens fortes, energicos e valorosos, (...) [e] o mundo ficará conhecendo que o portuguez pode ser um bom soldado, um bom colonizador e uma célula productiva no grande organismo social”<sup>68</sup>.

Estranhamente, o que de melhor se fez em Portugal durante estes anos teve lugar na cultura. Nesta época de inovação, criatividade e modernidade, assistimos a um emergir de consciência cultural nomeadamente na defesa do património cultural, na difusão da cultura e na emergência de escritores de grande relevo<sup>69</sup>. A primeira República teve como maior mérito o facto de apostar na educação de um país tradicionalmente analfabeto. Estabeleceu-se legislação educativa, construiu-se escolas, criaram-se as Universidades de Lisboa e Porto. Com a República, de facto, a educação atinge um interesse nunca antes vivenciado. Durante um período de mais de cem anos o povo ilhéu mantinha uma sociedade de crescente riqueza, mas predominantemente inculta e analfabeta. Apenas os que

---

<sup>67</sup> *HM*, 19/1/1912.

<sup>68</sup> *Idem*

<sup>69</sup> PEREIRA, Antonino, 2001: 8.

se aventuravam a seguir estudos longe da ilha (frequentando o Estudo Geral em Coimbra, por exemplo) beneficiavam de uma formação mais completa<sup>70</sup>.

As actividades físicas começam, a pouco e pouco, a ser alvo do interesse das elites, passando a ser entendidas como “um meio importante a utilizar na educação e saúde”<sup>71</sup> fazendo com que, o desporto fosse entendido como capaz de “criar energias (...) nivelar fisicamente pelo mais alto, o valor dos homens em geral; e difundi-lo não é trai-lo...”<sup>72</sup>.

Durante a Primeira República houve uma aparente quietude política. Mas os sentimentos reivindicativos cada vez maiores e a intenção de uma emancipação regional face ao esquecimento do poder político central fazem com que surjam condições favoráveis ao germinar de agremiações desportivas, sociais e culturais. E é neste fervilhar de tudo, que nascem e crescem o Club Sport Marítimo, o Clube Desportivo Nacional e o Clube Futebol União.

## **2.2. Os clubes desportivos na Madeira: Princípios fundamentais, missão e objectivos**

“Acaba de inaugurar se nesta cidade um novo club destinado a promover jogos de bolla, havendo grande entusiasmo da parte dos respectivos membros para que se divulgue nesta cidade”.

*DN*, 30/9/1910.

Se havia notícia que se repetia inúmeras vezes no período em análise seria, sem dúvida, o surgimento constante de clubes ou associações desportivas devido, em muito, ao desenvolvimento da prática do futebol “algumas das quaes (...) não tinham nem teem ainda a sua organização devidamente legalizada”<sup>73</sup>.

Ao longo das edições dos periódicos consultados, entre 1910 e 1926, encontrámos notícias quanto à existência e à inauguração de cerca de 40 clubes<sup>74</sup> que, da mesma forma abrupta como surgem, têm tendência a desaparecer. Surgem também 14 núcleos desportivos, sem carácter associativo, para a ocupação de tempos livres e para a prática do futebol. Grupos como *Leacock & C.<sup>a</sup>*, *Team Aviso 5 de Outubro*, *Regimento Infantaria 27*,

---

<sup>70</sup> A saída da Ilha para prosseguir estudos em Lisboa ou em Coimbra era tão importante que a partida e regresso, mesmo que apenas para férias, eram notícia de jornal.

<sup>71</sup> *Idem*:11.

<sup>72</sup> *SF*, 31/12/1924.

<sup>73</sup> *HM*, 21/5/1914.

<sup>74</sup> Vide Anexo 1.

equipas dos Cruzadores Ingleses<sup>75</sup> *S. Gabriel*, *Pandora* e *Vindictive* e equipas formadas para participação em campeonatos inter-jornais<sup>76</sup> são, disso, exemplo. Ao compararmos com o período compreendido entre 1945 e 1955, concluímos que apesar de encontrarmos referências a 30 novos clubes, apenas 8 se mantêm em actividade desde o período anterior. Isto significa que, dos cerca de 54 clubes/equipas que surgiram na Madeira durante a Primeira República, a larga maioria já desaparecera passadas duas décadas<sup>77</sup>.

A primeira década do século XX foi uma época em que, por todo o país, surgem inúmeros clubes com o desejo de agremiação de comunidades de pessoas para a prática desportiva e pelo convívio.

A tendência a unir-se em torno da profissão que exercem é comum. O *Club Sport Marítimo* nasce da gente do mar, valorosa e sadia<sup>78</sup>, o *Novo Club Liberal* era composto por operários, o *Grupo Sportivo Continental e Madeirense*<sup>79</sup> fazia-se representar, em larga escala, pela classe tipográfica da cidade e o *Sporting Club Académico* seria composto exclusivamente por estudantes do Liceu.

Tendo como principal objectivo o desenvolvimento físico dos seus sócios, através do futebol, clubes como *Club de Foot-ball Funchalense*, *Grupo Sportivo Continental Madeirense*, *Grupo Sportivo Atheneu Commercial*, *Club Sportivo Mello Correa*, *Novo Club Liberal*, *Grupo Sportivo do Grémio*, *Grupo Sportivo Operário Funchalense* e *Grupo Sportivo Académico*, *Nacional Sport Grupo*, *Club Foot-ball União* e *Club Sport Marítimo* surgem, também, no sentido de promover diferentes actividades desportivas – terrestres e náuticas - excursões de recreio e convívios.

Com o objectivo de alertar e de combater a vida sedentária da população portuguesa a imprensa da época alertava para “os velhos ginastas como se apresentam, alguns com

---

<sup>75</sup> O *HM* de 17/2/1912 dava contas que, desde o dia 1 de Janeiro até à data, teriam entrado no Porto do Funchal 147 embarcações de diversas nacionalidades.

<sup>76</sup> No torneio inter-jornais estaria em disputa uma taça de prata. A 5/5/1926, o *SF* notícia que a equipa vencedora foi o *DN*.

<sup>77</sup> Para a listagem dos clubes referenciados entre 1945 e 1955 vide Anexo 2. Face à dificuldade em enumerar com exactidão todos os clubes amadores, não amadores e profissionais que existiam em Portugal, entre 1974 e 1987/88, guiámo-nos pelas tabelas resumo dos resultados das jornadas que, semanalmente, saíam nos periódicos. No *DN* de 1/5/89, na última época desportiva em análise, o Campeonato Nacional da II Divisão em Portugal reunia 60 equipas divididas por três zonas (Norte, Sul e Centro) e o Campeonato da I Divisão reunia 20 equipas, entre as quais, o *Marítimo*. Na Madeira, contabilizam-se 26 os clubes a competir nas provas regionais, contudo, muitos outros clubes e associações desportivas continuavam a existir e a surgir.

<sup>78</sup> *DN*, 2/7/1946.

<sup>79</sup> Em 1911 contava com 160 inscrições “fazendo-se representar, em larga escala, a classe typographica da cidade”. *HM*, 19/3/1911.



mais de 50 anos, envergonhando com elegância natural e maleabilidade muscular, rapazes de 25 e 30 anos”<sup>80</sup>.

Conhecer a génese dos clubes, seus princípios fundamentais, missão, finalidades e objectivos é tão fundamental como difícil. Surgindo com objectivos e regras muito próprias e apesar de dedicar-se a outras actividades desportivas e culturais, os clubes surgem essencialmente do/e para o futebol. Uns carregam essa intenção no próprio nome, outros nos seus estatutos e outros, ainda, na forma como se apresentam ao público.

Embora surgissem para promover grandes excursões associativas, tendo na sua primeira linha de conduta a cultura dos diferentes desportos, tais como futebol, ciclismo, natação, esgrima, box, luta romana, ginástica, ténis, regatas e corridas pedestres, a maioria das notícias presentes nos diversos periódicos da época referem quase exclusivamente o futebol seguido do ténis e da natação.

Apesar de se caracterizar como um local sereno, calmo, longe da azáfama das grandes metrópoles no Funchal “as iniciativas [desportivas] superabundavam (...) após terem aparecido, se não estamos em erro, em 1898, os primeiros futebolistas, tripulantes do inglês *Roma*”<sup>81</sup>.

A 11/8/1909 eram lançadas as bases para a fundação da primeira colectividade desportiva, o *Club Sports da Madeira*, quando o distinto *sportsman*, Humberto dos Passos Freitas trouxe de Inglaterra o gosto e uma bola de futebol, com o intuito de formar um clube, reunindo um grupo de desportistas para praticar uma actividade “contra o alcool e o melhor do desenvolvimento da moralidade e hygiene”<sup>82</sup>. Pouco tempo depois, Cândido Rodrigues “toma a iniciativa da organização dum onze reunindo alguns elementos da classe marítima (...) ficando assente a sua constituição”<sup>83</sup>, o Marítimo.

Nada melhor do que a leitura apurada dos primeiros estatutos dos clubes, elaborados pelos sócios fundadores, para compreender os ideais que norteiam, até hoje, o rumo dos diferentes e inúmeros clubes e associações, bem como os ideais da época em que surgiram. A forma como eram admitidos os sócios, como eram definidos os direitos e deveres dos mesmos, as sanções a que estavam sujeitos, o fundo social de receitas e despesas dos

---

<sup>80</sup> DN, 16/3/1916.

<sup>81</sup> O Desporto, 15/11/1923.

<sup>82</sup> Club Sports da Madeira, número único, 15/1/1924.

<sup>83</sup> O Desporto, 1/1/1923.

clubes e o funcionamento interno de toda uma estrutura formal eram pontos obrigatórios em todos eles.

Surgindo a 20 de Setembro de 1910<sup>84</sup>, o Marítimo é estatutariamente definido como um clube desportivo “cujos fins são proporcionar todos os meios tendentes ao desenvolvimento physico dos associados, sustentando aulas recreativas e todos os exercicios sportivos e recommendados pela hygiene”<sup>85</sup>.

O Nacional surge, também, com a intenção de fomentar a actividade desportiva dando especial ênfase à:

“ educação intellectual dos seus associados conservando e desenvolvendo a sua biblioteca e gabinete de leitura, pela aquisição de livros, revistas, jornaes e outras publicações literarias, bem como a realização de reuniões familiares, palestras, conferencias scientificas e desportivas”<sup>86</sup>.

O clube desportivo - o Marítimo - e a sociedade desportiva - o Nacional - vêm nascer uma associação de recreio, o *União Foot-Ball Club*, “cujos fins são exercicios desportivos, nauticos e terrestres”<sup>87</sup>. De salientar que a vertente náutica deste clube, fortemente contemplada nos estatutos a que tivemos acesso, quer por fixar o registo das embarcações e material adquirido, quer pelas provas e concursos desportivos, não se materializa ou não são acompanhados e divulgados pelos periódicos consultados.

Já aqui mencionámos por que razão estes três clubes nasceram deixando, apenas, um toque ligeiro quanto à forma como o fizeram. Curiosamente, os três clubes surgem resultado de desavenças ou desejo de autonomia entre colectividades e/ou jogadores constituído, sem dúvida, o *leitmotiv* das rivalidades e clubismos exacerbados que vamos sentindo, com menor ou maior expressão, ao longo dos 100 anos de existência. O Marítimo surge do *Clube Português de Sport Marítimo* do qual há vestígios já em 1908 mas cuja notícia do *HM*, apenas a 27/8/1910 dá conta da sua criação legal e constituição dos seus órgãos sociais. De salientar, nessa lista, as presenças de Cândido Gouveia e de João da Costa que, nem um mês depois, fundam o Marítimo. Cremos que, face à forte rivalidade face ao Madeira, criado em 1909, e por algum tipo de desavença, Cândido Gouveia tenha

---

<sup>84</sup>As únicas encontradas no que concerne à data de fundação dizem respeito aos aniversários que são publicitados nos anos seguintes.

<sup>85</sup> Estatutos do *Club Sport Marítimo*, 17/5/1911.

<sup>86</sup> Os primeiros Estatutos do Nacional aos quais que tivemos acesso datam de 1927, ano da inauguração do *Stadium* dos Barreiros. Ao contrário dos do Marítimo, que são manuscritos, estes encontram-se dactilografados num equipamento inglês. Isto porque, além de termos encontrado publicidades a “máquinas inglezas” nos diversos periódicos analisados os caracteres tipicamente portugueses - cedilha, til, acentos - encontram-se colocados manualmente.

<sup>87</sup> Estatutos datados de 22/11/1923.

reunido um conjunto de indivíduos para criar um novo clube, deixando de existir o *Clube Português de Sport Marítimo*, o embrião do actual Marítimo.



**Ilustração 2 - Jogo no Campo D. Carlos I, possivelmente, datado de 1908/1909.  
Cedida por Rui Carita.**

O Nacional surgiu da vontade colectiva e intenção de independência em relação ao Ateneu Comercial local onde, à semelhança dos clubes que vão surgindo por toda a Europa, encontram-se pessoas para discutir a actualidade, estabelecer relações pessoais, profissionais e de influência e ouvir as mais recentes notícias. Assistindo a jogos protagonizados pelos ingleses a residir na Região, um conjunto de rapazes forma uma equipa sob o patrocínio do Ateneu Comercial do Funchal<sup>88</sup>.

Do Campo do Brás ao Campo dos Pinheiros foi uma questão de tempo e o grupo de rapazes rapidamente se tornou no *Nacional Sport Grupo*. Ao sentir-se demasiado dependentes e face à intenção do Ateneu Comercial em anexar “os miúdos” o grupo de rapazes, liderado por Antonino Figueira, volta a reunir-se nos bancos de jardim. Esta cisão lança alguma controvérsia sendo usada, ainda hoje, em discussões e rivalidades clubistas<sup>89</sup>. O argumento utilizado centra-se na premissa de que o Nacional não nasceu em 1910, ideia partilhada por Geraldo Melim<sup>90</sup> que considerava que a imagem abaixo, veiculada como

<sup>88</sup> De acordo com notícia do *HM* de 7/12/1913 o Ateneu Comercial comemora nesse ano o seu 15.º aniversário – a 8/12 – pelo que terá nascido em 1898.

<sup>89</sup> Nas quezílias clubistas, a resposta dos nacionalistas quanto à data de fundação do clube é dada indagando os rivais quanto ao número de anos que o Marítimo esteve encerrado, 1914 e 1933.

<sup>90</sup> Membro da primeira equipa do *Nacional Sport Grupo*.

sendo a primeira equipa do Nacional seria “apenas o *team* infantil do Ateneu no jogo”<sup>91</sup>, publicitado pelos periódicos da época, “entre ‘pleiars’ de 12 anos de idade do Atheneu Commercial e um grupo de alumnos do nosso lyceu”<sup>92</sup>. Muitos alegam que o Nacional apareceria muito após o União, contudo, a nossa pesquisa contraria esse fundamento.



**Ilustração 3 - Nacional Sport Grupo - 1910**  
Arquivo C.D. Nacional

A primeira referência que encontrámos sobre o *Nacional Sport Grupo* surge a 15 de Setembro de 1911, no *HM*. A 14 de Novembro de 1916, *O Povo*, revelava que seriam aprovados os estatutos do clube que teriam sido “por unanimidade bem como a nova bandeira proposta por Carlos Figueira”. Em 1917<sup>93</sup>, anunciava-se o 7.º aniversário do clube já sob a designação de *Grupo Desportivo Nacional*.

O *União Foot-ball Club*, cuja nomenclatura deixava clara a intenção maior da sua origem, surge, também, na Rua de Santa Maria, fruto de uma contenda entre membros que integravam a equipa do Grupo União Marítimo, uma equipa de infantis que era “constituído por jovens do Almirante Reis”<sup>94</sup>.

Era uma equipa associada ao Marítimo até ter existido uma discussão em torno da compra, sem autorização, de duas “balizas [que] custaram dois escudos e setenta centavos! Pertencentes ao entretanto extinto Clube Operário Madeirense”<sup>95</sup>.

---

<sup>91</sup> *DN*, 22/5/1988.

<sup>92</sup> *HM*, 8/12/1911.

<sup>93</sup> *DM*, 7/12/1917.

<sup>94</sup> *DN*, 3/11/1988.

<sup>95</sup> Notícia do *DN*, 3/11/1988. Todavia, na obra *História do Club Sport Marítimo: 1910-2010*, da responsabilidade de Deodato Rodrigues, a desavença devido às balizas não reside no facto de ter existido



**Ilustração 4 - Primeira equipa do União Foot-ball Club**  
Arquivo familiar.

Dessa discussão resultou a separação da equipa tendo César da Silva<sup>96</sup> levado para a sua casa a primeira sede do União Foot-ball Club, a 1/11/1913. Uma notícia d'*O Povo* de 22/4/1917 anunciava mais um aniversário do União não em Novembro mas, sim, a 18 de Abril, “comemorando esse dia a respectiva direcção oferece hoje uma festa aos seus sócios. que promete decorrer no meio de grande animação”. Contudo, julgamos ser um engano ou um aniversário que por algum impedimento não pôde ser comemorado pois todas as outras referências encontradas assinalam como aniversário do clube o dia 1 de Novembro.

#### 2.2.1- A impressão digital colectiva: os símbolos dos clubes desportivos

Os símbolos – bandeira, logótipo e hino – são parte integrante da história das colectividades. Meios de identificação colectiva são eles, muitas vezes, que nos dão pistas sobre os seus feitos e origens, bem como o espaço onde estão inseridos. O indivíduo, o jogador desaparece no todo do grupo, pelo sentimento de unidade e de pertença ao colectivo, representado pelo equipamento, pelas cores, pelos símbolos.

O símbolo original do Marítimo muito nos diz sobre a origem do mesmo e a que actividade profissional se dedicavam os primeiros jogadores. Além de ter dado o nome ao clube, os signos icónicos presentes no logótipo remetem-nos para a classe marítima da Rua

---

uma compra não autorizada mas, sim, por reclamarem a propriedade das balizas por, alegadamente, ambas terem efectuado o seu pagamento.

<sup>96</sup> O último jogador na fila, em pé, à direita.

de Santa Maria. Um remo, uma pá, uma bóia, uma âncora e uma bandeira com as iniciais do nome do clube, partilham o espaço com uma bola de futebol primitiva.



**Ilustração 5 - Evolução do Logótipo do Club Sport Marítimo**  
**Fonte: Sítio Oficial do Club Sport Marítimo.**

Apesar de ostentar no nome a palavra *Sport*, o Marítimo deixa claro, pelo logótipo, qual a modalidade pela qual nasceu e vai solidificar a sua presença no universo desportivo regional e nacional.

A primeira bandeira, da qual se desconhece a autoria, apresenta características que, hoje, lhe dariam a designação de galhardete. De forma triangular, o verde e o vermelho apenas aparecem nas listas, junto às margens. Esta bandeira seria alterada, como anuncia o *DM* na edição de 3/3/1918, afirmando que “Consta-nos que vai ser inaugurada por ocasião do desafio de hoje (...) uma nova bandeira do Club Sport Marítimo.”

Na época em que o Marítimo participa na primeira prova oficial da Madeira – 1916/1917 - via alterado o seu símbolo, da autoria de José Inês Ramos<sup>97</sup> onde o único elemento repetido seria a bola de futebol. Todos os elementos ligados à actividade marítima constantes no logótipo anterior seriam substituídos pelo leme “ultrapassando a vulgaridade com que a âncora era então utilizada”<sup>98</sup>. Esta presença seria também referenciada num dos quatro hinos/marchas que se conhecem, nomeadamente na *Marcha do Marítimo*<sup>99</sup>, “Desde a terra-mãe/Até o Ultramar/Nosso leme tem/De lutar, lutar”. A inclusão do leão, o rei da selva, seria justificada pelo facto do Marítimo ser o rei, o

<sup>97</sup> RODRIGUES, Deodato, 2000.

<sup>98</sup> Idem: 388.

<sup>99</sup> Na pesquisa efectuada encontrámos quatro hinos/marchas. Três na obra de Deodato Rodrigues, *História do Club Sport Marítimo: 1910-2010* e uma na edição d’ *O Desporto* de 15/6/1918. Sendo este um periódico da propriedade do Marítimo, consideramos curioso que o *Hino do Marítimo* aqui divulgado nunca tenha chegado até à actualidade. As outras três encontram-se em Anexo 3.

campeão das ilhas. Anos mais tarde, Adelino Rodrigues convidava Max Rommer para redesenhar o leão, razão pela qual conseguimos encontrar mínimas diferenças entre os leões utilizados. Este símbolo manter-se-á até hoje, se bem que construído com base em traços modernos.

As cores representativas do clube seriam a “verde e rubra numa clara afirmação de uma classe que aspirava a outra situação de progresso e bem-estar”<sup>100</sup> e por oposição ao seu rival, *Club Sports Madeira*, que adoptaria as cores azul e branco, as da Monarquia. O nome, esse, manter-se-ia inalterado, até hoje, optando por não adoptar o “Clube” em detrimento de “Club” e “Desportivo” em detrimento de “Sport”.

Apesar de existir uma marcha<sup>101</sup>, uma saudação e um cântico de exaltação ao Marítimo preferimos aqui transcrever a publicada n’*O Desporto* de 15/6/1918, desconhecida e intitulada *Menus sana in corpore sano*, por considerarmos resumirem os princípios orientadores da existência desta colectividade secular:

“Mocidade, mocidade  
A velha Grecia imitai  
Educai o vosso espir’to  
Do vosso corpo cuidai

Como os lusos d’outra era  
- bravos lutando até a morte!  
Façamos grande esta pátria  
Com o fomento do desporte.

Da pátria lusa e heroica  
Somos nós a raça forte  
A vitória será nossa  
- os obreiros do desporte.”

O Nacional viu o seu primeiro emblema ser desenhado por Carlos Figueira, irmão do sócio fundador, Antonino Figueira. Apesar de não encontrarmos qualquer imagem sobre ele, Antonino Figueira, no boletim especial comemorativo dos 50 anos do clube, *O Nacional*, referia que “o emblema ou as insígnias eram uma folha de trevo com as iniciais N.S.G. sobre uma bola, chuteiras, caneleira de cricket e raquete”.

Apesar de procurarmos em diversos arquivos não conseguimos encontrar tal imagem. Todavia, a existência deste primeiro logótipo é tão possível quanto um outro que, aparentemente, existiu e do qual não há registo sem ser uma notícia do *SF* de 23/4/1924

---

<sup>100</sup> CARITA, Rui, 2010: 95.

<sup>101</sup> Marcha entoada, pela primeira vez, na recepção apoteótica à equipa verde-rubra após 70 dias em África.

anunciando que “uma casa da nossa cidade, de artigos desportivos está bastante descontente por ter mandado fazer cintos com os emblemas de todos os grupos madeirenses e o Club Desportivo Nacional tel-os mudado”.

O logótipo que se conhece será em forma de um escudo, tal como o do União, com fundo branco e listas pretas e brancas tendo, no cimo, inscrito as iniciais do Clube. Fugindo às cores da república e às da monarquia, o clube adopta o branco, cor que reúne e resulta da sobreposição de todas as cores e o preto, a total ausência de cor.

Num equilíbrio entre a pureza, perfeição e luxo e sofisticação, este logótipo mantém-se até à década de 90, época em que uma circunferência com as cores da cidade do Funchal – roxo e amarelo - com as inscrições *C.D.Nacional* e *Madeira* e duas bolas de futebol juntam-se ao anterior.



**Ilustração 6 - Evolução do Logótipo do Clube Desportivo Nacional**  
**Fonte: Álbum do Centenário do Clube Desportivo Nacional.**

Ao contrário do Marítimo, cuja ligação ao futebol é assumida desde o primeiro logótipo, no Nacional essa intenção só se concretiza após 80 anos de existência.

Carlos Figueira foi quem fez o primeiro estandarte do clube. Simbolizando invulgaridade, sobranceira e fortaleza, escolheu o condor, ave com plumagem preta e de asas esbranquiçadas<sup>102</sup>, símbolo agora utilizado nas distinções honoríficas a atribuir a sócios cujo mérito tenha, de alguma forma, engrandecido o clube.

“Rapazes do Nacional  
Cantai a nossa Marchinha  
Cantai com todo o calor  
P'ra animar nossa gentinha

---

<sup>102</sup> *O Nacional*, 8/2/1957.



Defendemos nosso brio  
Com orgulho e altivez  
Porque somos  
Desta raça  
Deste povo Português

Nacional  
Clube da nossa Simpatia  
Nosso ideal  
É lutar com galhardia<sup>103</sup>

Quando no campo entramos  
Com os nossos jogadores  
Vê-se vibrar nossa gente  
Aclamando nossas cores

Sentimos dentro de nós  
Ter qualquer coisa de novo  
Porque somos com vaidade  
A alma do nosso povo.”

A Marcha, única que se conhece, da autoria dos Irmãos Freitas, é mais simples na letra mas, talvez, pela sua unicidade, é vivida de forma intensa pelos adeptos e simpatizantes e dirigentes e que, tal como o clube, começa com “rapazes”.



**Ilustração 7 - Evolução do Logótipo do Clube Futebol União**  
Fonte: Arquivo do União.

O logótipo do União é, de todos, aquele que mais versões se conhecem. Muito semelhantes mantêm-se as cores escolhidas para ilustrar o clube, as cores que mais tarde seriam as da Região, o azul e amarelo que, usadas desde 1916, significam calma, serenidade, persistência e boa-sorte. Tal como a do Marítimo e a do Nacional, a equipa do União apresenta-se em campo com o equipamento principal listado. O símbolo em forma de escudo com listas azuis e amarelas é rasgado por uma faixa branca com as iniciais do

---

<sup>103</sup> “Lutar com galhardia” é o lema que norteia os fins e objectivos do clube, de acordo com o ponto 1 do artigo 4.º dos estatutos do Clube Desportivo Nacional datados de 2009.

clube *U.F. C.* e, mais tarde, *C.F.U.*, tendo no cimo o capacete de Hermes, deus da fertilidade da mitologia grega.

O hino, com honra ao mestre Medina, jogador que fez furor na década de 50 é, de todos, o mais completo no que concerne às pisadas históricas do clube. Deve-se ao hino a forma como o União, mais conhecido por União da Madeira, é denominado nas bancadas do estádio e nas esplanadas do café, *União da bola*:

“Nós somos uma força unida, a força também a razão  
Lutamos toda a vida a bem do União sempre a bem do União  
Nós também temos uma escola, no velho desporto insular  
Pela nossa Camisola Lutamos sem cessar numa luta sem parar

União, União da bola até faz perder a tola a bem dos nossos rivais  
União, União ensina tem a escola do Medina e sabe do que é capaz  
União, União da bola até faz perder a tola a bem dos nossos rivais  
União, União ensina tem a escola do Medina e sabe do que é capaz

Nós temos honrado a Madeira, ilha de encanto sem igual,  
E de qualquer maneira, não foi a vez primeira que honramos Portugal  
Nós também temos uma escola, no velho desporto insular  
Pela nossa Camisola Lutamos sem cessar numa luta sem parar.”

O União por não ter tido, ainda, investido no historial do clube, na recolha de informações, dados e registos dispersos no tempo e espaço é o clube, de todos os aqui em análise, o que possui o espólio mais disperso. As sucessivas mudanças de sede, o incêndio que deflagrou em uma das suas sedes, os momentos menos felizes da equipa de futebol que viram esmorecer o interesse pelo próprio clube estão na base da inexistência de dados mais concretos a que pudéssemos ter acesso sem ser os já aqui referenciados: os periódicos, arquivos familiares e privados. De notar que o acesso a dados sobre o Nacional, Marítimo e União foi extremamente difícil e, à excepção da análise dos periódicos e conversas com algumas pessoas ligadas aos clubes, só conseguimos aceder a conteúdos já publicados, mesmo após várias tentativas de contacto.

Feito o parêntesis, no sentido de justificar a escassez de dados sobre a personalidade colectiva do clube evitando, deste modo, a apresentação de análises aleatórias e pouco verdadeiras, terminamos salientando a importância da existência de historial e espólio organizado e preservado e a ideia de que pode ser-se de uma equipa por diversos motivos mas uma vez decidida a preferência isso marca e não há quem a mude<sup>104</sup>e, como tal, a sua história merece ser partilhada.

---

<sup>104</sup> MARIAS, Javier, 2000:25.

### 2.3. Condicionantes de (in)sucesso desportivo

Determinação, persistência, visão de futuro, competição e rivalidade são saudáveis pois, em sociedade, devemos aprender a competir com regras, querer triunfar mas respeitando os outros. Este é um ideal que norteia toda a actividade humana quer pessoal, quer profissional, quer desportiva. Contudo, à falta de uma dessas premissas o sucesso estará condicionado.

Segundo o *Dicionário de Língua Portuguesa*, etimologicamente, a palavra *insucesso* advém do Latim *insucessu(m)* e significa “mau resultado, falta de êxito, fracasso, desastre”<sup>105</sup>. Usado por analogia ao termo sucesso “êxito, bom resultado”<sup>106</sup>, ambos os termos têm subjacentes os conceitos de bom e mau. Ao pesquisar sobre estes últimos encontramos “bom: competente, eficiente, perfeito, virtuoso (...)”<sup>107</sup> e “mau: que não tem bons instintos, malvado, sem talento”<sup>108</sup>. Mas, o que pode, então, estar na base no sucesso desportivo?

#### 2.3.1.O futebol: a doença do século XX

“enquanto que em todo o mundo se praticam inumeras diversidades de sports desde os mais rudimentares até aqueles mais difíceis e mais excepcionais, na Madeira , só o foot-ball é praticado e se intensifica com entusiasmo; só para eles vivem os clubs só por ele se interessam, deixando à margem, num bem vincado desinteresse todas as outras especies de sport.”<sup>109</sup>

A natação e os desportos náuticos<sup>110</sup> são modalidades que vão ganhando adeptos e às quais os clubes, em especial o Nacional e o Marítimo, vão prestar especial atenção. As colectividades não se cingem apenas à prática do futebol, se bem que não podemos negar que ele é, de facto, o alicerce de todo o projecto desportivo. Todavia, à medida que outras modalidades vão dando corpo à existência das associações desportivas, os periódicos da época vão acompanhando a tendência e vão educando a população sobre as diferentes práticas.

---

<sup>105</sup> 2009:912.

<sup>106</sup> Idem:1497.

<sup>107</sup> Idem:248.

<sup>108</sup> Idem:1034.

<sup>109</sup> SF, 7/1/1925.

<sup>110</sup> O Nacional vai marcar uma posição muito sólida nos desportos náuticos, nomeadamente na natação e no pólo aquático.

Uma peça do *DM* de 29/7/1915 partilhava os *Mandamentos do banhista*, face à procura, cada vez mais notória, por esta prática, principalmente em época de calor, quando o futebol era proibido. São eles:

“Não te banhes após uma ‘commoção forte’; Não te banhes depois de uma indisposição súbita; Não te banhes depois de uma noite de ‘insomnia ou de excesso de fadiga’; Não te banhes depois de um jantar abundante e libações copiosas; Não corras quando fores para o banho; Não te banhes em água cuja profundidade não conheças; despe-te devagar mas logo que estejas despido mete-te na água; quando fores para o banho, mete primeiro a cabeça na água. Se não souberes mergulhar imerge-te por um momento; Não permaneças muito tempo na água a não ser que possuas um temperamento muito forte; depois do banho fricciona-te, veste-te promptamente e passeia”.

Os clubes começam a estar excessivamente ligados apenas ao futebol ao contrário dos objectivos iniciais. Neste sentido, em 1925, o Madeira convida os outros clubes para a organização de uma federação que fosse para além dessa modalidade. Para dar início aos trabalhos nomeou-se uma comissão composta por 3 representantes, um do Madeira, um do Nacional e um do Marítimo, pois nenhum representante do União ou do Império compareceu à reunião<sup>111</sup>.

O desporto surgia, cada vez mais, enraizado na sociedade. Era tema de congressos, título de notícias, a base de conversas de café e o motivo de brigas entre familiares. Em Inglaterra inscrevem-se 145 clubes para a competição de futebol, enquanto na Madeira, a criação e o desenvolvimento da ginástica no interior dos clubes vai ser fomentada para que “as famílias [não] encarem a gymnastica como simples meio creador de atletas de circo”<sup>112</sup>. Nada mais seria esperado do maior espectáculo do mundo que, desde os primeiros anos do século XX, tinha vindo a crescer à escala mundial. Os jornais continuavam a difundir a importância do desporto, nomeadamente do futebol. O *DM* de 16/10/1915 afirmava que:

“é incontestável que o *sport* representa um excellent factor do progresso. Pelos jornaes do continente temos conhecimento que a Amadora e a Praia das Maças que ha bem pouco tempo eram duas localidades ignoradas, hoje são dois meios movimentados devido á frequência com que se realisam alli festas sportivas. Na Madeira já uma villa conseguiu construir um ground de football, sendo ao mesmo tempo o primeiro que se construe n’esta ilha. Esta villa é Santa Cruz.”

Para o bem e para o mal o futebol tem vindo a assumir características antagónicas, do tudo ou nada. Nasceu e subsistiu dando a oportunidade de alguns clubes investirem em

---

<sup>111</sup> *SF*, 4/2/1925.

<sup>112</sup> *DM*, 29/8/1915.

diferentes modalidades e actividades graças aos frutos que recolhiam da modalidade-rainha.

Sendo um espaço universal de convivência comum entre inúmeras pessoas desconhecidas entre si muitos foram os aspectos condicionantes do (in)sucesso desportivo, resultantes da excessiva aposta nesta modalidade.

### 2.3.2. A violência do espectáculo

A violência, associada à prática desportiva foi, inúmeras vezes, referenciada nos documentos a que tivemos acesso. Os próprios estatutos dos clubes, objecto do nosso estudo, previam a exclusão de sócios pelo não pagamento de quotas e incumprimento dos seus deveres mas, essencialmente, quando se tornavam prejudiciais.

No *HM*, na edição de 17/1/1911, o jornalista opinava sobre a importância de educar os diversos agentes desportivos para as regras de cidadania e para os objectivos educacionais do desporto como forma de “prevenir eventualidades nada agradáveis e que estão fora da regra do jogo como se presenceou no ultimo domingo.” Mais afirmou que:

“Tornar se hia agradável e mesmo digno de menção para ambas as equipas e também para a m’or parte dos espectadores se os sportistas que compõem respectivamente os dois grupos evitassem o mais possível os encontros desprevenidos e o embaraço propositado dos pes para com qualquer dos adversários no intuito condenável de atropellamento,”

A par da aposta dos clubes, quase exclusivamente, na actividade futebolística consideramos que a questão do desporto aliado à violência, situação ainda tão actual<sup>113</sup>, foi uma das condicionantes do sucesso desportivo, no que diz respeito à sua aceitabilidade pela sociedade dita intelectual sendo, também, indicativo da instabilidade e conflitualidade que se viva fora das quatro linhas.

Várias são as notícias que dão conta de jogos inacabados face aos episódios de violência protagonizados pelos jogadores e pelo público. O jornal *O Povo*, a 15/10/1916, noticiava episódios gravíssimos de violência entre jogadores do *Sporting G.F.* e do Madeira. No dia seguinte, dava conta que a violência nada tinha a ver com rivalidades entre os clubes da Madeira na medida em que, na deslocação do Marítimo a Canárias, este tinha abandonado o campo antes do término da partida pelos mesmos motivos. Muitos

---

<sup>113</sup> Sobre este respeito nada mais esclarecedor do que um grafito na parede do Estádio da Luz, em Lisboa, televisionado aquando a meia-final da Taça Portuguesa de Futebol 2010/2011, “O meu desporto é a violência”.

outros são os casos relatados pela imprensa. A 24/1/1911 o *Club de Foot-ball Funchalense* foi convidado pelo Madeira para um jogo, contudo, o jogo foi suspenso após um jogador ter perdido os sentidos fruto de uma agressão. O jogo entre o Madeira e o Nacional, nesse mesmo mês, onde o primeiro venceu por 4-2, pautava-se pela falta de educação desportiva, na medida em que o jogo de futebol deu lugar a “distúrbios, invasões de campo, bengaladas e pedradas”<sup>114</sup>.

Face à regularidade de desacatos e para “assegurar-nos um desafio sem as violentas ingerências do público sem educação”<sup>115</sup> a Polícia começa a ser chamada. Pela primeira vez encontramos referência a essa realidade no jogo entre o União e o Madeira. O jornalista solicita “ao público – ou melhor de certos arruaceiros profissionais” uma atitude e comportamento civilizado. “Para garantia de respeito pelo decorrer do desafio, será o recinto do mesmo policiado devidamente, por uma força de polícia cívica. Louvamos esta ideia”, remata.

### 2.3.3. O futebol organiza-se.

“(…) no nosso meio sportivo onde quasi todas as tentativas bem orientadas tendentes ao desenvolvimento do sport baqueiam mercê do estado cahotico em que elle se encontra (...). Que o sport na Madeira está decahido já toda a gente o sabe; porém o que nem todos sabem é que essa decadencia deve se unicamente aos seus dirigentes que a mor parte das vezes deixam se guiar pelo clubismo, doença contagiosa que corroe o sport madeirense, fomentando assim a desunião e a discórdia entre os clubs. Mais uma vez se tem tentado crear uma Liga Sportiva ou Associação de Foot Ball, mas essas tentativas teem resultado inúteis, pois vão sempre de encontro ao facionismo e à indiferença que a maioria dos nossos sportsmen estão eivados”.

*HM*, 3/5/1914.

A criação de uma Associação de Futebol, a exemplo do que vinha a acontecer no resto do país, há muito que se tornava um assunto muito discutido, delicado e polémico. A peça supracitada diz respeito à crítica de L.L. quanto à forma como o desporto na Madeira era encarado. Afirmava que, na ilha, “o sport não passa de shootar uma bola e dar uma corrida fora de todos os regulamentos por que ella se rege”. Acrescenta que “rara é a festa sportiva que aqui se realisa em que não transpareça um faccionismo revoltante ou seja a negação completa do que é o *sport*, estado de anarchia sportiva, onde não existe a mais

---

<sup>114</sup> *O Povo*, 22/2/1916.

<sup>115</sup> *Idem*, 27/2/1916.

pequena honestidade”. A honestidade desportiva significa para a maioria dos *sportsmen* o receber uma taça ou uma medalha, ganha sem olhar a meios, ludibriando um júri ou atropelando os regulamentos.

É com base nesta ideia quase generalizada na imprensa que surgem vozes a defender a criação de uma organização que regule, controle e promova o futebol, numa época em que a Junta Geral começa a apostar nesta actividade decidindo atribuir, por unanimidade, um subsídio de 100\$reis à realização de um campeonato desportivo mas que seria organizado do e para o Madeira “na qual tomarão parte sócios do mesmo, o que a ser certo, sinceramente lamento pois que outras aggremações há que se encontram em condições de entrar airoosamente n’esse campeonato”<sup>116</sup>.

A intenção de formar uma Associação de Futebol começa a dar os primeiros passos com uma reunião preliminar entre o Ateneu, o Grémio, o Marítimo, o Continental e Madeirense, pensando numa prova regional de futebol. Todavia, desta reunião saía apenas o adiamento do célebre Campeonato da Madeira tendo “os seus promotores reconhecendo a má orientação que tinham tomado”<sup>117</sup>.

Ao subsídio atribuído pela Junta Geral ao Madeira para a organização das Olimpíadas de 1914 juntam-se outras verbas atribuídas aos clubes. O *DN* de 4/8/1914 publicava a acta da reunião da Câmara Municipal do Funchal, procedimento frequente, mas que nos chamaria a atenção pela aprovação de vários subsídios e apoios monetários atribuídos pelo camarário presidido por António Capello.

Há muito que se sentia a necessidade de contribuir para que o futebol seguisse por um caminho oposto àquele que “até agora teem seguido, de maneira a pôr cobro a factos que todos os anos ocorrem (...) desprestigiando-o e tornando ao mesmo tempo estereis e improfíquos os esforços empregados por todos”<sup>118</sup>. Do União e do Insulano partia a iniciativa de reunir as Direcções dos vários clubes, na sede do segundo à Rua da Queimada de Cima. O objectivo central seria a “fundação de uma liga desportiva, unico meio de se acabar com as rivalidades que tanto se teem prejudicado o desporto no nosso meio”. A proposta em discussão seria constituir na cidade uma liga entre clubes, destinando-se, inicialmente, a acordar entre todos os grupos, clubes ou associações desportivas um projecto de estatutos de uma Associação de Futebol ou do desporto, a exemplo que

---

<sup>116</sup> *HM*, 21/5/1914.

<sup>117</sup> *HM*, 9/6/1914.

<sup>118</sup> *O Povo*, 28/9/1916.

acontecia em Lisboa<sup>119</sup>. Note-se, contudo, que a Associação que, durante muitos anos, foi solicitada ficou constituída como *Associação de Futebol do Funchal* e não como *Associação de Desporto da Madeira*, uma espécie do actual *Instituto de Desporto da Região Autónoma da Madeira*, fazendo com que a cidade do Funchal fosse, sem dúvida, o centro do Arquipélago, social, político, cultural, económico e, agora, desportivo.

Comprometiam-se a não aceitar o engajamento<sup>120</sup> de jogadores, ou seja, a não aceitar jogadores durante a época de futebol que nessa mesma época teriam usado as cores de outros clubes. Mas tudo isto faria sentido se fosse dado início imediato aos trabalhos de forma a terminá-los, com sucesso, no mais breve espaço de tempo. A estes pressupostos juntar-se-iam regras, nomeadamente regras de aceitação de desafios de futebol apenas de grupos ligados à Associação estando o grupo que faltasse aos seus compromissos traindo esse pacto, incorrendo na pena de exclusão. Além dos já mencionados clubes, União e Insulano, os grupos mais participativos foram o Nacional, o *Sporting Grupo Funchal* e *Foot-ball Club Madeirense*.

Ainda no rescaldo desta reunião *O Povo* enfatiza uma questão já diversas vezes discutidas mormente a importância da criação da Associação de Futebol. Esta necessidade impõe-se com tal peso de razões sendo uma das mais gravosas o facto de, à falta de controlo e regulamento, “os capitães não teem a certeza dos jogadores que hão de auxiliá-los pois há quem, com um descaramento se apresente em campo envergando nova camisola para jogar contra a equipe com que pouco antes combinara jogar”<sup>121</sup>.

Com a aprovação dos estatutos e criação da Associação de Futebol do Funchal dá-se início a uma nova era no desporto regional. Vários casos são levados à consideração dos regulamentos e diversos castigos são aplicados<sup>122</sup>. Verificam-se as listas dos jogadores inscritos<sup>123</sup> e apesar de se intitular AFF, tenta-se, a todo o custo fomentar uma política de desenvolvimento e sucesso desportivos em todo o Arquipélago.

---

<sup>119</sup> De facto, os Estatutos da Associação de Futebol do Funchal apresentados e aprovados tiveram por base os da Associação de Futebol de Lisboa. Foram aprovados a 19/10/1916.

<sup>120</sup> Arte de engajar, aliciar.

<sup>121</sup> *O Povo*, 12/10/1916.

<sup>122</sup> A primeira queixa chega do F. C. Madeirense contra o Nacional por ter usado um jogador que nessa mesma época era de outro grupo, desrespeitando os estatutos da AFF. O jogador foi suspenso durante toda a época, por unanimidade dos delegados presentes.

<sup>123</sup> Após a verificação das listas dos jogadores foram identificados dois nomes iguais na lista do União e do Internacional. Mandado chamar estes jogadores, estes decidiram pelo Internacional sendo eliminados da lista do União.



A AFF marca indubitavelmente, a história do futebol madeirense, pois dá lugar a uma nova época. Mas nem tudo se resolve. Em Novembro desse mesmo ano, uma peça d'*O Povo* abordava os três aspectos que caracterizavam o meio desportivo da Madeira: “ausencia completa de espirito associativo, mendigação e servilismo”<sup>124</sup>. O jornalista acusa o Nacional de “estar em estado avançado de gangrena moral, pois pela segunda vez esta época apresenta jogadores que pertencem ou pertenceram a outro grupo”<sup>125</sup> contrariando o que foi definido pelos estatutos e regulamentos da AFF, documentos em que participou e nos quais votou.

Um ano após a criação da AFF, no ano em que morre Manuel de Arriaga, faz-se um balanço à actividade desta agremiação. Considera-se que, apesar de atravessar algumas dificuldades financeiras e em criar hábitos saudáveis entre os clubes e pessoas ligadas ao desporto esta é “uma escola de moralisação, propria para formar caracteres, marchando o aperfeiçoamento moral a par do desenvolvimento físico”<sup>126</sup>.

Retirados de um periódico estrangeiro, os *Mandamentos do Futebolista* adequam-se à realidade insular, na medida que exprimem aquilo que a AFF tem que legislar. Muito haveria por reflectir e aferir mas julgamos que os preceitos são explícitos e unívocos quanto ao papel que os diversos agentes desportivos deveriam, na época, assumir.

“(1) Amarás o teu club e todos os futebolistas; (2) Não comprometerás o teu Club em assunto alheio ao desporto (3) Ocuparás sem objecção alguma o logar que te for designado no teu grupo, em todos os dias de jogos; (4) Honrarás o teu club, as cores da sua bandeira, a sua direcção e o teu capitão; (5) Trabalharás com nobreza, como homem, tanto dentro como fora dos campos do desporto; (6) Não terás vício algum; (7) Para te salientares durante o jogo, não impedirás as passagens que não te pertençam; (8) Acolherás com prazer tudo quanto o juiz de campo decida e jamais negarás nem afirmarás em falso; (9) Não desejarás camisola alheia; (10) Não desejarás o bem estar dos outros, nem te deixarás seduzir pelos que te ofereçam”<sup>127</sup>.

Nem oito dias depois da publicação do que é ser um bom futebolista, o jogo entre o União e o Marítimo, com vitória do primeiro sobre o segundo, acabava envolto em polémica. Para o Marítimo o jogo deveria ter sido interrompido por já não existir luminosidade suficiente que lhes permitisse jogar e ganhar o jogo. O jogo é anulado pela

---

<sup>124</sup> *O Povo*, 25/11/1916.

<sup>125</sup> *O Povo*, 29/11/1916.

<sup>126</sup> *DM*, 28/9/1917.

<sup>127</sup> *O Desporto*, 30/11/1918.

AFF no intuito de ser repetido mas o União não aceita a decisão recorrendo junto deste órgão que, pela pressão de não conseguir resolver o conflito, acaba por ficar inactivo dois anos após a sua criação, e por dois anos, não havendo, por isso, competições oficiais em 1919 e 1920.

Mas enquanto não retomam as competições em que se divertia a mocidade do Funchal? Eram raros os jogos organizados se compararmos com anos anteriores e os que aconteciam eram particulares e esporádicos. A inactividade da AFF notava-se cada vez mais e contribuía para o enfraquecimento do desporto, pois se à partida pensavam que, ao não existir provas futebolísticas, outras modalidades seriam promovidas, tal não aconteceu. As próprias excursões, pensadas para o convívio entre adeptos e jogadores e para unir os sócios desapareceram. A verdade é que com a AFF inactiva o interesse pela modalidade esmorece pois, oficialmente, o Campeonato da Madeira apenas tinha decorrido por duas vezes.

O Marítimo que esteve na base da paralisação da AFF estará, também, no seu ressurgimento. Será através do seu boletim *O Desporto* que é lançado o desafio de reerguer a AFF com a marcação de uma reunião entre todos os delegados, no âmbito da visita à Madeira, do Sport Lisboa e Benfica, prevista para o Outono. Esta visita serve de mote à restauração da AFF, vontade que ganha ânimo com a vitória do Marítimo sobre os lisboetas, por 3-2 e 6-3, no Campo Almirante Reis.

A AFF ressuscita e, durante anos, é aliada dos clubes madeirenses na luta pela igualdade de direitos na participação de equipas madeirenses nas provas nacionais, na luta contra a ideia de que a Madeira seria a filha bastarda do futebol português, feito conseguido e retirado até se concretizar, definitivamente, na década de 70.

#### 2.3.4. A insularidade

A questão da insularidade foi, em muitos sentidos e durante muitos anos, nefasta para o povo ilhéu. Em termos desportivos esta realidade era, também ela, preocupante mas seria um desafio constante. A ideia de que, para evoluir, era necessário contactar com os melhores, aqueles que estavam fora da Madeira, vai obrigar a que os clubes organizem diversas deslocações ao exterior e convidem grandes clubes portugueses e estrangeiros a deslocar-se à região. Fosse qual fosse a opção tomada, era da responsabilidade do clube

insular as despesas inerentes à deslocação de cerca de 20 ou mais pessoas, o que viria a trair as finanças dos clubes.

Desde muito cedo as equipas madeirenses, em especial o Marítimo, saíram além-mar. Em Abril de 1914, o Marítimo é convidado a deslocar-se a Santa Cruz de Tenerife no intuito de participar nas grandes festas de Maio, efeméride composta não só por actividades desportivas bem como por exposições de pintura, bailes, concertos, cerimónias religiosas, corridas de touros e banquetes. No ano seguinte chega-lhes o convite, novamente proveniente das ilhas Canárias, para uma deslocação onde iriam defrontar os Clubes *Sporting Victoria* e *Sporting Portenos de Las Palmas*. Estas excursões entre ilhas vão permitir não apenas o contacto e treino com equipas cujo futebol desconhecem e, por tal, evoluíam, bem como vão permitir estreitar laços de relação entre os dois povos.

Por tradição, quando uma equipa organizava a vinda de uma outra à Madeira, as despesas e os proveitos eram partilhados pelos clubes que quisessem participar e organizavam-se diversos jogos entre as equipas participantes. Todavia, na sequência de um conjunto de jogos que o *Sporting Club de Portugal* faria na Madeira, organizados pelo Marítimo em 1924, um deles seria contra uma equipa que juntaria em campo jogadores dos diferentes clubes madeirenses. Aliado ao facto de não integrar o Nacional na série de jogos que o Sporting disputaria na Madeira, os dirigentes do Marítimo não convidam nenhum dos jogadores alvi-negros para integrar a equipa mista.

Esta situação lançou o descontentamento e a polémica pois, por desavenças entre clubes, colocava-se em causa um evento importante para o desporto regional. Estas visitas de clubes de fora, clubes com grande experiência eram vistas como eventos extremamente positivos através dos quais o futebol regional aprendia e evoluía.

Outros interesses estavam associados à recepção de clubes fossem eles portugueses, húngaros, alemães ou espanhóis. Os eventos culturais que lhes estavam associados acabavam por revestir-se de especial importância na medida em que, através dos passeios e excursões, acabariam por desenvolver zonas menos frequentadas e despoletar potenciais turistas. Outra questão importante seria, também, a troca de ideias políticas, sociais, económicas e culturais. Mesmo que se tratassem de equipas portuguesas e à partida inseridas no mesmo contexto, estes encontros e viagens eram determinantes na afirmação de pressupostas supremacias, nos debates de ideias, no crescimento como indivíduos e nas trocas de experiências a vários níveis. De notar que nos momentos de crise seriam as

visitas, feitas ou recebidas, que dinamizavam e faziam renascer o ânimo pela actividade desportiva e pelo clubismo. Exemplos são muitos: após o Marítimo ter encerrado actividade em 1914 retoma-a fazendo uma deslocação, o ressurgimento da AFF pouco antes da visita do Benfica, a visita dos Húngaros tendo em vista a preparação da participação do Marítimo no Campeonato de Portugal em 1926 e a digressão a África quando o desporto regional e o Marítimo em especial passavam por uma grave crise.

Muitas deslocações à Madeira foram noticiadas. Uma aconteceram outras talvez não, até porque delas não há qualquer registo nem nos historiais dos clubes nem nos periódicos consultados. Belenenses, Olhanense<sup>128</sup>, Benfica, Porto, Sporting e equipas oriundas das ilhas Canárias, da Hungria, de África e dos Açores<sup>129</sup> funcionariam como uma aula, uma aprendizagem *in loco* do bom futebol praticado sendo, indubitavelmente, um factor determinante do sucesso desportivo regional. Mas seria na década de 50 que as deslocações e recepções de equipas de grande desempenho desportivo seriam determinantes no desenvolvimento dos clubes e na união dos madeirenses. Mas disso falaremos depois.

#### 2.3.5. As instalações desportivas

“O foot ball tornou-se uma peste. Difundiu-se (...) passava próximo ao Campo Almirante Reis foi atingido n’um olho por uma bola de trapos”

*HM*, 6/10/1914.

Todos os espaços são poucos para a prática do futebol, de tal forma que a 14/4/1915, o *HM* noticiava uma queixa recebida no Comissariado de Polícia informando que “todos os domingos costuma reunir-se no adro da igreja de Santa Maria Maior um grande número de garotos a jogarem ao foot-ball, impedindo muitas vezes o transito de pessoas que se

---

<sup>128</sup> Equipa que era Campeã em título o que por si só revestia essa deslocação de grande importância.

<sup>129</sup> O intercâmbio insular fez imenso sucesso durante muitos anos. Os jogos Funchal - Ponta Delgada foram de tal forma importantes pois apesar de usufruírem das mesmas condições, eram equipas fortemente limitadas pelas marcas da insularidade, pela falta de instalações desportivas próprias e pela existência de poucas equipas competitivas. Apesar de existir confrontos regulares para decidir quem representaria as ilhas nas provas nacionais os jogos entre a Madeira e os Açores vêm, também, despertar consciências sociais e políticas.

dirigem para a igreja”. Uma outra notícia, do *DM*, dava conta que era raro o dia em que não houvesse futebol no Antigo Campo do Campo da Barca<sup>130</sup>.

Conseguir um campo de futebol seria uma velha aspiração dos desportistas madeirenses mas, visto que os clubes não disponham de verbas sem ser as das quotas dos seus sócios, comprar terreno com as medidas exigidas para a prática do futebol não seria viável.

No Funchal, tendo apenas o Campo Almirante Reis, vemos limitada a participação e a competição entre os clubes locais e sem grandes hipóteses de receberem condignamente as equipas que nos visitavam. Era um recinto impróprio sobre todos os pontos de vista, apontado como tendo um piso duríssimo e pedregoso. Apesar de existir a preocupação de limpeza e obras de melhoramentos<sup>131</sup> por parte da edilidade, a verdade é que este Campo não permitia a adequada prática desportiva fazendo com que o atraso sentido em relação a todos os outros desportos fosse, em muito, devido à falta de lugar para o praticar. Ora, exceptuando os desportos náuticos e o ténis, era impossível praticar metodicamente qualquer outro desporto.

Um pouco por toda a ilha vão começando a surgir pequenos pedaços de terrenos destinados à prática desportiva. Além de ter por objectivo o disponibilizar um espaço onde os clubes locais pudessem desenvolver actividades, estes campos vão sendo pensados para os desafios entre os clubes locais e os clubes visitantes que, em contexto de excursão pela ilha, vão visitando várias localidades da ilha<sup>132</sup>.

A notícia de que o Nacional adquire terreno para a construção de um *Stadium* “um pouco alem do ribeiro seco” é-nos dada pel’*O Desporto* a 15/7/1923. Surge, em São Martinho, uma zona com a qual o Nacional tem uma ligação umbilical por ser na freguesia onde se situavam os Campos do Brás e dos Pinheiros, local onde os primeiros jogadores dariam os primeiros pontapés na bola. No âmbito da comemoração do 13.º aniversário, a 8/12/1923, no *Golden Gate*, o Presidente da Direcção, António Nunes afirmava que “... o Nacional pretende levar a efeito a, até hoje, maior obra sportiva na Madeira. Temos muita fé, não nos assustam cancelas. O Nacional impor-se-a”<sup>133</sup>. A obra seria, desta forma,

---

<sup>130</sup> 21/11/1912.

<sup>131</sup> O *HM* de 12/2/1911 noticia que a luz eléctrica e os novos bancos já haviam sido instalados no Campo Almirante Reis.

<sup>132</sup> Foi em Setembro de 1914 que terminaram os trabalhos de terraplanagem do Campo Vermelho, propriedade do *Sporting Club Santacruzense*.

<sup>133</sup> *SF*, 14/12/1923.

valiosíssima esperando, apenas, para que se iniciasse a construção da estrada que unisse o Caminho de São Martinho à Estrada Monumental.

Mas se a existência de um campo que reunisse todas as condições para a boa prática desportiva seria, há muitos anos, pretendida por que razão o Nacional teria que se impor? O *SF*, de 16/7/1924 daria uma das possíveis respostas, se tivermos em consideração que este periódico seria iniciativa de gente do Nacional, propriedade de gente do Nacional dirigido e escrito por gente do Nacional, mas não seria, contudo, um órgão oficial do clube<sup>134</sup>:

“A existência de jogo político – é notória união de todos os clubes contra o Nacional colocando em causa o próprio sport (...) o Nacional não é um club de milionários. Não é um club de novos ricos. O Nacional conta perto de mil socios<sup>135</sup>, na sua maioria moços de 20 anos (...) Com o desenvolvimento sportivo adquirido o Funchal merece um bom campo de jogos que substitua o velho Campo Almirante Reis.”

O problema maior residia, talvez, no facto de um único clube, que não o Marítimo, ter tomado a iniciativa e, além de contribuir com um espaço propício à prática desportiva ainda dele auferir alguns rendimentos. Só o orgulho de uns e o despeito de outros, numa atitude de rivalidade constante, explica a atitude dos diversos clubes que, ao reunirem por convite do Madeira<sup>136</sup> para assentar a atitude a assumir perante a construção do *Stadium*, considerem a obra como de nenhum interesse geral enquanto os clubes não soubessem os lucros a auferir. Oficiaram, ainda, esta tomada de decisão à Junta Geral apontando como inconveniente a abertura de uma estrada para beneficiar a construção do *Stadium*, constituindo o primeiro entrave à concretização de uma aspiração antiga e comum a muitas colectividades. Sendo a maior obra desportiva da Madeira, os dirigentes alvi-negros consideravam:

“a campanha falirá por desprestigiada ridícula. Os clubs suceder-se-hão uns após outros, porque são um organismo instável, podem eliminar-se por razões diversas mas o Stadium ficará sempre, superior a todas as razias a todas as ambições e tangível mesmo à mais reles e mais intensa politica clubista.”<sup>137</sup>

Em Dezembro desse mesmo ano seria adjudicada, pela Junta Geral do Distrito, a empreitada do troço da rua que ligaria o Caminho de São Martinho à Estrada Monumental,

---

<sup>134</sup> De acordo com *O Nacional* de 8/12/1956.

<sup>135</sup> A massa associativa do Nacional era, essencialmente, da classe comercial que usufruía de grande bem-estar económico. Este facto facilitou o arranque das obras do novo campo de jogos, obra dispendiosa mas necessária.

<sup>136</sup> *SF*, 23/7/1924.

<sup>137</sup> *Idem*.

o primeiro passo para a construção do *Stadium* dos Barreiros. Não sendo um estabelecimento modelar - nem tanto se pretendia na época - vem, contudo, suprir as necessidades sentidas e constituirá uma das páginas mais marcantes da história do Nacional, do futebol e do desporto madeirenses.

As obras começaram em 1925 e prolongar-se-iam até 1930 gastando-se cerca de 848 contos, distribuídos pelas rubricas:

“Compra do terreno – 210 contos; Terraplanagem – 206 contos; Muros de suporte e vedação – 160 contos; Construção de bancadas – 80 contos; Balneários e outros pavilhões- 45 contos; Vedações- 50 contos; Ruas e outras pequenas obras – 66 contos; Estrada – 31 contos”<sup>138</sup>.

O estádio foi, então, inaugurado em 1927, com a visita do Vitória de Setúbal, no mesmo ano em que, por Despacho Conjunto dos Ministros das Finanças e da Instrução Pública, publicado no Diário do Governo, n.º 90, II série, de 27 de Abril de 1927, o Nacional foi considerado Instituição de Utilidade Pública. Este decreto surge pelo entendimento de que o clube prestaria importantes serviços à comunidade no âmbito do desenvolvimento das actividades desportivas nomeadamente das modalidades amadoras, consideradas essenciais na formação das camadas mais jovens da população da Região.

Tendo usufruído da ajuda dos sócios o Nacional teve, ainda, que recorrer a empréstimos bancários. Mas, numa época de instabilidade económica, agravada por uma grande derrocada económica - a falência do banco Henrique Figueira da Silva - tornou-se tarefa árdua de cumprir as suas tarefas financeiras. Várias acções foram colocadas em prática mas, por 280 contos, entregou-se o campo à Junta Geral mas ao desporto regional.

#### **2.4. O legado clubístico: implicações socioculturais no espaço insular**

“Todo aquelle que ignora este jogo, e que á primeira vez levado a um terreno de foot-ball por um amigo fanático, ou pela curiosidade, experimenta, segundo o seu temperamento, muita admiração ou bastante repulsão. O que é impossível é ser indifferente.”

*HM*, 18/1/1911.

As actividades desportivas inserem-se num “movimento de renovação e interesse pelo corpo, inscrevem-se num discurso higienista, vão desempenhar uma missão social e

---

<sup>138</sup> *O Nacional*, Maio de 1957.

política, enquanto instrumentos privilegiados de combate a uma raça depauperada”<sup>139</sup>. Estes primeiros anos trazem um certo clima de confiança e interesse pela busca do prazer, divertimento e entretenimento pela prática do futebol. Contudo, a vida dos clubes desportivos tende a expandir a diversão fora dos recintos fossem eles de futebol, de ténis ou de atletismo.

Durante o período entre 1910 e 1926 a popularidade do futebol cresceu sem limites ultrapassando qualquer outra actividade que, até então, havia despertado o interesse das pessoas. Mas os problemas estruturais que afectavam o país não podiam deixar de influenciar a actividade desportiva fazendo com que até 1921 as competições existentes tivessem carácter local e não nacional como tanto se ambicionava.

Na edição do *DM* de 22/2/1918 pode ler-se sobre a atribuição dos cargos de chefia dos diversos pelouros da Câmara Municipal do Funchal. É curioso verificar que, entre os pelouros, pudemos encontrar o de Instrução Pública, o de Obras e de Posto Médico, o do Jardim, o do Teatro, o dos Cemitérios e Incêndios, o de Limpeza, o de Parques e Casas de Poiso, o de Expostos e de Biblioteca, o de Iluminação Pública, o de Mercados e Praças mas nada temos relacionado com o Desporto ou com o Turismo. O próprio recenseamento eleitoral de 1916 publicado nos periódicos revela a existência de 3.505 indivíduos na cidade do Funchal e respectivos nomes, moradas, idades e profissão. De notar que, entre merceeiro, guarda-livros, estudante, marítimo, comerciante, estudante, proprietário, barbeiro, chapeleiro, agrimensor, padre, tanoeiro, contador, entre outros, não encontramos qualquer indicação de jogador ou algo relacionado com agente desportivo como ofício.

Foram momentos de incerteza, aqueles que se viveram aquando a participação de Portugal na guerra. A cena política, económica, social, cultural e religiosa da Madeira foi fortemente marcada por este conflito que destruiu mas que contribuiu, grandemente, para o desenvolvimento das nações. A sociedade madeirense distrai-se do conflito bélico e entretém-se com as movimentações culturais que vão tendo lugar na cidade do Funchal, o epicentro do Arquipélago. Concertos, saraus, teatros, bailes, espectáculos de circo e desportivos vão “ajudar a libertar tensões, reconstituir forças e enfrentar a labuta diária”<sup>140</sup>. Na verdade, estas actividades vão servir de refúgio mental e psíquico face à instabilidade e ao pânico em que a sociedade madeirense, madeirenses e estrangeiros, vivia, especialmente após os bombardeamentos alemães de 3/12/1916 e de 12/12/1917.

---

<sup>139</sup> COSTA, Vitor, 1999:23.

<sup>140</sup> FERNANDES, Graça, 2008: 50.



Desde muito cedo praticaram-se actividades desportivas na Madeira. Já nos últimos anos do século XIX praticava-se o ciclismo, com provas entre o Funchal e Câmara de Lobos que se vão repetir em 1908, 1911 e 1913. Neste último, a “ida e volta em 18 Km [teria] partida na rua de Hermenigildo Capello ao sul do Jardim Municipal”. O vencedor teria uma medalha de ouro e “uma artística licoreira oferecida pelo sr. João da Cruz Pitta, estabelecido à rua do Sabão, a qual se encontra em exposição numa vitrine do Golden Gate”<sup>141</sup>. Os automóveis, introduzidos na Madeira entre 1903 e 1907 e que permitem a organização de provas automobilistas, o ténis, praticado por famílias mais abastadas, a esgrima e o tiro, o atletismo, a natação e o futebol, serão as actividades desportivas com maior projecção e atenção insulares.

É com os clubes, os maiores impulsionadores das actividades desportivas, que tudo evolui. Apesar de algumas partirem da iniciativa individual, como a esgrima e o tiro que “foram modalidades introduzidas nos inícios do séc. XX pelo Visconde da Ribeira Brava”<sup>142</sup>, a esmagadora maioria surge e evolui fruto do trabalho conjunto de indivíduos que se reúnem por um propósito comum - usufruir da prática desportiva para benefício próprio e da Madeira – tendo, entre a maioria deles, um denominador comum: a Rua de Santa Maria<sup>143</sup>, o berço da cidade e o viveiro de clubes.



**Ilustração 8 – Vista de Santa Maria Maior**  
Cedida por Rui Carita

---

<sup>141</sup> *HM*, 19/10/1913.

<sup>142</sup> FERNANDES, Graça, 2008:211.

<sup>143</sup> João Adriano Ribeiro, na obra *A Baixa da Freguesia de Santa Maria Maior*, proporciona um valioso contributo sobre o meio natural, a população, a fortificação e as ruas e sobre a religião e cultura da Cidade Velha.

Sabe-se que “fundou-se a cidade do Funchal, no bairro de Santa Maria, a leste, desde a Ribeira de João Gomes até ao Corpo Santo e suas imediações”<sup>144</sup>.

Foi aqui bem perto que surgiu o primeiro palco oficial dos jogos de futebol, pista de atletismo e de hipismo. Foi na Rua de Santa Maria que surgiram muitas das sedes dos clubes madeirenses e de onde saíram inúmeros jogadores que vivenciaram e proporcionaram turbilhões de emoções.

#### 2.4.1. Nem só o futebol os reúne

“O Sporting Grupo Foot-ball vae amanhã em excursão até à villa de Machico (...) na lancha Esperança”

HM, 28/2/1914.

As actividades desportivas em geral e as futebolísticas em especial eram momentos de animação, rivalidades, emoção, tensões, convívio e comemoração. Vários são os exemplos de saraus e festas desportivas como forma de comemorar datas importantes e para assinalar efemérides bem como as competições futebolísticas<sup>145</sup> que, para além, de permitirem a evolução e o desenvolvimento do futebol na ilha serviam para homenagear individualidades – pessoas ou entidades - importantes para a causa desportiva. A Taça Armando Machado<sup>146</sup>, a Taça Herédia, a Taça *Suissa*<sup>147</sup>, a Taça Hinton, a Taça Madeira e a Taça António Costa são, disso, exemplo.

Entre 1910 e 1926 para além do Campeonato da Madeira, com a criação da AFF, e do Campeonato de Portugal existiram jogos particulares, saraus e festas *sportivas* criados pelos clubes. Aliado a este facto estão, ainda, as excursões organizadas de modo a permitir o convívio entre os adeptos, os jogadores e a imprensa bem como fomentar a troca de experiências com equipas de outras localidades<sup>148</sup>. A Excursão de sócios do *Grupo Sportivo Continental e Madeirense* à Camacha e a informação de um *match* no Campo da Achada entre os jogadores do

---

<sup>144</sup> PEREIRA, Eduardo, 1989:330.

<sup>145</sup> Era tradição o troféu ficar em exposição numa loja ou café da cidade do Funchal. Seriam taças, licoreiras, salvas de prata, entre outros, os prémios atribuídos aos clubes vencedores.

<sup>146</sup> Grande propagandista desportivo na Madeira.

<sup>147</sup> União venceu a edição de 1922, conforme o diploma em Anexo 4.

<sup>148</sup> Para estas excursões era normal e esperado o convite à imprensa e adeptos dos clubes. Estas viagens eram feitas, muitas vezes, por via marítima acompanhados por bandas filarmónicas. As notícias que encontrámos referem sempre a deslocação da equipa do Funchal ao exterior e não no sentido inverso.

*Sportivo Continental* e o *Club Sport Camponez* e outras inúmeras actividades desportivas são notícia do *HM* a 30/3/1912. Em Agosto do mesmo ano, o mesmo periódico dá conta de uma nova excursão, desta feita dos sócios do *Grupo Sportivo do Atheneu Commercial* “à villa de Machico onde realizarão várias actividades desportivas”<sup>149</sup>. Na rubrica *Vida Sportiva*, transmitia-se a informação de que o Madeira e o União iriam, em excursão, a Santa Cruz, acrescentando que “registamos sempre com prazer excursões desta natureza em que a nossa mocidade abandonando a vida ociosa da cidade vae retemperar o seu physico em exercícios proveitosos(...)”<sup>150</sup>. Estas excursões também tinham lugar quando uma equipa de fora visitava a Madeira. Além dos jogos particulares que ocorriam no Funchal, muitas vezes iam pela ilha dinamizando as pequenas localidades por onde iam passando.

Bailes de Carnaval e de Páscoa, saraus literários, musicais e dançantes eram, também eles, dinamizados pelos clubes e associações desportivas, em especial pelo Ateneu Commercial<sup>151</sup>, muitas vezes, sob o pretexto de entrega de prémios aos que tomaram parte nas actividades desportivas. Estes saraus tinham lugar, habitualmente, na sede do clube que os organizava ou, por falta de espaço ou por se pretender um local neutro nos teatros da cidade.

Com o passar do tempo e à medida que as tecnologias avançam a actividade desportiva chega à população através, também, do cinema. Num artigo d’*O Desporto* de 15/8/1923 revela-se que, no Cine Jardim, “têm sido exibidas películas desportivas, nomeadamente desafios de futebol em Lisboa, corridas de bicicletas e auto”.

Contudo, são nas grandes comemorações, de índole colectiva que as actividades desportivas ganham fulgor e importância. Eventos marcantes como o 5.º Centenário da Descoberta de Madeira, a extinção da Cólera na ilha e os aniversários da Implantação da República são comemorações que marcam e fazem parar a sociedade da época. Definida a Comissão Organizadora dos festejos do 5.º Centenário da Madeira, constituída por elementos de diversos clubes da cidade, nomeadamente, António Vieira de Castro, Fernando Figueiredo, Abel Romão Gonçalves, Joaquim Travassos Lopes, Leonel Luiz,

---

<sup>149</sup> *HM*, 6/8/1912.

<sup>150</sup> *DM*, 4/7/1915.

<sup>151</sup> Para comemorar os 15 anos de existência o Ateneu Commercial dinamizou um sarau literário, musical e de dança (*HM*, 21/10/1913). A 19/3/1912 o mesmo periódico anunciava a organização, pelo mesmo clube, de um baile de máscaras, por ocasião do Entrudo e de um “Baile de Paschoa”.

António Nunes, Carlos Nélis, Manuel Fernandes e Álvaro Reis Gomes, o programa oficial ficaria definido da seguinte forma:

“1.º dia - parada desportiva no Campo Almirante Reis com todos os clubes filiados na AFF; desafio de futebol entre o Club Deportivo Tenerife e a selecção da AFF representativa da cidade; 2.º dia - No cais do Reids Hotel campeonato de tiro aos pratos; Torneio de esgrima (Taça Conde Jean de Bousis), à noite, no Casino Pavão; 3.º dia - gincana no Campo Almirante Reis e desafio de futebol entre o Nacional e Tenerife; 4.º dia - gincana de automóveis, gincana de motos com side-cars (estes transportando senhoras), números hípicas; 5.º dia - desafio de futebol entre o Tenerife e campeão da Madeira, Marítimo; 6.º dia - desafio de futebol entre o Tenerife e Nacional”<sup>152</sup>.

Note-se que, face a um evento desta grandeza e importância seria de esperar outro tipo de comemoração ou, pelo menos, que se incluíssem outras actividades sem ser as desportivas, contudo, através dos periódicos consultados não foi possível encontrar tais referências.

A própria extinção da cólera, doença que fustigou a ilha, foi, também ela, motivo de celebração desportiva em 1911. Corridas pedestres, de sacos, salto em altura e em comprimento, lançamento do peso, corrida de obstáculos, corrida de bicicletas, corrida de 3 pernas e carreira de tiro foram as provas em que estavam inscritos 59 *sportsmen* (43 do Madeira e 16 do Atheneu). Haveria, também, um jogo entre o Madeira e o *Foot-ball Funchalense* sendo o vencedor galardoado com uma taça onde se destacaria a inscrição “Comissão de Festejos Populares -24-2-911- Extinção do Cholera na Madeira”<sup>153</sup>.

Outra efeméride comemorada desportivamente foi o 3.º aniversário da Implantação da República. Estas festas, organizadas pelo periódico *Athenista*, prolongaram-se até ao fim do mês de Novembro de 1913. Corridas de cães, corrida do pau encebado, a Taça 5 de Outubro atribuída ao nadador vencedor do percurso entre o cais e a pontinha, actuações dos Artistas Funchalenses e de diversas bandas filarmónicas, iluminação nas ruas, nomeadamente na Praça de República, na Avenida Gonçalves Zarco, no Jardim Pequeno e na Rua dos Ferreiros e os edifícios do Estado que se conservaram embandeirados durante o dia e iluminados à noite, fizeram parte de um programa que foi, por diversas vezes, suspenso face às condições climatéricas<sup>154</sup>.

---

<sup>152</sup> *O Desporto*, 15/12/1922.

<sup>153</sup> *HM*, 16/2/1911.

<sup>154</sup> *HM*, 4/10/1913.

#### 2.4.2. Para além do futebol jogado: a solidariedade não conhece cores

"Considerando que a guerra europeia veio afectar de morte a vida económica da Madeira, vem afectar a classe dos empregados de comércio, o Atheneu Commercial do Funchal reuniu para amenizar a situação"

DN, 6/9/1914.

O artigo 61.º dos Estatutos do Nacional de 1927 prevêem que "o club promoverá anualmente e em época própria uma festa publica e desportiva denominada 'O Dia do Nacional' cujo produto reverterá a beneficio de uma casa de caridade". Mas não seria necessário termos acesso aos estatutos para vermos que os clubes, *ab initio*, tinham uma preocupação social pelos mais desfavorecidos. No jogo entre o Marítimo e o Sporting, a decorrer na semana de 22 de Janeiro de 1916, estavam disponíveis, para aluguer, cadeiras do Asilo de Mendicidade e Órfãos do Funchal<sup>155</sup>. Outro exemplo, noticiado pelo mesmo periódico<sup>156</sup>, seria relativamente à inauguração do Campo da Achada, num jogo entre o Madeira e um grupo de empregados da *Western Telegraph Company* e cujas entradas reverteriam a favor da Cruz Vermelha Portuguesa.

Num jogo entre a equipa principal do Marítimo e um grupo de jogadores marítimos de diversos clubes haveria cadeiras para alugar, sendo o dinheiro angariado entregue ao jogador do Marítimo que se havia magoado num jogo ficando impossibilitado, temporariamente, de exercer a sua profissão. As excursões feitas pela ilha e das quais já falámos serviam, também, para fins caritativos. Na deslocação do *Club Madeirense* a Santa Cruz revelava *O Povo*, de 15/9/1916, que o concerto dado pelas bandas que acompanhavam a equipa, a Filarmónica Artistas Funchalenses e o Grupo Musical Operário Madeirense, anexo ao clube, dariam um concerto cujo dinheiro angariado seria entregue a favor dos necessitados locais. Em 1917<sup>157</sup>, o Madeira e o União fizeram reverter as entradas do jogo disputado em benefício da viúva de António Fernandes, antigo jogador do Marítimo, provando, uma vez mais, que a solidariedade e a preocupação social não distinguem cores nem se alimentam de clubismos, realidade corroborada pelo sucedido no jogo noticiado pelo *DM*, na antevéspera de Natal de 1917, revelando que, num jogo entre o Marítimo e uma equipa mista, a verba angariada seria entregue a um fundador do União que à data encontrava-se doente e em precárias circunstâncias.

---

<sup>155</sup> *O Povo*, 22/1/1916.

<sup>156</sup> *Idem*, 12/4/1916.

<sup>157</sup> *Idem*, 21/1/1917.

Em 1920, a Festa da Flor aliava a caridade ao desporto. A comissão organizadora, querendo angariar donativos para a fundação da já projectada Escola de Artes e Ofícios, convidou o Madeira a organizar festas náuticas. Seis anos mais tarde, e para ajudar o trabalho de uma comissão encarregue de construir um sanatório para a tuberculose, o Nacional organizou uma festa náutica denominada *Dia do Nacional*, evento estatutariamente previsto. Estes foram alguns dos exemplos mais representativos de que as actividades desportivas, por despertarem a atenção e interesse de muitos, em especial das classes mais abastadas, foram por diversas vezes dinamizadas em prol do outro, em benefício de pessoas cujos clubes não se coadunavam. No entanto, tal não constituía motivo para não pensar e ajudar o próximo.

#### 2.4.3.A mulher e o seu papel desportivo

“A rotina preconceituosa que afirmava ser a mulher inadaptada á prática desportiva, vai a pouco e pouco cedendo terreno... hoje a mulher procura ardentemente nivelar-se ao homem em todas as manifestações de vitalidade... [tendo consciência] de que o seu papel não se deve restringir ao espaço acanhado que vai da sala de costura á sala de jantar.”

SF, 4 /8/1926.

A ideia de que o mundo desportivo foi pensado de e para os homens e de que “no que respeita à sua implantação e desenvolvimento cabia-lhes o domínio, quer enquanto dirigentes, quer como praticantes”<sup>158</sup> é, ainda hoje, muito actual. Se assim o é, em pleno século XXI, como seria nos primeiros anos do séc. XX?

A festa náutica organizada pelo Nacional, em Agosto de 1926, relançava o debate quanto à visão conservadora e tradicional que atribuía à mulher “o papel de dona de casa, de esposa e mãe [e] cuja missão parecia incompatível com actividades físicas não tradicionais”<sup>159</sup>. O cliché de que às mulheres era esperado e exigido que soubessem apenas cozinhar, cuidar do marido e filhos e vivessem uma vida artificial era, nesta época, uma realidade muito vincada. A praticar desporto, seria apenas pelo lazer recaindo as suas escolhas sobre a marcha, a natação, o ciclismo, a equitação e o ténis, isto se considerarmos que estas seriam sobretudo mulheres das classes privilegiadas.

---

<sup>158</sup> COSTA, Vitor, 1999:79.

<sup>159</sup> Idem:38.

Acentue-se, contudo, que, em Portugal, essas actividades físicas seriam praticadas por moda tentando ultrapassar o atraso que a sociedade portuguesa teimava em viver mergulhada. Neste sentido, as associações desportivas seriam fundamentais, promovendo torneios, competições, debates e, por conseguinte, implantando o desporto moderno. Neste âmbito o Marítimo foi pioneiro. A primeira referência encontrada que associa o sexo feminino a um papel activo no desporto seria em 1917 quando Francelina Campos foi votada como sócia correspondente do clube em Lisboa<sup>160</sup>.

Por sinal, a mulher ia ganhando o seu espaço nestas andanças típica e preferivelmente masculinas deixando o seu papel desportivo de exclusividade a actividades delicadas e menos violentas. A sua presença na assistência de eventos desportivos começava, então, a ser promovida e solicitada pois acreditava-se que a presença do elemento feminino o espectáculo de futebol tornar-se-ia mais civilizado e jogado com energia e correcção, se bem que durante muitos anos continua-se a atribuir à mulher um papel, ainda, secundário como revela o *DN*, de 4/1/1945, quando, no âmbito do dia do tenista o Casino da Madeira, oferece prémios às três senhoras que “se apresentem com os seus trajos característicos de tennis, o mais elegante, o mais original ou o mais vistoso” e não o fazem, por exemplo, através de provas desportivas.

#### 2.4.4. A gramática do futebol: a imprensa especializada na Madeira

O futebol, um dos principais representantes do desporto, constitui um dos principais fenómenos do séc. XX impulsionado e gerando imprensa especializada. Neste caso, é admissível a afirmação de que a imprensa desportiva nasceu como uma necessidade de comunicar o que ia acontecendo integrando-se, cada vez mais, no próprio fomento e desenvolvimento da causa desportiva.

Pierre de Coubertin, pedagogo e historiador já aqui referido, afirmava que o desporto era parte integrante da herança de todos os indivíduos e que a sua ausência nunca poderia ser compensada. E é justamente sobre tais pressupostos que a imprensa desportiva constrói e justifica a sua existência, corroborada pela observação de que os primeiros jornalistas desportivos eram aficionados pelo desporto, logo, envolvidos por ele.

---

<sup>160</sup> *DM*, 25/10/1917.

Pela sua difusão e grandeza fica a ideia de que o futebol é uma peste. Em virtude da existência de uma paixão quase litúrgica pelo futebol a imprensa desportiva que vai surgindo dedica-se quase, em exclusivo, a esta modalidade.

Nada melhor, para tal comprovar, do que a leitura apurada das páginas coesas e descritivas do jornal *O Desporto*, propriedade do Marítimo, cujo logótipo, seus componentes linguísticos e icónicos não deixam margem para dúvidas.

O futebol é, sem dúvida, a principal razão da sua existência. Antes de mais, e tomando como ponto de observação os jornais desportivos regionais e a premissa de que o futebol é um jogo de natureza colectiva e popular podemos afirmar que constitui a base da imprensa especializada.



Ilustração 9 - Cabeçalho do Periódico *O Desporto*

Em Portugal continental entre 1893 e 1934 vão surgindo diversos títulos<sup>161</sup>, contudo, a maioria ocupa as suas páginas com notícias do futebol, à excepção de *O Velocipedista* e de *O Tiro Civil*.

Na Madeira, surgem outros títulos, nomeadamente *Eco do Sports*<sup>162</sup>, títulos ligados directamente aos clubes, *O Desporto*<sup>163</sup>, *Club Sports da Madeira*<sup>164</sup> e *Sport do Funchal*<sup>165</sup>, do Marítimo, Madeira e Nacional, respectivamente, um suplemento do *Diário de Notícias*, a *Semana do Sport*<sup>166</sup>e, ainda, edições desportivas humorísticas, nomeadamente *A Piada*

<sup>161</sup> *Tiro e Sport, O Sport, Os Sports, Os Sports Illustrados, O Sport Lisboa e Benfica, O Sport de Lisboa, Os Sports, Sporting, Stadium, O Norte Desportivo.*

<sup>162</sup> Com primeira edição a 18 de Junho de 1928 e última a 14 de Julho de 1928.

<sup>163</sup> Com primeira edição em Abril de 1918 e última a 15 de Dezembro de 1923.

<sup>164</sup> Número único, a 15 de Janeiro de 1924, em comemoração do décimo terceiro aniversário do clube.

<sup>165</sup> Com primeira edição a 14 de Dezembro de 1923 e última a 23 de Dezembro de 1929. Entre 1925 e 1926 esteve 10 meses sem publicação.

<sup>166</sup> Secção desportiva semanal inserido no *DN*.



*Desportiva*<sup>167</sup>. Mas o humor ultrapassa esta publicação. Também critica-se recorrendo ao humor, também, em periódicos generalistas, tal como no *HM* ao publicar que “o *Grupo Sportivo Académico* em vista da bola nunca chegar as mãos do seu *Keeper*, tencionava comprar uma cadeira de vimes para o seu referido jogador se sentar”<sup>168</sup>.

A imprensa acaba por oferecer respostas rápidas e eficazes aos problemas que vão surgindo, contudo, não podemos considerar jornalismo desportivo. São, essencialmente, desportistas com enormes responsabilidades de acompanhar, de formar e de informar o cidadão sobre o desporto. São informadores, repórteres, críticos, técnicos desportivos, treinadores e árbitros. São eles, muitas vezes anónimos para o público, quem reivindicam a construção e melhoramentos das infra-estruturas desportivas e exija a formação e educação dos jogadores e *referees*, para que o jogo decorra dentro da normalidade como insiste o *HM* a 14 de Março de 1911:

“... a incompetência do juiz de campo que não soube evitar a grande violência a que se assistiu dentro de campo (...) jogo dos trambulhões<sup>169</sup> e dos olhos negros. Esse jogo, doloroso não só para os jogadores como também para o *referee*, foi um jogo de “esfola mãos, o jogo de rapa joelhos, uma partida de masarulhos<sup>170</sup> pelas cabeças, olhos negros, etc...”

Todos estes periódicos regem-se pela mesma gramática, assumindo um papel activo no desenrolar dos rituais desportivos, seus espectadores, hinos e cores. Relatam, opinam, alertam e criticam a causa desportiva na Madeira. Tudo isto encontrámos n’ *O Povo*, na rubrica *Raspões*<sup>171</sup> assinada por alguém de alcunha Mágico, na edição de 6 de Fevereiro de 1917, no seguimento da derrota do Nacional frente ao União, por 7 a 0:

“Que gulosa é a petizada  
Açambarca doidamente  
Vai papando a xixarrada  
E com tamanha enfiada  
Anda sempre bem contente  
O Nacional coitado  
Que tantas bolas comeu  
Que é coisa que já morreu  
Vai ser hoje enterrado  
E o seu coveiro sou eu.

---

<sup>167</sup> Com primeira edição em Janeiro de 1926 e última a 23 de Dezembro de 1929.

<sup>168</sup> *HM*, 31/5/1912.

<sup>169</sup> Vocábulo que no calão significa “queda”.

<sup>170</sup> Encontrar significado para este vocábulo torna-se difícil. Tem por sinónimo “inchaço”, “galo”, “mamolhão”.

<sup>171</sup> Face ao limite de espaço a utilizar e dada a riqueza e importância atribuídas à rubrica *Raspões* transcrevemos os versos encontrados em Anexo 5.

Aqui jaz empedernido  
Esse grupo de saudade  
A gloria de tanta tarde  
A honra de tempo ido  
O grupo da rapidez.

Foi um jogo sem valor  
União sempre atacando  
Mas eu agora pensando  
Não vi nos pequenos ardor  
Que sempre teem jogando.

Os outros fizeram bem  
Leopardos renitentes  
Jogaram com mãos e dentes  
Com pés e corpo também  
E porradas bem valentes.

Falhou a esp'rança da gente  
Não foi jogo acostumado  
O Nacional mudado  
Com a equipa bem diferente  
Que pena ficou arrazado

Mas afastem-se oh pimpões  
Das coisas que póde dar  
Todo o ilhéu a espirar  
Tem umas resoluções  
Que os podem atrapalhar.

Sete soes, sete xixarros  
A semana, sete dias  
E queriam eles ganhar  
Até custa a acreditar  
Terem lá essas manias.”

Nos objectivos dos periódicos desportivos estão, essencialmente, “a propaganda da educação física na Madeira, procurando fomentar (...) o máximo desenvolvimento em tudo quanto possa concorrer para o progresso da causa desportiva”.<sup>172</sup> A educação, a vários níveis, torna-se uma bandeira defendida não só pelo desporto e desportistas bem como pelos periódicos que, ao considerar o futebol um desporto pouco higiénico se praticado nos meses do Verão, não publicavam qualquer notícia com ele relacionado<sup>173</sup>.

Uma questão surpreendente encontrada na imprensa desportiva e generalista foi, em nosso entender, a forma cavalheiresca como os agentes desportivos eram tratados e como

---

<sup>172</sup> *O Desporto*, 17/4/1918.

<sup>173</sup> *O SF* faz deste assunto notícia na edição de 4/8/1926.

estes utilizavam as páginas dos jornais para as causas desportivas. O *DN* de 18 de Outubro de 1910 apresentava, referente ao jogo entre o Madeira e o *Grupo Sportivo Funchalense*, o nome dos jogadores a comparecer, “**os senhores** Passos Almeida (*goalkeeper*); João de Faria e João Oliveira (*backs*); Romano, Cascalho e Aguiar (*half-backs*) e Marcello, Coelho, Humberto, Costa e Juvenal (*forwards*). Será *referee* **o senhor** Archibald Cloud.”<sup>174</sup>.

Não obstante a utilização de terminologia futebolística na língua inglesa, a forma graciosa pela qual os jogadores e os próprios árbitros eram tratados é curioso e seria, hoje, impensável. Ao folhear as inúmeras páginas de jornais apercebemo-nos que algo, de singular, se repetia. Da mesma forma que Inglaterra contagiara as localidades com as quais estabelecera relações comerciais inculcando-lhes a paixão e o interesse pelo futebol, a sua língua invadia as gramáticas locais. A influência inglesa é, de tal forma, voraz que são inúmeras as referências que pudemos encontrar nos periódicos da época, incluindo, nos próprios nomes dos clubes que iam surgindo, alguns dos quais ainda hoje se mantêm. “Mas o jogo veio nos da Inglaterra, como o tennis, e como elle a sua maneira, o seu nome estrangeiro.”<sup>175</sup>.

Já, aqui, foi referida a importância da comunidade inglesa na difusão do futebol, ao ponto de toda a linguagem a ele respeitante confundir o português e o inglês, tendência que se sente, principalmente nos primeiros anos da modalidade. A partir da década de 30 esta tendência diminui consideravelmente passando a existir sobretudo nos nomes dos clubes referenciados.

Entre 1910 e 1926 são referenciados, habitualmente, cerca de 30 vocábulos ingleses para os quais parece não existir correspondência em português. Encontrámos alguns como, *association, backs, basketball, captain, club, corner kick, foot-ball, forwards, goal average, goalkeeper, ground, half-back, half-time, kick off, kicks, marathon race, match, penalty kick, player, referee, shootar* (uma bola), *soccer, sport, sportsmen, team, touch, volleyball* e *waterpolo*. Tratam-se de vocábulos ingleses que, por não existir correspondência portuguesa, obriga a que seja adoptada a língua inglesa. Outros, porém, traduzem-se no simples aportuguesamento do termo. *Sportivo* e *shootar* são, disso, exemplo.

---

<sup>174</sup> Negrito nosso.

<sup>175</sup> *HM*, 19/1/1911.

Além das funções da imprensa já aqui exploradas será importante referir as convocatórias<sup>176</sup>, efectuadas através das páginas de jornais, e as discussões entre os dirigentes, jogadores e capitães de equipas adversárias<sup>177</sup>. O desenvolvimento inicial do futebol deve-se, em muito, à imprensa pois é dela que advêm as críticas, as sugestões e os maiores desafios tendo por objectivo a prosperidade da causa desportiva.

Na edição, de 15 de Fevereiro de 1923, d'*O Desporto* podia-se ler duras críticas a quem apenas quer ver o seu clube vencer sem olhar a meios pois “assim como as lesmas costumam deixar na cal dos muros um luzidio e nojento de baba, os pseudo-criticos deixam nas colunas dos jornais um rasto de covardia e traição”. A crítica era, por vezes, tão voraz quanto humorística e nada melhor que a época carnavalesca para criticar aquilo que, na opinião dos jornalistas, atacava de forma nefasta o desporto na Madeira. A edição, de 16 de Fevereiro de 1926, do *SF* é riquíssima neste aspecto. Começam por informar que, o jogador suíço do Madeira, Albin Jud, encontrava-se a fazer um tratamento de duche gelado “a fim de moderar o entusiasmo com que joga”. Sob a designação de “Cortejo clubístico-carnavalesco promovido pela Direcção da AFF” transmitem-nos algumas das preocupações e polémicas da época. O carro alegórico do Madeira era “em ferro, pintado de azul e branco, representando uma rocha á beira-mar plantada... o Almeida pescava e o peixe que vinha á cana... eram jogadores de foot-ball.”. O do Império seria “um grande trôno forrado de linhagem branca, tingida á risca de côr de abobora verde...fazendo de Augusto Imperador -futebolístico madeirense, o Boaventura Ribeiro”. Critica, ainda, que “entaçado do seu papel, atrapalhado, encravado... do alto daquele trôno não o encorajada a novas lutas mas fazia-o sonhar outros poderes que mais alto se levantam.”. O carro do Nacional, e como não poderia deixar de ser, tratava-se da “planta de uma vista do Stadium futuro, um Stadium em grande adeantamento, com 35 bilheteiras e um porteiro”. Revelava-se, também, que a sua inauguração seria “feita com um grande *team* de *foot-ball* que D. Sebastião traz de Alcacer-Kibir.”. As rivalidades entre os dois clubes rivais, na época União e Marítimo, também seriam satirizadas. Assim, o carro alegórico do União seria, na verdade, “um barco deslizando sereno em busca do campeonato da Madeira” e o do Marítimo “representava uma prisão e lá dentro o Abel Romão que por ter manejado a

---

<sup>176</sup> Na edição do *DN* de 13/11/1910 o capitão do *Sports Madeira*, além de apresentar a equipa diz “visto ser um match de alta importância é preciso que absolutamente nenhum jogador falte”.

<sup>177</sup> A título de exemplo, tenham presente a edição do *DM* de 7/3/1918.

vinda á Madeira de varios teams de fóra, e cujos prejuízos ainda o empurram para a tristeza do cárcere.”.

O papel da imprensa, desportiva ou generalista, é de tal forma importante que constituiu a base de toda a investigação. Assuntos desportivos, políticos, económicos e corriqueiros tais como a prisão de um indivíduo que, após embebedar-se agrediu a mulher e filhos, preenchem as poucas páginas dos periódicos consultados e permitem o fiel enquadramento da época.

### **2.5. *Annus Mirabilis* do futebol madeirense**

A Madeira, em 1926, é já entendida como um centro desportivo relativamente importante e que tem vindo a afirmar-se no panorama desportivo nacional, em muito, devido ao futebol e ao *waterpolo*. Mas, num ano rico em eventos marcantes no que diz respeito ao desporto é pelas mãos do Marítimo que 1926 fica escrito a letras douradas na história com sabor diferente: o Campeão de Portugal.

Na época a que se refere este título o Campeonato de Portugal seria muito diferente do que acontece há já muitos anos. O campeão das ilhas, ou seja, a equipa vencedora de um jogo que colocaria frente a frente a equipa campeã da Madeira e a equipa campeã dos Açores, entra na competição nacional apenas nas meias-finais. Logo, o Marítimo chega à final e é campeão fazendo apenas quase 3 jogos. Um, contra a equipa açoriana, outro contra o Porto nas meias-finais e um contra o Belenenses na final. O calendário desportivo seria, em 1926: (A) Braga contra Viana; (B) Porto contra Vila Real; (C) Lisboa contra Santarém; (D) Coimbra contra Aveiro; (E) Beja contra Portalegre; Quartos-de-final: (F) Vencedor A e B; (G) Vencedor C e D; (H) Vencedor E contra Algarve; Meias-finais: (I) Vencedor F contra Ilhas; (J) Vencedor G e H; Final: (K) Vencedor I e J.



**Ilustração 10 - Equipa Campeã de Portugal (1926)**  
Cedida por Rui Carita

O Belenenses recusa-se a jogar a Final no Porto por lá terem sido apedrejados no jogo anterior. Alegavam que, por rivalidades, os portuenses dariam o apoio ao Marítimo fazendo com que estivessem a jogar “em casa”. O Belenenses ameaça não comparecer ao que o Marítimo responde com total disponibilidade em disputar a final em qualquer campo do país. O jogo acaba por ter lugar no Porto mas a má vontade do Belenenses reflecte-se ao não aceitar a decisão de expulsão de um membro da equipa. Ao não acatar a decisão, o árbitro deu por encerrado o encontro, que termina com a vitória do Marítimo por 2 a 0.



**Ilustração 11 - Chegada do Marítimo à Madeira após vencer o Campeonato de Portugal**  
Cedida por Rui Carita

Mal a notícia chega à Madeira pessoas de todos os clubes vão-se concentrando na sede do Marítimo para festejar e organizar a recepção à equipa. Cores à parte, a cidade festeja e o cais já não comportava mais pessoas que esperavam pela equipa. A banda distrital vai a bordo do *Gavião* ao encontro do vapor *Lima* executando o Hino do Marítimo. Festas, banquetes, récita de gala no casino Pavão e recepção na Câmara Municipal do Funchal foram alguns dos eventos que assinalaram esta conquista.

Mas o ano de 1926 terminava de forma trágica. Em Dezembro, dá-se o naufrágio do *Fisália* onde morre, entre outros, Humberto Passos Coelho, membro activo da sociedade madeirense e fundador do Madeira.

“O papel que lhe [desporto] cabe é da maior importância, pela contribuição que dêle se espera para a melhoria das condições físicas e morais da nossa raça”.

*DN*, 15/10/45.



Foi no segundo pós guerra, com o crescimento económico e com a subida generalizada da qualidade de vida da população que o processo de profissionalização do desporto de alta competição, em Portugal, se consolidou. O recrutamento de jogadores oriundos dos territórios ultramarinos e estrangeiros, que seriam apresentados como reforços das principais equipas portuguesas, foi um dos marcos mais significativos da tendência de profissionalização do desporto, mas foi o futebol, a modalidade que mais contribuiu para que se caminhasse nesse sentido<sup>178</sup>.

### **3.1. Portugal na cauda da Europa ferida**

O hiato temporal entre 1926 e 1945 aqui presente não reflecte o que, na verdade, ocorre no mundo, em Portugal e na Madeira. De facto, muito acontece neste período reflectindo-se na sociedade, incluindo, no nosso objecto de estudo, os clubes Marítimo, Nacional e União.

As más condições de trabalho, a falta de saneamento básico e as doenças recorrentes fazem com que o desporto seja entendido como disseminador dos hábitos de higiene. Livrar a sociedade de doenças e vícios que corroíam a saúde física e mental era um dos seus objectivos, contudo, vão começar a considerar a educação física como uma prática capaz de promover a saúde e a disciplina mas, também, como o centro da educação.

Poucos dias antes do jogo entre o Marítimo e o Belenenses para a final do Campeonato de Portugal, em 1926, a instabilidade política, a grave crise económica e a rígida hierarquia social culminaram na revolta de 28 de Maio sendo instalada a ditadura militar que iria persistir até 1933. Depois de vários séculos a ser governado por um rei e dezasseis anos depois de implantada a República, Portugal vê emergir o Estado Novo. Inicialmente o poder ficou nas mãos dos militares e, num país essencialmente rural e analfabeto, ideais conservadores, autoritários e centralizadores como “Deus, Pátria, Família” facilmente eram considerados eternos, imutáveis e a base de toda a salvação, mesmo quando a pobreza e o desemprego obrigavam à emigração. Em plena época de instabilidade em que Portugal estava mergulhado, Salazar surgia como um salvador

---

<sup>178</sup> SOUSA, Jorge, 1996.

tentando lutar contra o facto de ser um dos países mais atrasados da Europa, atingido, frequentemente pela fome, por epidemias e pela morte<sup>179</sup>.

Com a implantação do sistema republicano, o sistema de ensino português sofreu uma reviravolta gradual, primeiramente pela Primeira República e, mais tarde, pelo Estado Novo, não sendo a Madeira e a cidade do Funchal excepções. As escolas “foram substituídas por postos escolares, a cargo de regentes com a 4.<sup>a</sup> classe, mas com ‘bom comportamento moral e civil’, tendo sido posteriormente encerradas as Escolas do Magistério Primário.”<sup>180</sup>.

Já com Oliveira Salazar, Presidente do Conselho de Ministros, o Funchal beneficiou da construção de novas escolas primárias e de grau superior. Entre elas destaca-se o Liceu do Funchal (hoje, Escola Secundária Jaime Moniz) e as suas homólogas profissionalizantes, a Escola Industrial e Comercial do Funchal (hoje, Escola Secundária Francisco Franco) e o Magistério Primário<sup>181</sup>. De reconhecida importância, a fundação destas escolas não foi tarefa fácil para as autoridades do, então, *Distrito Autónomo do Funchal*. O plano de criação do Liceu, por exemplo, enviado ao executivo foi, primeiramente, rejeitado por Salazar que argumentava que “é uma loucura (...) desenvolvido para ser modificado e embaratecido. Quando voltar e mereça a aprovação, o Estado comparticipará na despesa. (...)”<sup>182</sup>. Mas foi a própria política do Estado Novo que reverteu a situação, pois a partir de 1952, com o *Plano de Educação Popular* e a *Campanha Nacional de Educação de Adultos*, alargou-se a escolaridade obrigatória e criaram-se na Madeira os primeiros colégios, alargando o ensino secundário, que só existia no Funchal, a outras partes do arquipélago<sup>183</sup>. Os números não negam a aposta no ensino e na educação. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística publicados no *DN*<sup>184</sup>, o analfabetismo desceu de 70,3% em 1911 para 49% em 1940. Em 1926 existia, na Madeira, o registo de 12 604 estudantes inscritos no ensino primário e 1 500 no ensino secundário. Vinte anos depois, esses números aumentavam para 24 500 e 2 000 respectivamente.<sup>185</sup>

---

<sup>179</sup> O título de um artigo de 1.<sup>a</sup> página do *DN*, de 13/4/1950, era claro quando revelava que “A dívida do país para com Salazar está em aberto. Em aberto está para com ele, a dívida da história”.

<sup>180</sup> MENDONÇA, Alice, 2006: 89.

<sup>181</sup> NEPOMUCENO, Rui, 1994.

<sup>182</sup> MENDONÇA, Alice, 2006:90.

<sup>183</sup> MENDONÇA, Alice, 2006.

<sup>184</sup> *DN*, 28/11/47.

<sup>185</sup> *DN*, 29/10/1946.

Ao longo dos tempos e nas inúmeras páginas de jornais consultadas vamos encontrando referências ao combate ao analfabetismo em Portugal. A maior será, talvez, a notícia de que a instrução primária será, a partir de então, obrigatória, para crianças entre os 7 e 13 anos, sendo os encarregados de educação responsáveis por cumprir esse decreto, sendo multados até 500 escudos pelo seu incumprimento<sup>186</sup>. Para combater o analfabetismo este decreto prevê que a atribuição do abono dependa da frequência da instrução primária, que as entidades onde se encontrarem jovens que deveriam estar na escola sejam multadas e que exista recenseamento escolar, anual, entre Maio e Agosto. Contudo, as medidas mais actuaes serão aquelas que dizem respeito à interdição às entidades patronais de comércio e indústria em admitir ao serviço permanente jovens menores de 18 anos que não tenham feito o exame do ensino primário elementar, a proibição de ingresso em certas profissões a quem não tenha a 3.<sup>a</sup> ou 4.<sup>a</sup> classe do ensino primário seja qual for a idade, a não admissão a exame para condutores de veículos os indivíduos que não tenham o exame da 3.<sup>o</sup> classe e a não autorização para emigração<sup>187</sup>.

Na luta contra o analfabetismo criam-se cursos para adultos, sendo em 1954, na Madeira mais de 5 000 os alunos inscritos, em cerca de 218 cursos<sup>188</sup> e, onde os próprios clubes desportivos têm um papel fundamental. O União, por exemplo, tomando presença na luta nacional contra o analfabetismo dispõe, em 1954, de cursos de instrução primária na sua sede, para os seus atletas desde os infantis até à equipa de honra.

Mas, apesar da educação constituir uma bandeira do regime, a taxa de analfabetismo continuava a ser uma das mais elevadas da Europa, situação que é agravada pelo fraco desenvolvimento cultural resultado da proibição e amputação de obras e publicações, por acção da censura<sup>189</sup>.

Portugal saiu da Guerra, em que manteve a posição de neutro, com a sua moeda estável e um orçamento equilibrado, tendo as “associações desportivas e recreativas uma importância extraordinária para a educação e divertimento do povo onde a saúde física e a elevação moral devem encontrar fortes estímulos”. Surge uma nova mentalidade “já que o desporto bem orientado é fonte de virtude, de lealdade, de camaradagem, de coesão dos grupos e dos sentimentos pregários, de coragem e do espírito de sacrifício”<sup>190</sup>.

---

<sup>186</sup> *DN*, 1/11/52.

<sup>187</sup> A ter efeito a partir de 1 de Janeiro de 1955.

<sup>188</sup> *DN*, 29/3/1954.

<sup>189</sup> PEREIRA, Antonino, 2001: 31.

<sup>190</sup> *DN*, 16/1/1948.

O domínio do Estado Novo era absoluto estando presente e activo em todas áreas do quotidiano. Nem com a eclosão da II Guerra Mundial esta situação se alterou. A neutralidade de Portugal, em muito, devido à diplomacia característica de Salazar, valeu alguns anos de calma interna.

Em termos económicos podemos afirmar que a Grande Guerra foi benéfica tanto para Portugal Continental como para a Madeira. Isto porque, sendo um país neutro e sem despesas inerentes às questões bélicas, o país pôde vender os seus produtos, nomeadamente o turismo. Como tal, durante os anos da guerra Portugal conseguiu aumentar as receitas públicas sem que, no entanto, tal fosse visível na melhoria ou desenvolvimento do país.

Numa época definida por Wieviorka<sup>191</sup> como a *era do vácuo* este período será fortemente marcado pela desestruturação das relações sociais, resultantes do fim da sociedade industrial, da crise das instituições e do surto das identidades culturais, consequências, também, da II Guerra Mundial. O futebol começaria, então, a “desbravar o seu lugar privilegiado na identidade portuguesa”<sup>192</sup> pelo interesse que despertava, pelo seu carácter simples e descomplexo, pelo seu cariz amador e desorganizado mas, sobretudo, pelo potencial social que seria alimentado pela sua popularidade, paixão e identificação colectiva.

Embora tenha existido a clara intenção de gerar nos jovens sentimentos de lealdade e de nobreza se a actividade desportiva decorresse, claro, de forma severamente observada e fiscalizada, a verdade é que a mão do Estado pouco consegue dentro das quatro linhas de um qualquer campo de futebol.

Apesar do futebol ter sido um veículo de propaganda do Estado Novo não podemos considerar que o tenha sido com a força e com a intenção que é comumente referido e aceite. O “efe” *Futebol*, juntamente com *Fado* e *Fátima* teriam o peso e a importância atribuída mas pela acção do povo e não tanto pelo poder político que o acompanhava com alguma distância e desconfiança<sup>193</sup>.

---

<sup>191</sup> WIEVIORKA, Michel, 1998.

<sup>192</sup> COELHO, João, PINHEIRO, Francisco, 2004:40.

<sup>193</sup> Ricardo Serrado (2009) debruça-se sobre algumas controvérsias que envolveram o futebol durante o regime salazarista. Sobre este assunto consulte-se *O Jogo de Salazar*.

### 3.2. A experiência que ensina: A profissionalização do futebol

“A memória futebolística é confusa mas muito selectiva, e o que selecciona vê com clareza sempre”<sup>194</sup>.

O desporto chega-nos de Inglaterra junto com todas e quaisquer mercadorias que, deste país mercantil, eram escoadas para a Europa. Não será, então, descabido pensarmos que, a pouco e pouco, esta actividade e prática desportiva tenda a adquirir características comerciais.

Não tendo Portugal escapado à aculturação desportiva ocorrida em território europeu assiste-se, a partir das duas primeiras décadas do século XX, a um germinar de organizações desportivas. O pioneirismo do futebol vai-se diluindo de tal forma que vamos assistindo a um crescente interesse e participação nos espectáculos desportivos que, inicialmente, assentava única e exclusivamente numa dimensão amadora<sup>195</sup>. Desenvolvida por uma classe que vivia dos seus rendimentos e que desfrutava do desporto nos seus tempos livres, sem onerar qualquer valor, prémio ou espécie, a actividade desportiva, essencialmente o futebol, vai sentir rasgos de profissionalismo, uma primeira tentativa de fazer emergir a profissionalização.

A profissionalização do desporto em Portugal, para alguns apenas “profissionalismo encapotado”<sup>196</sup> será marcada por muitos factores. A presença em Portugal de grandes treinadores estrangeiros, onde o futebol já atingira um patamar de qualidade interessante, a contratação de jogadores e sua formação técnica e pessoal, a febre de construção de novas infra-estruturas, a competitividade e rivalidades vividas e a própria intervenção do Estado acabam por dotar de qualidade e competitividade um país talentoso mas sem organização.

#### 3.2.1. O amador e o profissional

Carl Diem, criador do percurso da tocha olímpica e membro do Comité Organizador dos Jogos de Berlim (1936) num artigo intitulado *La Session sur le Nil* afirmava que “C’est l’amateurisme qui fait vivre le sport, c’est le professionnalisme qui le tue (...) Le

---

<sup>194</sup> MARIAS, Javier, 2000:70.

<sup>195</sup> O Nacional, nos seus estatutos, sentiu a necessidade de definir amador como “todo o indivíduo que não recebe remuneração alguma pela pratica d’estes exercicios. Excetua-se o indispensavel auxilio para hotel e despesas de viagem”, se necessário fosse.

<sup>196</sup> CORREIA, Romeu, 1981:136.

profissionalisme suce le sang de l'amateurisme et le laisse en état d'anémie.”<sup>197</sup>. Tendo em conta que os Jogos Olímpicos não permitiam que o amadorismo e profissionalismo se misturassem preterindo o segundo em prol do primeiro, durante muitos anos notou-se uma violenta resistência à coexistência de ambas as realidades. Sobre este propósito note-se os diversos episódios vivenciados por atletas vencedores nos Jogos Olímpicos que viram ser-lhes retirados os respectivos prémios, por se provar que à sua participação olímpica antecederam participações em provas com retorno financeiro.

Esta filosofia resultou na ideia de que o amadorismo e o profissionalismo eram realidades incompatíveis, onde o amador/puro e profissional/impuro eram uma verdade absoluta e partilhada pelo Estado e pelo legislador português<sup>198</sup>, que vão ter um papel fundamental no longo processo de passagem da popularização à profissionalização do desporto em Portugal.

Nos primeiros anos do século passado, o Estado fixou-se na visão de que o desporto tinha como benefícios, maiores, os higienistas e terapêuticos da população, ideia que vem travar o impulso que se sente por toda a Europa, do profissionalismo da actividade desportiva.

O Decreto-Lei n.º 21 110, de 4 de Abril de 1932 é explícito ao admitir que face à “decadência manifesta da espécie humana, o problema da educação física uma importância tal que o torna candente para todos os povos”. Precisando de ver solucionado o problema o diploma legisla que:

“A natação, o remo e a equitação, com a devida formação que os preceda, ninguém lhes contesta o valor utilitário e os benefícios higiénicos de aplicação.

Não podem contudo ser aceites os desportos anglo-saxónicos e os jogos atléticos bem como os desafios e os *matches* em geral, especialmente, os de *foot-ball*, visto ser nulo ainda o seu papel educativo, e cujos malefícios são óbvios.

A educação física não visa formar atletas. Toda a educação física que visa a esta finalidade é uma educação às avessas. Os atletas marcam a decadência dos grandes povos. Grécia e Roma dos atletas são precisamente Grécia e Roma da decadência. Demasiado têm sido as vítimas.”

---

<sup>197</sup> 1938:19.

<sup>198</sup> Maria José Carvalho tem prestado atenção a esta temática em diversos trabalhos. A questão do amadorismo e do profissionalismo como indicadores dos elementos estruturantes do Regime Jurídico do Desporto Profissional em Portugal são o tema da sua dissertação de Doutoramento apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade de Desporto e do seu artigo, “Estado e Desporto Profissional: Relação Política e Regulativa”, inserido na obra de José Manuel Constantino, *O desporto e o estado: ideologias e práticas*.

A discussão entre a rejeição e a aceitação do profissionalismo<sup>199</sup> é o que mais marca o período em análise. O *otium cum dignitate*, capaz de produzir um descontrolo agradável das emoções, o antídoto das tensões vividas no quotidiano era, nesta época, entendido como um perigo social por deturpar os valores inerentes ao surgimento da actividade desportiva<sup>200</sup>.

### 3.2.2. O profissionalismo sob o olhar atento do Estado

Na peça *A Educação e o Desporto - O que se faz e o que se pode fazer na Madeira para o revigoração físico da nossa gente*<sup>201</sup> o autor, não identificado, refere que as causas desportivas neste período afastam-se das de outrora, seguindo rumos diferentes daqueles que há anos norteavam dirigentes e dirigidos. Afirma que “ao moralisar a vida da nação, pensou o governo que o desporto, interessando principalmente a gente moça, seria um factor de importância a aproveitar, como elemento precioso de educação.”. Esta ideia fomentou a criação da Direcção-geral dos Desportos e delegados deste órgão em vários pontos do país, colocando à frente deste e de demais organismos “individualidades idóneas, de sã moral e com os conhecimentos técnicos indispensáveis para levarem a cabo tão espinhosa missão”<sup>202</sup>, bem como a preocupação em formar os agentes desportivos<sup>203</sup>.

Neste período assiste-se à grande difusão popular do futebol situação que se expressa pelas constantes enchentes que os poucos e pequenos recintos desportivos existentes vivem e o número cada vez maior de jogadores de futebol. Uma notícia de 1953<sup>204</sup> revelava que na Bélgica tinham entrado nos estádios, ao longo de toda a época desportiva, 9 181 138 espectadores, número elevado se tivermos em consideração que o número de população da época rondava os 8 500 000 habitantes. Em Itália as receitas dos clubes ascenderiam a 180

---

<sup>199</sup> A aceitação de que a prática desportiva amadora não se extingue e que apenas passa a coexistir com a prática desportiva profissional, em termos legais, apenas ocorre em 1960, com a Lei n.º 2 104, de 20 de Maio. Em termos práticos esta visão começa a surgir à medida que as equipas portuguesas começam a profissionalizar os seus quadros, objectivos que terão o seu expoente máximo com a conquista de diversos títulos europeus. O *Sport Lisboa e Benfica*, na década de 60, vence duas Taças dos Clubes Campeões Europeus e está presente em três outras finais e o *Sporting Club de Portugal* vence a Taça dos Clubes Vencedores de Taças e a própria Selecção Nacional vem a ocupar o último lugar do pódio do Mundial de 66, decorrido no berço do futebol, em Inglaterra.

<sup>200</sup> ELIAS, Norbert, 1992.

<sup>201</sup> *DN*, 21/1/1945.

<sup>202</sup> *Idem*.

<sup>203</sup> O *DN* de 27/5/1945 revela que estariam abertas as inscrições para a escola de árbitros instituída pela Associação de Futebol da Madeira bem como, a 7/6/1945, com palestras sobre o código das leis de futebol e sua aplicação no país.

<sup>204</sup> *DN*, 2/10/1953.

mil contos (2 biliões e 610 milhões de liras)<sup>205</sup>, enquanto em Inglaterra “dez milhões de pessoas assistem por semana aos jogos de futebol”<sup>206</sup>, existindo, em 1951, 30 mil clubes e 800 mil jogadores. Em Portugal, cinco anos antes, estavam registadas 2 320 organizações de desporto e recreio, 996 das quais praticavam modalidades desportivas, num total 280 340 sócios de colectividades desportivas.

Mas as enchentes trariam outros benefícios sem ser, claro, a moldura humana que enriquecia o espectáculo. Trazia, também, a riqueza à bilheteira, fonte de receita fundamental para os clubes e, por tal, a profissionalização era cada vez mais necessária<sup>207</sup>. O jogo entre as selecções portuguesa e austríaca faria entrar 60 mil pessoas no Estádio das Antas, no Porto<sup>208</sup>. O Sporting-Benfica, em Março de 1952, rendia aos cofres do clube 536 contos. O recorde anterior pertencia também a um encontro entre estes dois clubes na época 1949/50, no Estádio Nacional, num total de 510 contos<sup>209</sup>. Esta fonte de receita tornar-se-ia tão importante para a sobrevivência dos clubes razão pela qual, aliado a outras fontes de rendimento, vai ser alvo de uma clara aposta na maximização dos mesmos, quer através das bilheteiras, quer através dos subsídios quer, ainda, através das fatias atribuídas pelas Associações de Futebol locais, fruto da participação na prova máxima do futebol português, a Taça de Portugal. Assim, em Portugal, em 1953, as quantias ganhas tinham por valores: “Braga (973\$10); Castelo Branco (515\$10); Coimbra (1 461\$00); Évora (1 124\$90); Funchal (2 595\$00); Lisboa (9 772\$60); Porto (8 721\$40); Setúbal (2 900\$20)”. De acordo com a mesma fonte os jogos que mais renderam, nesse mesmo ano, tinham sido “Benfica-Porto: 438 600\$00, Marítimo-Porto (188 060\$0); Benfica-Vitória de Setúbal (121 910\$00); Sporting-Académica (107 720\$00) e Porto-Boavista (106 210\$00)”. Nesta época, cada clube que havia participado na Taça de Portugal arrecadava, então: “Porto – 7 jogos – 232 560\$10, Benfica – 7 jogos – 185 455\$50, Marítimo – 2 jogos – 56 691\$2, Vitória Setúbal – 2 jogos – 51 126\$20, Sporting – 3 jogos – 50 390\$60”. Sem analisar mais dados que possam ser importantes, de salientar que o Marítimo consegue angariar mais verbas do que o Boavista, a Académica, o Barreirense, o Vitória de Guimarães, o Atlético ou o Estoril.

---

<sup>205</sup> DN, 25/7/1953.

<sup>206</sup> DN, 24/11/1948.

<sup>207</sup> Romeu Correia é da opinião que o futebol tornou-se um negócio desde o dia em que se cobrou o primeiro ingresso para assistir a um desafio. Como tal, já seria de esperar que o tão venerado *amor à camisola* já não seja suficiente.

<sup>208</sup> DN, 24/11/1952.

<sup>209</sup> DN, 11/3/1952.



Um pouco por todo o país e, desde sempre, as práticas desportivas eram utilizadas para comemorar marcos e efemérides políticas. O *DN*, de 27/5/1945, revelava que a revolução que “marcou uma nova era nos destinos da nossa Pátria, pela transformação profunda que se operou no nosso sistema político e administrativo, abrindo horizontes largos ao renascimento das forças morais, espirituais e materiais da Nação” seria comemorada com festas diversas incluindo com uma “Festa de Educação Física pelos alunos de ambos os sexos da Mocidade Portuguesa”.

Utilizando o desporto com o intuito de regeneração da raça, a questão lúdica, de prazer e de sociabilidade inerente a esta actividade não era bem aceite. Vários autores não hesitam em concluir que “o edifício desportivo se alicerçou (...) na perspectiva de que o homem, para o seu desenvolvimento e progresso social, deveria procurar revigorar-se, fortalecer-se, visando uma transformação individual e colectiva.”<sup>210</sup>.

Contudo, o receio de que essas transformações pudessem colocar em causa a trilogia ideológica vigente criou-se diferentes organismos estatais. Em 1935 era criada a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT)<sup>211</sup>, criada com o apoio do Estado tendo por objectivo “aproveitar o tempo livre dos trabalhadores portugueses de forma a assegurar-lhes o maior desenvolvimento físico e a elevação do seu nível intelectual e moral (...) com delegações nas ilhas adjacentes e províncias ultramarinas”<sup>212</sup>. Nos periódicos locais são inúmeras as referências a campeonatos desportivos corporativos da responsabilidade da FNAT na Madeira. O *DN*, de 4/2/1952, anuncia a visita do Inspector dos Desportos da FNAT no âmbito da disputa do campeonato de futebol disputado entre equipas da Madeira e do Continente, entre as quais encontramos as equipas *Leacock*, estivadores, trabalhadores de armazéns, empregados de escritório e carregadores. É em 1953 que, frente à equipa da *Carris*, a equipa madeirense da *Leacock* se consagra campeã nacional do Campeonato Corporativo<sup>213</sup>. Mas as actividades da FNAT não se restringem ao futebol. As actividades desportivas deste organismo corporativo a nível nacional incluem, também, a natação, o ténis-de-mesa e o ciclismo.

Em 1936 é criada, pelo Decreto-Lei n.º 26 611, de 19 de Maio, a Mocidade Portuguesa. Com objectivos muito mais abrangentes do que regular ou controlar a

---

<sup>210</sup> COSTA, Vitor, 1999:24.

<sup>211</sup> Actualmente conhecida por INATEL, fundação privada de utilidade pública.

<sup>212</sup> Decreto-Lei n.º 25 485, de 13 de Junho de 1935.

<sup>213</sup> *DN*, 16/9/53.

actividade física e desportiva, a criação da Mocidade Portuguesa é pensada com o objectivo de moldar a juventude e perpetuar a ideologia do regime<sup>214</sup>.

O Instituto Nacional de Educação Física, criado em 1940, vai ter um papel fundamental na organização da actividade desportiva em Portugal. Formando professores na área, dá-se início a um processo de unificação de modelos e à profissionalização dos agentes desportivos.

A intervenção estatal vai mais além e, em 1942, a Direcção-Geral da Saúde Escolar passa a Direcção-Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, com o principal intuito de dirigir e vigiar a actividade desportiva do povo português “fora das escolas, da Organização Nacional Mocidade Portuguesa e da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho”<sup>215</sup>. Por outras palavras trata-se de actuar directamente nas actividades desportivas que suscitavam a curiosidade e participação do povo português através da nomeação de inspectores, delegados e diversos agentes reguladores deste tipo de espectáculo. As palavras proferidas pelo Ministro da Educação Nacional, no âmbito da inauguração do Estádio Municipal de Famalicão, abaixo transcritas, comprovam o valor nacional que era atribuído ao desporto.

“Nunca a cultura física ou a educação moral tiveram assento seguro nas escolas... nunca o estado e as autarquias locais se preocuparam decisivamente com as artes ao ar livre, com o desenvolvimento físico da juventude, com o robustecimento da raça ou mesmo com a modelação do seu carácter”.<sup>216</sup>

Esta realidade aliada à criação e actuação da Mocidade Portuguesa, da FNAT, do Instituto Nacional de Educação Física para a preparação de professores e monitores, à obrigatoriedade da Educação Física e Moral nas escolas, à construção de campos de jogos, de ginásios e de estádios e aos subsídios anuais de milhares de contos para o desporto vão fazer da caminhada da actividade desportiva em Portugal, um trajecto constantemente acompanhado, vigiado e controlado, sem grande margem de manobra e autonomia.

Futebol e política são fenómenos idênticos com ligações profundas, contudo, e comungando da opinião de vários autores, consideramos ter existido alterações profundas na sociedade portuguesa, incluindo na visão sobre a actividade desportiva onde o desporto valorizado deixa de ser a actividade militar que prepara o indivíduo para provas robustas

---

<sup>214</sup> PEREIRA, Antonino, 2001: 34.

<sup>215</sup> Artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 32 241, de 5 de Setembro de 1942.

<sup>216</sup> *DN*, 27/9/1952.

passando para o desporto organizado onde a construção de instalações desportivas e a cedência e atribuição de subsídios variados são um marco determinante.



**Ilustração 12 - Jogo entre Nacional e Marítimo nos Barreiros. Data desconhecida mas, pela saudação, crê-se ser durante o Estado Novo  
Arquivo do Nacional**

Os primórdios da *subsídiodependência* desportiva situam-se neste período. Vários são os apoios que os clubes recebem. O gosto de jogar e a vontade de vencer já não são suficientes. Agora, os clubes recebem verbas, prémios monetários que substituem as licoreiras ou as peças de arte que outrora eram expostas nas vitrinas do comércio local. Por exemplo, pela proibição de integrar a competição os clubes que não tivessem campos relvados a Federação Portuguesa concede subsídios às Associações de Futebol de Lisboa, Braga, Aveiro, Setúbal, Faro, Coimbra e Porto, sem que tivéssemos, contudo, encontrado qualquer referência à AFF<sup>217</sup>.

A profissionalização trouxe custos que não poderiam mais ser suportados pelas quotas de sócios. Como tal, e “a bem da cultura física, a Direcção-geral dos Desportos atribui a cada clube associado na divisão de honra da AFF um subsídio de 10 contos”<sup>218</sup>. Os clubes, por sua conta, já não têm capacidade de sobreviver, quanto mais de crescer. Sem a ajuda do poder político, auxílio que por certo não será desprovido de cobrança, os clubes atravessam graves crises que os obrigam a encerrar ou suspender a sua actividade e/ou procurar alternativas financeiras, nomeadamente a venda de jogadores e a organização de grandes eventos desportivos e culturais.

---

<sup>217</sup> DN, 29/7/1945.

<sup>218</sup> DN, 11/12/1949.

A 29/7/1945, num artigo de primeira página do *DN*, revelava-se o orçamento para o ano de 1946 do Ministério das Obras Públicas, na Madeira. Saúde, educação e desporto seriam, sem dúvida os grandes contemplados. A construção de um pavilhão para 50 doentes no Hospital das Misericórdias, bem como de um posto de urgência, o arranjo do campo de Jogos do Liceu Jaime Moniz, a construção do posto meteorológico do Pico do Areeiro, a 1.<sup>a</sup> fase de arranjos do campo dos Barreiros e do Parque Santa Catarina, um novo cemitério em São Gonçalo, a construção de uma creche no Bairro de Santa Maria, a ampliação do hospital em Santa Cruz (!) e a terraplanagem do campo de jogos local foram algumas das rubricas contempladas.

Não esqueçamos, também, a grande contribuição do poder político para o desenvolvimento do desporto regional através da requalificação do *Stadium* dos Barreiros, depois do Nacional o ter entregue à Junta Geral do Distrito por dificuldades financeiras. O aproveitamento e propaganda política não poderiam ter sido mais claros. O lançamento da primeira pedra das obras do Estádio, em 1953, coincidiria com os festejos do 28 de Maio e com a exposição da maqueta da Avenida Salazar, arruamento que ligaria o Campo da Barca a São Gonçalo<sup>219</sup>.

### 3.2.3. Na corda bamba das competições

“A final da Taça Lido, troféu oferecido por Luís Lopes Serrão dá a oportunidade à equipa vencedora de ganhar 12 pares de botas. Mas antes de começar a final cumpriu-se um minuto de silêncio pela morte de Harry Hinton”<sup>220</sup>.

O grande impulsionador da profissionalização e do interesse cada vez mais contagiante que o futebol, o culto do sucesso e a devoção clubista assumiam, seria a competição nos relvados regionais, nacionais e internacionais. Assumindo um papel determinante na formação técnica dos jogadores, treinadores e demais agentes desportivos dos clubes madeirenses as diversas competições em que participavam mostravam-se fundamentais. Seriam competições regionais e nacionais, taças diversas, jogos inter-cidades e inter-ilhas, em diversas modalidades.

---

<sup>219</sup> Esta obra só foi concretizada nos primeiros anos deste século tendo sido denominada *Avenida de São Tiago Menor*.

<sup>220</sup> *DN*, 6/5/1948.

A conquista do Campeonato da Madeira era, habitualmente, disputada entre o União e o Marítimo. Era, indubitavelmente, a competição que mais desafiava os clubes sendo a vitória algo que, honradamente, fazia parte do palmarés.



**Ilustração 13 - Foto comemorativa do Campeonato 1941-42<sup>221</sup>**  
**Arquivo do Nacional**

Apesar dos vencedores oscilarem, essencialmente, entre o Marítimo e o União, por vezes, o Nacional aparecia vencedor. Contudo, entre 1945/46 e 1955/56 a hegemonia foi do Marítimo vencendo todos os campeonatos disputados. Em termos nacionais, em 1946/47 verifica-se uma reforma profunda na competição, começando a funcionar por pontos em forma de liga e de forma hierarquizada. A Taça de Portugal sofria um interregno nas épocas de 1946/47 e 1949/50, pela falta de transporte e segurança face à guerra. Com início em 1922 com o nome Campeonato de Portugal, mantém essa designação até 1939, com a reorganização das provas oficiais, quando se divide o Campeonato Nacional (onde podem marcar presença clubes de todos os distritos do Continente) e a Taça de Portugal (a ser disputada por eliminatórias e onde apenas uma das equipas insulares podia marcar presença havendo, contudo, uma interregno nessa participação). Entre 1946 e 1959 as regiões que mais marcaram presença no Campeonato Nacional de Futebol foram as de

<sup>221</sup> Apesar de ser pouco claro nesta reprodução enfatiza-se não só a conquista da prova máxima do futebol regional bem como “As estradas construídas e reparadas depois de 1926”.

Lisboa (66 participações), Setúbal (25), Porto (23), Braga (22), Coimbra (12), Castelo Branco (10), Faro (8), Évora (7), Leiria (4), Portalegre (4) e Aveiro (1)<sup>222</sup>.



Ilustração 14 - Caricatura do Re-nhau-nhau que enfatiza a discordância quanto à não participação de equipas madeirenses nas competições nacionais  
Fonte: TM, 29/6/2001

Mas as aspirações dos desportistas insulares eram maiores e prendiam-se com o facto de não poderem participar nas competições nacionais ficando limitados nos contactos e confrontos com equipas sem ser as que, habitualmente, participavam nas competições regionais. Querendo evoluir, viam sair jogadores das suas equipas e ao procurar maior competitividade apenas a conseguiam atingir convidando ou aceitando convites para deslocações e torneios inter-ilhas e inter-cidades.

Entre 1945 e 1955 estiveram na Madeira equipas portuguesas e espanholas, entre elas o *Real Club Victoria* de Las Palmas (1947), o *Barreirense* (1949), o *Estoril* (1949), o *Sporting* (1949), o *Porto* (1949), o *Benfica* (1950), o *Deportivo de Tenerife* (1952), o *Juventude de Évora* (1952), a *Associação Académica de Coimbra* (1951), o *Boavista* (1951). Existiram, também diversas deslocações de equipas madeirenses ao exterior,

---

<sup>222</sup> NUNES, Ana Bela, VALÉRIO, Nuno, 1996:37.

nomeadamente, a ida do Nacional aos Açores (1949), do Marítimo a terras de África<sup>223</sup> (1950) e do União aos Açores (1952).



**Ilustração 15 - Equipa do Marítimo campeã em África**  
Cedida por Rui Carita

Saliente-se, ainda, os jogos inter-cidades que decorreram entre Funchal e Ponta Delgada (futebol), Funchal e Caldas das Rainha (ténis-de-mesa), Lisboa e Funchal (voleibol), bem como a participação de atletas madeirenses na prova entre Portugal e Espanha na qual José da Silva<sup>224</sup>, atleta do Nacional conseguiu uma marca nunca antes atingida.

No futebol, eram disputadas diversas provas entre Marítimo, Nacional, União e Sporting. O Campeonato de Classificação (que dava apuramento para a Taça de Portugal), a Taça António Costa, a Taça Humberto Passos Freitas, a Taça da Madeira, o Campeonato de Promoção, a Taça Recordações da Madeira, a Taça Kotller, a Taça Humcar, a Taça Mabor, a Taça da Cidade, a Taça Junta Geral, a Taça Lido e a Taça Curacau eram provas onde os clubes defrontavam sempre os mesmos adversários sem que, por tal, pudessem evoluir. O contacto com equipas forasteiras seja através da ida exterior ou recepção de

---

<sup>223</sup> A comitiva a África incluía um padre. Após o regresso vitorioso a equipa e dirigentes do Marítimo assistiram a uma missa na Igreja de Santa Maria Maior para agradecer a graça alcançada (*DN*, 4/11/1950).

<sup>224</sup> José da Silva, o *Saca*, destacou-se em várias provas nacionais. Fica, também, na história vários recordes internacionais e a travessia Berlengas-Peniche (1956) e do Canal da Mancha (1957 e 1958).

equipas externas são um ponto ao qual se dá grande importância e que mais contribuíram para o processo de profissionalização do futebol e dos clubes desportivos na Madeira.

Mas receber todas estas equipas habituadas a grandes palcos exigia novas infra-estruturas, febre que contagiava a região e o país. Um pouco por todo o território português, campos exíguos davam lugar a estádios, a recintos desportivos de grande dimensão, elemento fundamental para o desenvolvimento de novas modalidades e equipas no seio dos clubes.

O período aqui em análise foi rico no investimento efectuado em instalações desportivas quer a nível regional quer a nível nacional, um pouco à imagem do que se fazia no resto da Europa. A nível nacional, a inauguração do Estádio Nacional em Março de 1945, o Estádio do Braga em 1950, o das Antas em 1952, o Estádio da Luz em 1954, o de Alvalade e o do Restelo em 1956 espelham o período de ruptura em que se vivia, onde o profissionalismo dava os primeiros passos. Várias cidades continentais começam a ter os seus estádios municipais auxiliados pelo governo corroborando a ideia de que o Estado auxiliava os clubes e, por conseguinte, os clubes.



**Ilustração 16 - Inauguração do Estádio dos Barreiros**  
**Arquivo do Nacional**

Na Madeira, o Campo do Liceu surgia em 1940, era inaugurado um campo de futebol junto à Ponte dos Socorridos, em Câmara de Lobos em 1947, o Campo Tristão Vaz, em Machico, sofria obras de melhoramento em 1949, a inauguração do campo de futebol do Clube Desportivo de São Jorge era efectuada em Setembro de 1954, em 1956 era inaugurado o Campo Municipal de Santana, em 1956 o Marítimo adquire um terreno onde terá lugar o Campo da Imaculada Conceição, em 1957 e, nesse mesmo ano começam



as obras no Campo Municipal de Santa Cruz. Todavia, o que marca este período na Madeira em termos de infra-estruturas é, indubitavelmente, a inauguração do Estádio dos Barreiros.

Podemos afirmar que a construção destes espaços próprios para a prática desportiva será fundamental para o desenvolvimento do futebol em Portugal e na Madeira colocando os clubes e as suas equipas mais próximas do futebol praticado no resto da Europa. E, num registo político, não podemos desconsiderar que as inaugurações destes espaços eram “locais excepcionais para discursar, homogeneizar as pessoas à volta dos chefes de Estado e de enaltecimento da obra e capacidade criadora de um Regime.”<sup>225</sup>, e seria um objectivo claro “de culto e de construção de uma memória colectiva”<sup>226</sup>.

#### 3.2.4. A importância da formação

“O desporto não deve ser alheio às normas da moral, nem pode esquecer aquelas condições indispensáveis de convivência, que a sociedade exige aos homens”<sup>227</sup>.

De acordo com um artigo do *DN* datado de 19/9/1952 seriam sete as qualidades de um bom jogador de futebol: correr com velocidade; mudar rapidamente de direcção e saber fintar; atirar bem a bola para o lugar apropriado de qualquer ângulo; dominar bem a bola e fazer um passe; desarmar o adversário na altura própria; jogar bem de cabeça e combinar com os restantes jogadores da equipa seriam capacidades difíceis de encontrar reunidas num único jogador. Contudo, mais do que estas capacidades e qualidades técnicas começasse a atribuir grande importância e valor à educação e formação quer dos jogadores, treinadores, adeptos e agentes desportivos.

Crentes de que o futebol madeirense deveria retomar a sua posição no desporto nacional, a imprensa local continua a exercer um papel crítico e de fomento da verdade desportiva. Aponta como pontos fracos o facto de os clubes ignorarem a importância treino no rendimento dos atletas por menosprezarem a figura do treinador. Sem ela, os treinos são apenas um grupo de colegas a pontapear a bola. Por pensar desta forma, os dirigentes do marítimo aventuram-se na contratação de um treinador, estrangeiro por sinal. Até então os

---

<sup>225</sup>SERRADO; Ricardo, 2009:25.

<sup>226</sup>Idem: 117.

<sup>227</sup>*O Nacional*, 8/1/1957.

treinadores que passavam pelos clubes madeirenses eram, como toda a modalidade, amadores. O treinador argentino contratado pela equipa madeirense com maior cariz competitivo depara-se com rasgos de amadorismo pela “ausência de jogadores em treinos, inexistência de fichas para controlar presenças, a falta de balança para pesar antes e depois sessões de treino”<sup>228</sup>.

Mas a educação e o treino pela presença de treinador qualificado não é a única preocupação dos clubes madeirenses. Afastados de tudo, os clubes locais promovem, sempre que possível, palestras e acções de formação. “A educação física e a sua influência na formação e manutenção das nacionalidades” foi a palestra proferida pelo Tenente Sales Grade na Escola Industrial e Comercial, em Março de 1945. Existem, também, palestras e conferências técnicas e sociais para os árbitros organizadas pelo União após uma semelhante organizada pelo Nacional e, ainda uma outra, pelo Marítimo. A própria AFF vê na formação uma missão e promove sessões de cultura e de cinema, com a exibição de películas, nomeadamente, “Técnica futebolística”, “Ataque e a defesa” e “Breves considerações sobre o desporto”<sup>229</sup>. Nos teatros locais passam filmes e documentários abertos a todos os interessados mediante, claro, o pagamento de ingresso. Além de constituir uma forma de formar o público e desportistas, estas sessões constituíam formas de sociabilidade importantes no espaço insular fechado, através dos quais tinham a noção da grandeza do futebol praticado no exterior. Documentários sobre a inauguração do Estádio Nacional, os filmes “Bola ao centro”, “Campeões” e “3 azes do futebol internacional” são alguns exemplos que encontramos publicitados na imprensa. Uma forma de atrair atenção e interesse aliavam estas sessões a festas artísticas onde atribuíam prémios ao clube com maior número de simpatizantes<sup>230</sup>. A própria imprensa continuava a sua missão de formar e informar aparecendo, neste período, muitos jornais especializados. Em 1945 surgem o *Mundo Desportivo* e *A Bola*, em 1949, o *Record*, em 1950, o *Futebol*, em 1943 a *Noite Desportiva* e em 1956 *Ídolos do Desporto*.

Inicialmente, a formação era dada dentro do rectângulo de jogo. Agora, tal é insuficiente. Este problema verifica-se, em maior grau, entre os jogadores mais jovens pois não existe competição, provas e torneios como acontece com os atletas mais velhos. Aliado

---

<sup>228</sup> RODRIGUES, Deodato, 2000:104.

<sup>229</sup> *DN*, 6/12/1948.

<sup>230</sup> O *DN* de 1/3/1945 informava que o Marítimo ganhava a votação por 1 118 votos.

a esta realidade está, ainda, a proibição legal de menores de 18 anos de serem inscritos em competições oficiais e a proibição de ter jogadores sem instrução, sem saber ler e escrever.

Apesar de os clubes apostarem, e muito, na formação e educação dos seus membros em Inglaterra essa intenção vai mais além. Ciente das dificuldades dos jogadores de futebol após término da carreira desportiva as autoridades inglesas desenvolvem cursos comerciais de 20 semanas se bem que “voltar à escola naquela idade, é um esforço de resultados muito duvidosos...”<sup>231</sup>.

A ignorância do público face às regras do jogo também é condenada e constitui um facto que limita a progressão e desenvolvimento do futebol. É considerado que, por ignorância, o público complicava e limitava o trabalho do árbitro. No sentido de evitar pressões surgiu a ideia de formar, na Madeira, uma escola de arbitragem onde os árbitros se pudessem reunir, analisar erros, dúvidas e anseios. Neste sentido, a existência de novos espaços para a prática futebolística também auxiliará a própria arbitragem pois, desta forma, podem ter um espaço onde treinar e exercitar aquilo que vão discutindo e aprendendo com os outros.

E é no sentido de educar, dar à juventude a noção e o valor da disciplina, da consciência da solidariedade, mostrando que o esforço individual só é válido para se conseguir alcançar o esforço superior, do conjunto, da escola da lealdade, da galhardia, do companheirismo, da modéstia, da vitória, da serenidade dignificante da derrota, do desprezo pelo perigo que surge o entusiasmo pelo futebol, e pelo desporto em geral.

### 3.2.5. Quando as cores não se misturam

“A principal necessidade dos que odeiam é acreditar que são igualmente odiados por aqueles que odeiam: com idênticas intensidade e obsessão, com idêntica destilação de espuma. Mas isso raramente acontece, da mesma maneira que quase nunca duas pessoas se amam com plena satisfação do outro.”<sup>232</sup>.

Numa época em que os periódicos alteravam as rubricas desportivas de *Vida Sportiva* ou *Coisas Sportivas* para *A Bola*, o futebol progredia paulatinamente. Transferências de jogadores começam a surgir e a fazer notícia não só pelo jogador em causa, mas essencialmente, pelas verbas incluídas. Em 1952, José Maria Pedroto seria

---

<sup>231</sup> DN, 17/11/1948.

<sup>232</sup> MARIAS, Javier, 2000:27.

transferido do Belenenses para o Porto pela quantia de 500 contos. Em Novembro de 1952, o Boavista iria gastar cerca de 300 contos com a contratação de jogadores<sup>233</sup>.

As novas apostas da Direcção da AFF, em 1945, passavam por medidas repressivas e preventivas “baseadas em princípios de justiça, portanto, despidas do espírito de clubismo”<sup>234</sup>, pois o principal desafio não estava nas questões disciplinares, mas, sim, no engajamento de jogadores. Com subsídios a rondar os 12 000\$00<sup>235</sup>, a AFF tinha que lidar com esta realidade, preocupação que Vasco Homem, delegado da Direcção-geral de Desportos na Madeira dá conhecimento ao Director-geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar. A primeira transferência de jogadores, desde que tinham sido suspensas, foi protagonizada pelo jogador madeirenses José da Mota “Gesso”, jogador do Marítimo que se transferira para o Estoril-Praia.

Pertencer a um clube implicava a dedicação fiel e vitalícia mesmo que os tempos fossem caracterizados pela deslealdade e oportunismo. Uma lealdade com sentido, que “não se torne um movimento do ânimo vazio e sem objecto, que não descubramos que estamos a adorar um mero vocábulo”<sup>236</sup>.

Tendo os clubes um papel determinante na construção e reprodução da identidade, a nível competitivo a existência de rivalidades faz aumentar a sua popularidade pois desperta paixões, sentimentos, emoções e frustrações, anima sociabilidades e provoca reacções.

A rivalidade que se sente no desporto é tanto maior quanto maior for a existente a nível local, regional e nacional. A ambição da vitória, por vezes, cega e será nos anos 40 que a rivalidade entre o União e o Marítimo vai reavivar. Nascida desde a fundação do União por indivíduos que saíram do *Grupo União Marítimo* nada mais natural do que verificarmos essa competição. E será, pelos motivos de agregação a um clube que veremos surgir grande parte da rivalidade desde o início, desde a sua fundação, se bem que ao longo do percurso dos clubes vai alterando o rival directo.

Se nesta época os grandes rivais seriam Marítimo e União na época anterior essa mesma competição fazia-se sentir entre o Madeira e o Marítimo e no período posterior entre o Nacional e o Marítimo.

---

<sup>233</sup> DN, 7/11/1952.

<sup>234</sup> DN, 14/1/1945.

<sup>235</sup> A Junta Geral, em 1945, apoiava com 13 200\$00 a Taça da Madeira, 12 000\$00 a AFF e 8 000\$00 a manutenção do Colégio de Árbitros (DN, 1/4/1945).

<sup>236</sup> MARIAS, Javier, 2000:164.

Na rubrica *Coisas Sportivas* o autor, não identificado, afirma que “noto desrespeito pelo facto dos ‘Maritimos’ não terem sido vencidos inda d’esta vez. coisa, aliaz, naturalissima, nesta terra”. Acrescenta que “infelizmente para o nosso bom nome de portuguezes, era geral, a ancia pela vitoria do *team* britânico”<sup>237</sup>.



**Ilustração 17 - Clube Futebol União, 1957-58**  
Arquivo Familiar

Na Madeira, o clubismo e a rivalidade eram sentidas de uma forma intensa e, de certa forma, prejudicial para a causa desportiva, sentimentos que serão incentivados pelo facto de haver jogadores que vão integrando o plantel de equipas rivais como se de um jogo de cadeiras se tratasse. É nesta lógica que à substituição do sentimento *amor à camisola* pelo retorno financeiro vai ver surgir o engajamento de jogadores, fenómeno tão real em toda a Europa que fará surgir diversas críticas e estudos<sup>238</sup>.

Um clubista não será um mero e puro simpatizante mas sim um membro activo de um clube. Mas consideramos necessário, para o desenvolvimento do desporto, existir clubismo, competição e rivalidades. Mas não um clubismo cego e egoísta que conduz ao desprestígio e à desordem da colectividade, um clubismo que gera dissidências e leva a exageros reprováveis, que ataca o progresso ou a glória de outro clube, que menospreza as suas vitórias e não considera o seu valor. Mas, sim, o que leva à camaradagem, ao espírito

---

<sup>237</sup> *HM*, 7/4/1914.

<sup>238</sup> O engajamento de jogadores torna-se uma matéria tão sensível que vários debates surgem. Surgem, também, estudos como a Tese de Doutoramento em Direito Desportivo, na Universidade de Pádua sobre o tema (*DN*, 12/3/1952).

de solidariedade e sacrifício, um clubismo inteligente e compreensivo, tolerante, entusiástico e sensato, pois “procurar apenas vitórias e alegrias é desconhecer completamente a vida onde o amargo e o doce alternam, a par da vitória e da derrota”<sup>239</sup>.

Ressalta a evidência de que sendo o clubismo um sentimento colectivo que se mantém e que faz progredir os clubes, pelo futebol, *o assunto de segunda-feira*, o jogo praticado por dois grupos de indivíduos que pretendem conduzir uma bola em sentidos contrários, vai acabar por limitar a acção dos clubes e o progresso da modalidade.

Mas tudo isto faz do futebol uma actividade humana com todas as suas promessas e limitações.

### 3.3. Outras considerações

Mais do que qualquer outra actividade humana o futebol tem, nesta época, uma grande capacidade para estabelecer a festa quer local ou regional quer nacional ou mundial, constituindo um elemento fundamental, um espelho da sociedade em todos os seus aspectos. Mahatma Ghandi afirmava que conhecíamos uma nação pela forma como ela tratava os seus animais. Em Portugal, e dada a capacidade de manifestar os valores, a lógica, as crises, as contradições e o funcionamento da sociedade atrevemo-nos a afirmar que através da análise do futebol praticado, da forma como se apresentam no rectângulo de jogo somos capazes de conhecer a nação.

Sendo o desporto um dos mais vigorosos veículos da propaganda turística na Madeira vários são os eventos pensados e promovidos na ilha. Já aqui falámos da recepção a grandes clubes por diversas modalidades. À semelhança do que acontecera anteriormente estes clubes e suas comitivas eram recebidos com um cartaz cultural e turístico. Festejar era, apenas, o pretexto para ver surgir uma competição, festival ou tarde desportiva. Mas esta tendência não é própria da época em que exaltar os feitos é regra. Esta já existe desde sempre, desde a implementação desta modalidade desportiva em Portugal. Em 1948, as comemorações do 28 de Maio na Madeira que testemunhavam as “obras grandiosas que se espalham pela Metrópole, pelas ilhas e pelo nosso império ultramarino e por uma admirável política externa que resgatou o prestígio da nação”<sup>240</sup> seriam assinaladas com o

---

<sup>239</sup> *O Nacional*, 8/12/1957.

<sup>240</sup> *DN*, 27/5/1948.

bodo aos pobres, com o desfile de recrutas no Campo Almirante Reis, com discursos e sessão solene/comemorativa no Teatro Municipal e com jogos da Mocidade Portuguesa no campo de jogos do Liceu. Em 1952 esta efeméride seria assinalada com a inauguração do estádio das Antas, propriedade do F. C. Porto.

O desporto faz parte de quase todas as efemérides. Em eventos em que misturar desporto com celebridade era impensável, nesta época, era prática comum. Na festa de despedida dos setimanistas do Liceu Jaime Moniz, em 1946, aliou-se récita, queima das Sebentas e tarde desportiva. Em Lisboa, em 1945, a própria Queima das Fitas contemplaria, de igual forma, uma tarde desportiva no Estádio Nacional.

Despedidas de jogadores que saem dos clubes insulares em busca de melhores oportunidades, festivais em honra à padroeira de Portugal, a Rainha Santa Isabel e o aniversário dos clubes<sup>241</sup> são alguns dos eventos comemorados e assinalados com festivais de desporto, onde outras modalidades que não o futebol vão sendo introduzidas. A 12 de Agosto de 1945, comemora-se o Dia do Náufrago, com um festival na Pontinha com provas diversas: natação, remo, corridas de baleeiras, exercícios de salvamento e socorro a náufragos, comemoração à qual juntar-se-á, na véspera, um baile de dança com orquestra no Lido.

Outras modalidades, como a natação, o voley e o atletismo não têm o apoio dos clubes e do público como o futebol, a modalidade que mais impera em todos os países porque sendo de vigorosa competição, tem o poder de despertar o entusiasmo e a paixão popular. Arrasta multidões para os campos de jogo. Mas é obrigação reconhecer que o futebol por si só, não basta nem serve à finalidade a que o desporto se destina. No ano em que dá-se “a descoberta da cura do cancro com infusões de pepino Bravo, por um jovem médico em Purgos”<sup>242</sup>, começam-se a dar passos no desenvolvimento de outras modalidades sem ser o futebol e a natação.

Todos os factores explorados no presente capítulo não tiveram grande impacto pois, em Portugal, pois a profissionalização do desporto acaba por colidir com o moralismo salazarista, acabando por ser recusada. A profissionalização era vista pelo regime como sinónimo de “ajuntamento de massas, de excitações colectivas, de competição fervorosa,

---

<sup>241</sup> Em Comemoração do 37.º Aniversário do Nacional marcam presença cançonetistas, sambistas, concertina de veludo e um filme sobre as actividades do clube.

<sup>242</sup> *DN*, 11/2/1952.

de um conjunto de comportamentos condenáveis pela moral desejável no regime”<sup>243</sup>. A profissionalização do futebol português tenderá a assumir-se com a construção de infra-estruturas propícias à prática desportiva, em especial do futebol, com uma maior competitividade que nos aproximava do futebol praticado na Europa, com uma mudança de filosofia e métodos de treinos diferente e com o recrutamento de jogadores estrangeiros. Afastada de tudo, a Madeira segue o que se faz no Continente e a profissionalização embora tenha sido adiada era inevitável. Será com a lei n.º 2 104 de 30 de Maio de 1960 que fica assente a fronteira entre ao amador e o profissional com cerca de um atraso de 30 anos se compararmos com o resto da Europa.

É comumente aceite que o futebol foi uma das distrações manipuladas por Salazar tendo, para tal, interferido na carreira de jogadores e nas sociedades desportivas mais populares da época, atrasando o processo de profissionalização do desporto em Portugal. Contudo, este teve início final da década de 20, acelera-se na década de 50 e, legalmente, é conseguida em 60, a década de ouro do futebol português.

---

<sup>243</sup> SERRADO, Ricardo, 2009:70.



“Todos têm direito à cultura física e ao desporto. Incumbe ao Estado, em colaboração com as escolas e com as associações e colectividades desportivas, promover, estimular, orientar e apoiar a prática e a difusão da cultura física e do desporto, bem como prevenir a violência no desporto”

CRP, 2005.

Liberdade e Abril de 1974 são sinónimos para a grande maioria dos adultos portugueses. Após um longo período de governo absoluto o país tentava, a todo o custo, recuperar nas mais variadas áreas. Apesar de se viver um período de instabilidade política (seis governos provisórios e duas tentativas de golpe militar) Portugal via nascer um regime democrático onde o desporto viria a ficar consagrado como um direito dos cidadãos. Na Madeira, a instituição do regime autonómico, com a publicação da Constituição da República Portuguesa aprovada pela Assembleia Constituinte de 1975, viria a patentear a sua importância a vários níveis, desportivos, inclusive.

#### **4.1. Da rebeldia e contestação à liberdade**

Sendo objectivo do nosso trabalho verificar se os clubes desportivos de maior representatividade na Madeira - Marítimo, Nacional e União - representam um factor estruturante de desenvolvimento social, cultural e identitário do espaço insular, em três períodos específicos do seu percurso, neste último não podemos fazê-lo sem, primeiro, deambularmos, mesmo que de forma ténue, pela rebeldia dos anos 60 e o consequente aparecimento de diversos movimentos sociais.

A década de 60 viu o mundo parar face à acção estudantil em França, à guerra perpetuada pelos americanos em terras vietnamitas, à Primavera de Praga, ao sonho de Martin Luther King, aos Jogos Olímpicos do *black power* e aos novos valores do *flower power*. Ao som d'*Os Beatles* e de Elvis Presley a juventude, por todo o mundo, dava sinais de rebeldia, de contestação e de repressão política.

Em Portugal, esta década pautou-se por um crescimento económico que permitiu uma certa abertura à economia externa. Todavia, persistiam as dificuldades económicas resultantes, essencialmente, do aumento significativo das despesas públicas, agravadas pela Guerra Colonial, que consumia cerca de 40% do orçamento do Estado<sup>244</sup>. Apesar de ter melhorado, a condição económica do país estava longe de ser a ideal. A emigração continuava a ser a única solução para milhares de portugueses enquanto outros assistiam ao “pleno emprego, subidas de salários e expansão do Estado social. As forças organizadas da oposição pareciam fracas e a situação militar em África não era dramática”<sup>245</sup>. Não é raro

---

<sup>244</sup> SERRADO Ricardo, 2010:614.

<sup>245</sup> RAMOS, Rui, 2009:704.

encontrarmos o fenómeno da emigração ao longo da História de Portugal. Esta tendência não é inédita deste período, todavia, será nesta década que os valores se mostram nefastos pois resultam na desertificação das regiões rurais e consequente debilidade do sector agrícola, na instabilidade de outros sectores económicos, no envelhecimento da população e no forte atraso económico quando comparado com outros países europeus.

Em termos desportivos será admissível a afirmação de que o futebol, nesta época, não seria uma arma do poder político mas sim do contra poder. Já aqui ficou explícita a ideia de que o futebol era encarado, pelo regime, como um espectáculo a controlar e a prestar particular atenção. Enquanto desporto de massas urbano, o futebol chocaria com os ideais conservadores, tradicionais e rurais que o poder político tanto defendia. “Multidões facilmente excitáveis, nervosas, capazes de mudar de opinião repentinamente, levadas pela euforia dos comportamentos colectivos” era razão para que Salazar quisesse controlar, também, o fenómeno popular que, desde a monarquia, vingava em Portugal<sup>246</sup>.

Ao tentar controlar o futebol como fizera com a imprensa, com a economia, com a população e com as outras artes, o Regime mais não fez do que tornar esta modalidade um veículo eficaz de propaganda não do Salazarismo mas, sim, da oposição. Uma das evidências deste facto será a Final da Taça de Portugal, que opôs o Benfica à Académica de Coimbra, em 1969, tendo servido este espectáculo desportivo para veicular ideais reivindicativos, de rebeldia e de contestação entre os estudantes portugueses.

Comungando da opinião de Ricardo Serrado (2010) apraz-me afirmar que se o futebol foi, de facto, um dos “efes” do Estado Novo foi-o por ser um desporto de massas, popular, económico e democrático, um dos pilares da sociedade portuguesa da época por acção do povo que, através da prática e do acompanhamento semanal da modalidade, usufruía de um intenso entretenimento e euforia, contrariando a ideia de que seria um agente de corrupção moral. E enquanto o povo assistia aos inúmeros e magníficos golos de Eusébio, o *Pantera Negra*, o regime caía. Chegava ao fim um período de 40 anos de governo absoluto, o mais longo da história portuguesa, desde o reinado absolutista de D.João V<sup>247</sup>.

Marcado por sucessivas recessões económicas, externas e internas, que resultaram na acção do Fundo Monetário Internacional por duas vezes num espaço de seis anos, no

---

<sup>246</sup> SERRADO, Ricardo 2009:196.

<sup>247</sup> Reinado que perdurou entre 1707 e 1750.

período em análise os clubes madeirenses passaram por graves privações e contratempos fazendo esmorecer o interesse pela modalidade e pelo clubismo.

#### **4. 2. O espectáculo fora do rectângulo de jogo**

A década de 60 foi madrastra para o clube madeirense com maior número de títulos no seu palmarés, o Marítimo. O clube já não funcionava apenas de e para o futebol. Abriu-se a novas modalidades e investiu em infra-estruturas próprias. O problema maior seria o saldo negativo fruto do pagamento de deslocações das equipas visitantes e de deslocações ao Continente e Açores para disputar as provas nacionais. O próprio crescimento de outros clubes que até então não seriam considerados rivais directos influenciou, em muito, os destinos do clube nesta década de tumultos quotidianos.

Mergulhado em graves crises financeiras agravadas pelos maus resultados, o Marítimo vê-se obrigado a procurar outras fontes de receitas, razão pela qual decidem apostar na continuação da *Feira Popular do Marítimo*, cuja primeira edição teve lugar na comemoração do 47.º aniversário, em 1957.



**Ilustração 18 - Simone de Oliveira e Conjunto João Paulo na Quermesse do Nacional  
Cedida por Ângelo Moura**

Estas *Feiras*, juntamente com as *Quermesses* do Nacional seriam o maior evento cultural dos anos 60 na Madeira, através das quais cimentavam-se o associativismo em torno do clube e angariava-se verbas interessantes e necessárias, muitas vezes para fins caritativos<sup>248</sup>.

Conquanto tenhamos já abordado a questão da rivalidade clubista temos que retomar o assunto, isto porque, a competição rompe as linhas de jogo fazendo-se sentir em todas as acções dos clubes. O Nacional, impelido pelas *Feiras* organizadas pelo Marítimo, aposta nas *Quermesses*, na Quinta Vigia, fazendo com que, edição após edição, ambos os clubes tentassem oferecer mais e melhores artistas a uma cidade ávida de distrações.

Estes eventos possibilitavam ao público madeirense ter contacto, durante os meses de Verão, com artistas da televisão, da rádio e do teatro a que, habitualmente, não tinham acesso. Passaram pelas *Quermesses* e *Feiras* artistas como Simone de Oliveira, Madalena Iglesias, o Conjunto Académico João Paulo, António Calvário, Paula Ribas, Elsa Vilar, Raúl Solnado, Badaró, Maria de Lourdes Resende, Duo Ouro Negro, Max, Anita Guerreiros, Mimi Gaspar, Mena Matos (imitador), Humberto Madeira, Helena Tavares e artistas internacionais como Alberto Cortez, Vicky Lagos, Marisol e António Prieto. Tendo por cenário lugares aprazíveis e estratégicos da cidade, às apresentações musicais e teatrais juntavam-se bazares, stands de exposição, casas de chá, barracas de comes e bebes e demais distrações.

Dizem os periódicos da época que, apesar de não ser uma acção inédita, as *Quermesses* do Nacional viriam a imprimir novos panoramas pois, enquanto as *Feiras* do Marítimo, do Pátria e dos Salesianos congregavam as massas populares, as *Quermesses* reuniam a elite funchalense, em locais mais elegantes e requintados e com artistas mais conceituados.

As *Feiras* e as *Quermesses* do Marítimo e do Nacional, respectivamente, tornaram-se um oásis no deserto da cultura da Madeira. O êxito de um evento reclamava um outro no ano seguinte. Mas, apesar da forte procura, não haveria na Madeira público suficiente para que ambos os eventos coexistissem com a qualidade habitual pelo que, em 1964, deixam de existir.

---

<sup>248</sup> A *Quermesse* do Nacional em 1962 tinha, igualmente, como objectivo a angariação de fundos para a Escola Salesiana.



**Ilustração 19 - Quermesse do Nacional**  
Cedida por Maria da Paz Rodrigues, arquivo familiar

A exemplo do que acontecera com as *Feiras e Quermesses* tanto o Marítimo como o Nacional apostam em boletins e diverso material escrito bem como na difusão de programas radiofónicos<sup>249</sup> que haveria de despertar grande curiosidade e adesão em anos onde a rádio fazia despoletar revoluções. Estes eventos fizeram surgir outras iniciativas que de índole desportiva não visavam a prática desportiva, mas sim o social e o cultural.

#### **4.3. À margem do modelo tradicional desportivo português**

Com o objectivo de combater o analfabetismo e assegurar o cumprimento da escolaridade obrigatória a Presidência do Conselho de Ministros publicava o Decreto-Lei n.º 538/79 de 31 de Dezembro onde, entre outros aspectos, decretava o ensino básico como universal, obrigatório e gratuito e condição obrigatória para a “entrada em competições oficiais desportivas e exercício de funções directivas em associações ou clubes desportivos, recreativos ou culturais”<sup>250</sup>.

Após um longo período conturbado de caos económico e político era, agora, altura de tentar recuperar e “encontrar uma nova dinâmica nas relações sociais, novas regras de vida, novos equilíbrios políticos e sociais e uma nova organização para o funcionamento das

---

<sup>249</sup> *Meia Hora do Marítimo* ou *Tempo Desportivo* do Nacional, programas que vingaram na década de 70.

<sup>250</sup> Alíneas c) e d) do ponto 1, do art.º 12.º do Decreto-Lei n.º 538/79 de 31 de Dezembro, publicado em Diário da República, I Série, n.º 300.

instituições”<sup>251</sup>, situação que se esperava conseguir alcançar com a integração na Comunidade Económica Europeia, em 1985.

Em termos desportivos, o período compreendido entre 1974 e 1987/88 pode ser caracterizado como um período de mudança, no que diz respeito “à passagem de um desporto elitista, característico do Estado Novo, para um desporto massificado, o desporto para todos”<sup>252</sup>.

O primeiro passo teria sido dado em 1960, com o desporto – essencialmente o futebol, o ciclismo e o pugilismo – a ser reconhecido pela legislação portuguesa. Mas será apenas após a revolução de Abril que surgem e recriam-se diversas entidades estatais ligadas ao desporto passando a tutelar a actividade desportiva, promovendo colóquios, informação e apoio no desenvolvimento desportivo, em todo o país.

Passando de uma total ausência para um estado de saturação, a acção governativa faz com que se assista a uma intervenção excessiva do Estado, na medida em que chama a si a responsabilidade do desenvolvimento desportivo português cometendo alguns exageros<sup>253</sup>. Mas como evitar estes excessos se o sistema desportivo português era constituído por diferentes e inúmeros organismos públicos e privados?

Como impedir a perda de autonomia dos clubes e associações se intervinham no desporto em Portugal os clubes, as associações, os sindicatos, as ligas de clubes, as federações desportivas, o Comité Olímpico, as comissões distritais, as comissões de árbitros, as empresas privadas, os Institutos Nacionais e Regionais, as Universidades e muitos outros organismos?

Contrariando os que atribuíam à renovação do interesse pelo exercício físico, causas ligadas à robustez e à regeneração da raça, vários autores dedicaram-se e evidenciaram as ligadas às preocupações sociais e às transformações individuais e colectivas, pois o futebol “é o circo dos nossos dias, mas também o teatro. Tem que ser emoção, temor e tremor, desolação e euforia”<sup>254</sup>.

Mudam-se “os modelos de treino e de concepção de jogo, incute-se nos jogadores competitividade, valorizam-se mais as vertentes físicas e psicológicas e coloca-se de novo o Benfica nos píncaros da Europa agora acompanhado pelo F.C. Porto”<sup>255</sup> e explora-se, a

---

<sup>251</sup> PEREIRA, Antonino, 2001: 53.

<sup>252</sup> Idem: 67.

<sup>253</sup> PIRES, Gustavo, 1996.

<sup>254</sup> MARIAS, Javier, 2000:34.

<sup>255</sup> SERRADO, Ricardo, 2009:53.

todo o custo, a mercantilização e mediatização do desporto tornando Portugal um interessante viveiro de jogadores talentosos.

#### 4.3.1. Os clubes face à autonomia da RAM

Páginas e páginas de jornais foram vistas e revistas. Contudo, as que se referem a esta baliza temporal pouco têm a reter quanto à importância, à afirmação e à projecção sociocultural dos clubes. Têm, sim, o papel de informar as contratações, as convocatórias, os escândalos, as transferências e as análises dos jogos. Por si só, esta realidade já muito nos diz sobre as transformações a que o desporto foi sujeito. Evoluiu em contexto económico muito mais do que no social, no cultural e no identitário. Sendo um grande símbolo do século XX atravessa áreas como a educação, o turismo, o marketing, a economia, a interculturalidade, as infra-estruturas, a imprensa, entre outros. Mas os clubes madeirenses, em especial o Marítimo e o Nacional, com sede de pisar os palcos das competições nacionais esquecem esta grandeza e apostam quase que exclusivamente no futebol profissional.

A revolução dos cravos impossibilita, durante muitos anos, a recruta de jogadores africanos, realidade que até então era comum nas equipas portuguesas. A independência das ex-colónias “regulamentam leis de proibição da saída de jogadores para o estrangeiro”<sup>256</sup>. Na Madeira a revolução de 25 de Abril relança o debate da continuidade territorial e do direito em participar nas competições nacionais das quais as equipas madeirenses tinham sido relegadas existindo, neste período, uma preocupante hegemonia de Lisboa e Porto.

Mas os debates rapidamente esmoreciam dando lugar a discussões limitadas às opções tácticas e aos resultados dos jogos do fim-de-semana. A possibilidade de disputa das provas nacionais desperta, também, o interesse da massa associativa. Na época de 1972/73 as equipas madeirenses ficavam habilitadas a disputar as provas nacionais, desde que vencedoras do campeonato local, mas as passagens aéreas teriam que ser asseguradas por si mesmo que fossem as equipas visitadas. Note-se que para as equipas açorianas esta *permissão* seria apenas na época desportiva de 1978/79, apenas um ano antes da primeira

---

<sup>256</sup> Idem:52.



Supertaça Cândido de Oliveira<sup>257</sup>, disputada entre o vencedor do Campeonato Nacional e o vencedor da Taça de Portugal e da presença do Marítimo nas meias-finais da Taça de Portugal.

Em 1973/1974 o Marítimo ficava em 3.º lugar competição de acesso às competições nacionais mas consegue lugar na 2.ª Divisão devido à alteração do número de clubes a participar, decidida pela Federação Portuguesa de Futebol e, um ano mais tarde, o Nacional ingressa a III Divisão<sup>258</sup>. Contudo, esta participação conhece novos contornos com a autonomia da Madeira pois se por um lado os clubes perdem parte da autonomia financeira na medida que o Governo Regional se torna mecenas do desporto, por outro lado, este facto vai libertá-los das sucessivas crises financeiras que atravessavam.



**Ilustração 20 - Equipa do União, Campeã Regional 1973/1974**  
**Fonte: Rádio União da Madeira**

A política regional pautou-se por valorizar o desporto pelos seus efeitos positivos no social, na ocupação de tempos livres, em especial dos jovens confirmando, uma vez mais, a raiz popular do mesmo. O desporto é um fenómeno que se constitui como um factor de desenvolvimento económico e social da Região na medida em que por ser um espaço

---

<sup>257</sup> Cândido de Oliveira foi o primeiro capitão da Selecção Nacional e um dos principais dinamizadores do desporto em Portugal.

<sup>258</sup> O acesso às provas nacionais era permitido à equipa que vencesse o Campeonato da Madeira, tomando lugar na III Divisão Nacional. A ascensão à II ou à I Divisão far-se-ia vencendo a competição da III e da II Divisão, respectivamente.

insular reveste-se de especificidades e características próprias. Assim, o desenvolvimento desportivo madeirense vai resultar, não tanto da acção dos clubes que se desresponsabilizam dessa missão, mas sim “da intervenção dos poderes públicos, seja no incentivo ao associativismo, à disponibilização de infra-estruturas, à educação desportiva, ao financiamento público, à produção legislativa”<sup>259</sup>.

O isolamento dos clubes face à insularidade foi cimentando o clubismo na Madeira com actividades onde o movimento de comunhão dos sócios fomentava o sentimento de identificação a um emblema, à camisola do seu clube de eleição.

Os clubes regionais tinham, agora, condições para crescer e vingar e, essencialmente, assumir responsabilidades num projecto regional de desenvolvimento, resposta esperada face ao apoio dado pela RAM, no âmbito das competências que lhe foram atribuídas pelo governo central, nomeadamente:

“fomentar e coordenar todas as áreas de actividades gimnodesportivas; programar e realizar acções de formação para animadores desportivos; estudar, orientar e coordenar o planeamento do equipamento gimnodesportivo bem como manter actualizada a carta gimnodesportiva da Região; prestar às estruturas do desporto escolar, federado, dos trabalhadores e militar em estreita colaboração e coordenação, o apoio técnico necessário à prossecução das competências que lhes estão cometidas; prestar apoio técnico e logístico a quaisquer entidades, nomeadamente as que visem a promoção, difusão e propaganda da actividade desportiva”<sup>260</sup>.

Esta política fez surgir e consolidar os clubes desportivos regionais. Em 1976 eram vinte e sete, em 1980 eram quarenta e cinco e em 1988 passariam para cinquenta e cinco, os clubes legalmente constituídos e inscritos em competições nacionais e regionais.

Com o crescente número de clubes e com o franco desenvolvimento de diferentes modalidades a aposta nas infra-estruturas foi considerada prioritária. Todavia, já não seria necessária a organização de jogos para recolha de fundos ou realizar *Feiras* ou *Quermesses*. Agora, competia ao Governo Regional o investimento em instalações desportivas optando-se por espaços que fossem rentabilizados através da utilização conjunta por vários clubes e associações bem como por escolas. Assim, a primeira medida foi a construção de instalações desportivas nas escolas podendo, desta forma, ter utilização por atletas do desporto escolar e do desporto federado.

---

<sup>259</sup> FERNANDES, Francisco, 2009:398.

<sup>260</sup> FERNANDES, Francisco, 1999:28-29.

Os clubes, por diversas vezes ao longo do seu percurso histórico, auto-intitulam-se bandeiras ou embaixadores da RAM. Contudo, podiam fazê-lo graças ao apoio do governo regional que iria proporcionar os apoios financeiros necessários à actividade desportiva regional e nacional, na medida em que sendo a RAM economicamente débil e com um tecido empresarial fraco os clubes não podiam contar com apoios ou *sponsors* privados. A componente empresarial que invadia o universo desportivo não seria, na Madeira, tão voraz como em Portugal Continental.

Essa aposta do poder local mostra-se eficaz na medida em que na época desportiva de 1976/1977, com uma equipa mista de amadores, semi-amadores e profissionais, o Marítimo e o Nacional afirmam-se como clubes portugueses de pleno direito, ao ascender à I e à II Divisão Nacional de Futebol, respectivamente.

A luta pela entrada dos clubes madeirenses nas provas nacionais regulares de futebol, é tão antiga quanto a fundação dos mesmos, ambição que potenciou a mobilização de esforços no mesmo sentido mesmo que as cores fossem rivais, pois a subida do Marítimo à I Divisão, em Maio de 1977, vem abrir a RAM ao panorama nacional.



**Ilustração 21 - Comemoração da subida à I Divisão, 1977**  
Cedida por Rui Carita

Sujeito a competições regulares, exigente e extremamente competitivas para que não estava completamente preparado do ponto vista económico, técnico e administrativo, o Marítimo volta, por duas vezes, ao escalão secundário, voltando definitivamente ao

principal escalão em 1985, três anos mais tarde será a vez do Nacional e, em 1990, a Madeira tem o Marítimo, o Nacional e o União na I Divisão Nacional de Futebol.



**Ilustração 22 - Recepção da equipa do Nacional que ascende à I Divisão (Aeroporto Santa Catarina, 1988)**  
Arquivo familiar

Seria, contudo, na época de 1988/1989 que se vivia o momento mais alto da história do União, então liderado por Jaime Ramos e treinado por Rui Mâncio. Após vencer a Zona Sul da II Divisão Nacional ascende à I Divisão disputando a sua primeira época nos mais importantes palcos nacionais na época 1989/1990, juntando-se ao Marítimo e ao Nacional.

Será nesta década que o universo desportivo português ganha uma nova dimensão, um novo peso, nomeadamente o investimento e a natureza económica. O futebol reaviva-se com o apuramento da selecção portuguesa para competição internacional, pela primeira vez desde 1966. Em 1984 consegue o 3.º lugar no Campeonato Europeu de Futebol em França sendo Chalana considerado um dos melhores jogadores na competição, numa acepção clara de afirmação de Portugal através do futebol. Porto e Benfica brilham nos palcos europeus alimentando a guerra Norte /Sul que terá repercussões na própria Selecção Nacional.

Em 1986 a exibição nefasta no Campeonato Mundial do México que coloca a nu as lacunas da Federação Portuguesa de Futebol e da política desportiva portuguesa. Maus resultados, greves e reivindicações financeiras dos jogadores fazem surgir imensas críticas que serão abafadas pela exibição e resultados da promissora equipa de sub-20<sup>261</sup>. Mas nem tudo é negativo. Esta época vê surgir novos e talentosos jogadores tais como Futre, Rui

<sup>261</sup> Equipa que será campeã na Arábia Saudita (1989) e em Portugal (1991).

Barros, Chalana, Fernando Gomes e Diamantino e que se conhece, em Portugal, os primeiros emigrantes de sucesso do futebol português.

Na RAM, fruto do desenvolvimento desportivo advindo dos princípios autonómicos consagrados por Abril, novas modalidades invadem o espaço até então limitado a equipas do Continente português. Voleibol, Natação, Hóquei são algumas das modalidades do Marítimo, Nacional e União que vão galgar as fronteiras insulares. Os periódicos da época já prestavam atenção e acompanhavam as diferentes modalidades nas suas secções desportivas, como o *JM* que anunciava a todos os interessados que estavam abertas as inscrições para os cursos de monitores em voleibol e andebol<sup>262</sup> ou que estariam convocados todos os clubes inscritos nas provas de ciclismo<sup>263</sup>.

Nos primeiros anos de autonomia, na Madeira, existe uma clara vontade em demonstrar que, a partir de então, tudo seria diferente, para melhor. Por toda a ilha surgem manifestações e registo de actividades lúdico-desportivas representado pelo ideal “Desporto para Todos/Desporto, Direito do Povo”<sup>264</sup>. Corridas, actividades gimnodesportivas de Verão e demais actividades do tipo popular surgem por toda a ilha, fora do âmbito clubístico, alertando para os benefícios da prática desportiva assídua e regular não só para a saúde do indivíduo mas também para a saúde do Estado, na medida em que seriam os cidadãos saudáveis os que construiriam, com menor custo, um Portugal saudável<sup>265</sup>.

O desporto, enquanto vivência salutar dos jovens ganha importância à medida que a Madeira começa a garantir presença nas competições oficiais em várias modalidades e escalões. A institucionalização do regime autonómico vai prevê, entre outros, o suporte das despesas de participação das equipas madeirenses nos Campeonatos Nacionais das diferentes modalidades e a própria existência e trabalho desenvolvido pela Associação de Desportos da Madeira, vai permitir que os clubes optem por apostar na fortificação das equipas principais de futebol ao invés de alargar a sua acção a outras áreas. Abarcar o maior número de modalidades seria o desejável, contudo, impraticável. A opção dos principais clubes madeirenses passaria, então, por dar ênfase à modalidade mais

---

<sup>262</sup> 24/7/1972.

<sup>263</sup> Idem, 6/6/1974.

<sup>264</sup> SANTOS, Francisco, 1989.

<sup>265</sup> Idem.

representativa e pela qual, a maioria deles, havia nascido disponibilizando, contudo, modalidades diversas, se bem que com menor peso e importância atribuída.

Os clubes começam, agora, a tornar-se profissionais onde a maioria dos jogadores e treinadores dos clubes madeirenses não são filhos da terra. Este será um dado curioso se tivermos em conta o aumento significativo e gradual do número de atletas federados madeirenses. Como facilmente se pode verificar, pela tabela abaixo, apenas em 1982/83 e em 1985/86 assistimos a uma ligeira diminuição do número de atletas federados, nomeadamente 349 e 214 atletas, respectivamente. Os restantes anos são marcados pelo aumento deste mesmo número, tendência que acontece de forma vertiginosa em 1980/81 com o aumento de 989 atletas, um acréscimo de 37,40% quando comparado com a época desportiva anterior.

Época desportiva	N.º de Atletas Federados
1974/75	1 621
1975/76	1 879
1976/77	2 041
1977/78	2 090
1978/79	2 279
1979/80	2 639
1980/81	3 628
1981/82	3 686
1982/83	3 297
1983/84	3 457
1984/85	4 127
1985/86	3 913
1986/87	4 294
1987/88	4 824

**Ilustração 23 - Evolução do número de atletas federados entre 1974 e 1988**  
**Fonte: FERNANDES, Francisco, 1999:382**

Esta tendência pode ser explicada pela aposta clara do poder político regional na actividade desportiva e no facto dos clubes, não só do Marítimo, do Nacional e do União em angariar cada vez mais e melhores atletas. Além deste aspecto, neste período assiste-se, ainda, à fundação de vinte novos núcleos desportivos que disputam torneios e provas com os já existentes. É neste período que se fundam associações, que em muito contribuíram

para o desenvolvimento desportivo regional, nomeadamente o Clube dos Amigos do Basquete, o Clube Futebol Andorinha e a Associação Hípica da Madeira.

A acção governativa regional desde a autonomia foi, indubitavelmente, determinante para os clubes. Desde então, pouco ou nada se encontra referenciado nos periódicos da época sobre crise ou dificuldades financeiras do Marítimo, Nacional ou União. Se tivermos em consideração que, neste período, os clubes são dinamizadores de diversas actividades desportivas que englobam muitos jovens, enquanto atletas, e muitas pessoas, enquanto adeptos, será uma situação curiosa não encontrarmos notícias relativas a desafios de angariação de receitas para os clubes ou a dar conta da situação financeira débil como fomos encontrando, ciclicamente, desde 1910.

Esta realidade será, certamente, explanada se analisarmos, mesmo que de forma ténue, as principais medidas governativas. A leitura do Decreto Regulamentar Regional n.º 1/82/M, de 29 de Janeiro é, neste âmbito, esclarecedora pois “visa a criação das condições necessárias ao desenvolvimento desportivo e ao apoio e fomento das iniciativas no domínio da ocupação de tempos livres, da cultura e do desporto”, através da criação e definição das competências da Direcção Regional dos Desportos, sob a Tutela da Secretaria Regional de Educação e Cultura.

Concomitantemente, os Programas do Governo Regional entre 1976 e 1988 que definiam as acções a concretizar tendo em vista o desenvolvimento regional pelo desporto carecem de atenção e análise. As principais medidas, apontadas por Francisco Fernandes (1999) seriam, então, a criação de um serviço de medicina desportiva, o alargamento da prática desportiva a todos os graus de ensino e a todas as zonas da RAM e o apoio a clubes e associações desportivas<sup>266</sup>; dotar toda a RAM de instalações desportivas, a dotação de um campo de futebol por concelho e a construção de dois pavilhões gimnodesportivos no Funchal, integrados em espaços escolares<sup>267</sup> e o incremento e dinamização da prática desportiva, a defesa do desporto regional no desporto nacional, o prosseguimento da política de edificação de construções desportivas e de apoio a clubes e melhoramentos de ordem técnica nas instalações desportivas existentes<sup>268</sup>.

A RAM, dada a implementação secular de uma convivência clubista íntegra pautou-se pela “atitude desenvolvimentista apoiada na célula base da prática lúdico-desportiva, o

---

<sup>266</sup> Programa de Governo 1976-1980.

<sup>267</sup> Programa de Governo 1980-1984.

<sup>268</sup> Programa de Governo 1984-1988



clube” pelo que explicará a razão pela qual tenhamos assistido ao duplicar do número de clubes que, em 1974, seriam apenas trinta e seis e, em 1987, setenta e cinco<sup>269</sup>. Neste âmbito o ano de 1977 foi fundamental. O Encontro Regional de Educação Física e Desportos, liderado por Fernando Ferreira<sup>270</sup>, que reuniria à mesa treinadores, árbitros, médicos, jornalistas e demais agentes desportivos na discussão e análise do fenómeno desportivo nas suas inúmeras dimensões e variáveis.

Este evento, pela primeira vez na RAM, resultaria em acções descentralizadoras proporcionando a independência de uns desportos em relação a outros, ou seja, a partir desta análise e discussão os agentes desportivos ficariam mais atentos e deixariam de entender como única ou mais importante missão dos clubes a prática do futebol.

#### 4.3.2. *Homo desportivus*

A importância do fenómeno desportivo na sociedade actual é facilmente comprovada pela capacidade de mobilização de “indivíduos, grupos, sociedades, países [e porque] estende-se e promove múltiplas actividades, ocupa um espaço nos media que chega a conduzir a verdadeiras guerras de audiência”<sup>271</sup>.

Tendo por objectivo fomentar e desenvolver actividades de recreação e de lazer, de desenvolvimento mental e físico do indivíduo, os clubes vêm surgir núcleos e associações organizadas de adeptos que se vão tornando, a pouco e pouco, parte integrante e fundamental de toda a sua estrutura. Funcionando como pólos de coesão, unidos pela mesma identidade e tendo inerentes o desejo de competição, próprio da condição humana, estes grupos surgem fomentando a realização individual, o direito à opinião e à participação cívica. O *homo desportivus* não se limita, apenas, a assistir a um jogo de futebol. Falamos de futebol porque, à semelhança de todas as outras acções, objectivos e iniciativas do Marítimo, Nacional e União também as claques de apoio surgiram para esta modalidade.

Em Portugal Continental é na década de 70 que surgem as claques organizadas, com o intuito de dinamizar o espectáculo de futebol. Contudo, ao longo dos tempos e por não existir organização e controlo vão ter um papel determinante, no sentido negativo do

---

<sup>269</sup> SANTOS, Francisco, 1989:275.

<sup>270</sup> O professor Fernando Ferreira viria a ser o 1.º Director Regional dos Desportos do Governo da RAM.

<sup>271</sup> COSTA, Vitor, 1999: 3.



termo, dentro e fora do relvado. Ficam dependentes de factores como “culto ao sucesso, devoção clubista, idolatria e sobrevalorização do resultado”<sup>272</sup>.

O desporto é uma prática histórica e social é “quase uma palavra mágica que inunda as nossas vidas e enquanto instituição social [é] das mais sólidas do mundo moderno”<sup>273</sup>. Como tal, os comportamentos e atitudes desviantes que vão caracterizar estes núcleos mais não são do que o reflexo da sociedade caracterizada pelo desvio de valores e regras “não só de índole jurídica mas também no campo das simples relações interindividuais e intergrupais”<sup>274</sup>.

Sendo o público uma multidão de desconhecidos facilmente perpetua fenómenos perigosos de contágio. Tendo em consideração que o público não assiste a um espectáculo de futebol da mesma forma como assiste a um concerto de música clássica não será necessário muito para que se rompam os limites do civismo.

Nos primórdios do desporto em Portugal, valores como a convivência e o divertimento imponham-se, pois eram modalidades que viviam no amadorismo, no prazer de jogar e onde, apesar de quererem vencer, os adeptos não exigiam vitórias a todo o custo. Mas foi com base nesta mesma visão que surgiu o futebol em Inglaterra bem como os grupos mais violentos e preocupantes ligados ao desporto, em especial ao futebol, os *hooligans*.

O desporto passará, cada vez mais, a ser compreendido como “um produto, um serviço geradores de educação, de cultura, de lazer e de economia”<sup>275</sup> tendo por objectivo fomentar “valores e princípios no praticante ao permitir o contacto entre indivíduos diferentes entre si”<sup>276</sup>, quer de forma ordeira ou não.

Na Madeira, estes grupos surgem com uma década de atraso e, apesar de unirem-se em torno das suas cores, vibram, estranhamente, com o sucesso dos rivais quando se trata de competições nacionais. O Marítimo tem, nas suas bancadas, inúmeros anónimos e vê surgir o *Esquadrão Maritimista* em 1985 e o Nacional vê surgir três grupos diferentes: os *Alvi-negros* (1980), os *Pretos-brancos* (1980) e a *Força-Alvi-negra* (1983) constituídos por antigos dirigentes e convidados, por antigos atletas e por adeptos anónimos,

---

<sup>272</sup> SERRADO, Ricardo, 2009: 66.

<sup>273</sup> SOUSA, Jorge, 1996:23.

<sup>274</sup> SERRADO, Ricardo, 2009:38.

<sup>275</sup> PIRES, Gustavo, 1996:11.

<sup>276</sup> Idem:5.

respectivamente. O União, sem sabermos com certeza a data exacta, não foge à tendência e vê surgir um grupo de adeptos organizados sob a designação de *Onda Azul e Amarela*.

De cariz mais familiar e amigável estes grupos organizados nada têm em comum com os que vão surgindo no mundo ou, até mesmo, no Continente português.

Se perder ou ganhar não é apenas uma questão de desportivismo e, se na verdade, esta dicotomia não é vivida de forma crucial, com “argumento ou história, com desenlace ou catástrofe, que afecta o passado, o presente e o futuro, a dignidade e a decência”<sup>277</sup> então não falamos de desporto.

#### **4.4.Do clube de ontem ao clube de amanhã**

“Diz-se muitas vezes que o futebol é simultaneamente cruel e benigno porque é só presente e não tem memória: o triunfo de ontem não serve de nada perante da derrota de hoje, que se esquecerá da mesma maneira com outro triunfo amanhã.”<sup>278</sup>

O aumento e a valorização dos tempos livres provocaram autênticas revoluções na forma como se vivia a actividade desportiva, à medida que o desporto vai assumindo um papel preponderante nas sociedades industrializadas ao ponto de se tornar um dos seus sectores económicos.

Dos múltiplos prismas que compõem esta máxima não podemos deixar de frisar a importância do clube desportivo cuja filiação é voluntária não estando directamente ligada a qualquer tipo de obrigação legal, política ou económica. Estes têm uma história e tradição fortemente inscrita na memória dos indivíduos.

Pensar no clube de amanhã não pode, nem deve, para muitos, ser sinónimo de ver menosprezadas convicções partilhadas e defendidas ao longo de uma vida. Neste contexto, a intenção de agregação dos três principais clubes madeirenses, projecto defendido pelo Presidente do Governo Regional da Madeira tendo em vista o desenvolvimento do desporto regional torna-se assunto polémico e delicado, mas não tanto recente como à partida poderíamos crer.

*O Desporto*, na edição de 30 de Agosto de 1923, anunciava que tinha sido veiculada na *Semana do Sport*, uma espécie de suplemento do *DN*, a ideia fusionista de unir o União

---

<sup>277</sup> MARIAS, Javier, 2000:33.

<sup>278</sup> Idem:66.

ao Nacional. Além da polémica em relação ao nome a adoptar<sup>279</sup>, o facto de colocar em causa a existência de outros clubes imperava. M. Raio afirmava que esta ideia fusionista resultaria na morte do *Império Foot-ball Club* e do *Grupo Sportivo Internacional* isto porque apesar de enfrentarem com receio o Marítimo tinham outra postura quando defrontavam o Nacional e o União. Assim, “o facto de fazer desaparecer da face da terra as suas agremiações, por cujas bandeiras seus homens se hão batido salvaguardando a honra e as tradições dos seus queridos clubes” era um argumento forte mas que não seria suficiente para calar a discussão em torno do clube único. Dois meses depois, e mesmo existindo uma pausa nas competições desportivas de futebol, a discussão em torno deste assunto mantém-se acesa.

O Desporto<sup>280</sup> volta a abordar o tema, desta feita, num diálogo vernejado intitulado *Musa Humorística: Derrota Completa*, do qual aqui citamos apenas alguns versos<sup>281</sup>.

“P’ra que havia de lhes dar!/A tão célebre “fusão”/“Nacional”-“União”/Apenas deu que falar/Armaram tal aranjel/E tamanha discussão/Que a sua taça de fel/Receberam até mais não./Já não tinham que dizer/Já não tinham que falar/O que haviam de fazer?/O que haviam de inventar?”

Em 1924 continua a discussão da *Questão velha*, sobre a fusão dos clubes locais, no intuito de “se conseguir para o Marítimo, a dentro de casa, um adversário de força que opuzesse ao velho campeão madeirense uma resistencia menos platonica que a que os nossos clubs lhe oferecem”<sup>282</sup>. Esta ideia *fusionista* surge com a ideia de que o Marítimo não tem rivais à altura para evoluir e disputar o Campeonato de Portugal.

Esta discussão volta na década de 60 e início da de 70, época em que os clubes madeirenses atravessam uma fase complicada e lutam pela participação nacional. Aqui, a ideia fusionista não seria com o intuito de encontrar um adversário forte que preparasse o Marítimo para as competições nacionais, mas sim, para impedir o desaparecimento de alguns clubes em risco e encontrar um único clube capaz de representar a Madeira e ser um forte candidato ao título nacional.

---

<sup>279</sup> Em tom irónico, o jornalista responsável pela peça, M. Raio, sugere *Modelar Clube Campeão da Madeira*.

<sup>280</sup> 15/10/23.

<sup>281</sup> Peça completa em Anexo 6.

<sup>282</sup> SF, 4/6/1924

Voltando atrás na linha cronológica, para que fosse possível compreender o verdadeiro significado e repercussão desta discussão que acompanha os clubes quase desde a sua fundação, o passado histórico dos clubes e os feitos alcançados seriam os argumentos para que, até hoje, ser um clube único não fosse considerado passar a ser o clube único.

Correndo o risco de ser interpretado como um cliché, afirmamos que os primórdios do futuro são a memória e a cultura em que o desporto se encontra envolvido e que não podem ser ignorados e/ou menosprezados. O facto de termos sido os melhores ontem não traz qualquer implicação para o dia de hoje nem para o de amanhã. Os clubes lutam pela sobrevivência. O associativismo, hoje, já não é o que era. O velho aforismo *amor à camisola* não é dado a conhecer às novas gerações pois já não existe. O ambiente social, cultural, político e económico onde os clubes actuam estão em constante e vertiginosa mudança. A sociedade portuguesa assiste, com considerável interesse, à gestão dos clubes, em especial dos grandes clubes de futebol.

Para muitos, não importa apenas vencer. Importa, sim, que essa vitória aconteça sempre, pois sendo o desporto institucionalizado pelo capitalismo dominante o ópio do povo tende a *coisificar* as pessoas e a *divinificar* as coisas. É neste contexto que se constroem percursos, história e os clubes do amanhã, num universo desportivo onde “tudo é pouco e nada basta, nada dura e na verdade só há frustração e desengano”<sup>283</sup>.

---

<sup>283</sup> MARIAS, Javier, 2000:90.

---

## Conclusão

“O trabalho não está terminado quando o projecto acaba...”

Judith Bell, 1997:21.

O desporto é um fenómeno humano, uma forma de “actividade física que (...) visa exprimir ou melhorar a condição física e o bem-estar mental, constituindo relações sociais ou obtendo resultados nas competições a todos os níveis” <sup>284</sup>. Pode contribuir para o crescimento económico, para o desenvolvimento local e regional, e para a dinamização e modernização de zonas desfavorecidas.

Hoje, o desporto profissional encontra-se cada vez mais entrosado com realidades económicas, isto se pensarmos em aspectos recorrentes como os patrocínios, o marketing, os direitos de imagem e de transmissão, as cotações na bolsa, as rescisões contratuais, as transferências e contratações milionárias e as sociedades anónimas. Apesar de ter surgido e ter-se difundido à escala mundial em plena época do capitalismo industrial, nem sempre as intenções dos clubes estiveram direccionadas para o retorno financeiro. Durante muitos anos e para muitas associações desportivas a questão identitária e cultural era primordial e insubstituível.

Não considerar o desporto como uma actividade cultural pode traduzir-se num pensamento preconceituoso. É um fenómeno humano nas suas vertentes sociais e culturais. É a expressão e um veículo sociocultural de um povo, afirma-se como símbolo de uma cidade ou região pois através da sua prática conhecemos muito daquilo que um país é e foi, as suas grandes provas e competições prendem o interesse e a atenção de milhões de pessoas em todo o mundo, é o tema preferido da maioria das pessoas e a sua manifestação é idêntica durante os vários períodos históricos.

Durante muitos anos, a par com o deserto de produção científica, fruto do preconceito intelectual de que o desporto era ocupação de ociosos, sem curiosidade de espírito, manteve-se uma grande dificuldade em definir o que seria, na verdade, o desporto moderno, numa confusão e conflito constantes, numa incapacidade de afirmar, com certeza, se tal prática seria uma renovação ou uma ruptura em relação ao praticado desde a Antiguidade. Neste sentido, a dificuldade em explicar a ruptura histórica entre o desporto da então e o desporto moderno residia no facto de existir, entre eles, um hiato de cerca de 1500 anos e grandes semelhanças quer na actividade física propriamente dita quer na linguística. Mas, tendo os primeiros registos características rituais, históricas e religiosas não podem ser comparadas às lógicas contemporâneas do desporto.

---

<sup>284</sup> *Livro Branco sobre o Desporto*, 2007:7.

O desporto pode ser referenciado como uma competição entre os seres humanos que, tal como acontece desde os alvares da humanidade, procuravam nestas actividades a sua própria superação. Individualmente ou em equipa, como praticantes ou como espectadores, a emoção que os indivíduos procuram e vivenciam no desporto é única. Os sentimentos que regem a vida - coragem, solidariedade, vergonha, vingança, nobreza e rancor - estão presentes<sup>285</sup>.

Em Portugal, um país essencialmente desportivo, o futebol é, sem dúvida a modalidade que mais adeptos reúne e razão pela qual a larga maioria dos clubes e associações desportivas e recreativas surgem. Sendo um poderoso instrumento de desenvolvimento local e de cidadania activa, o desporto encontra na fundação e organização destas estruturas organizativas o seu grande impulsionador.

Compreender a projecção social e cultural do desporto implica observar e estudar o percurso e o comportamento dos clubes desportivos que o promove, assistindo, frequentemente, a um misto de união e de desunião face ao sentimento de pertença, de consciência colectiva e de identificação.

Ao debruçarmo-nos sobre os clubes desportivos regionais de maior representatividade - o Marítimo, o Nacional e o União - deparámo-nos com algumas dificuldades no sentido de encontrar as variáveis e as dimensões que nos pudessem orientar no sentido de verificarmos se, apesar de fomentar rivalidades e regionalismos exacerbados os clubes em análise seriam, em 100 anos de existência e, salvo raras excepções, agentes de desenvolvimento social e cultural da ilha da Madeira. Esta dificuldade pautava-se, essencialmente, pela ausência de estudos que nos servissem de guia e pela grande quantidade de informação, contudo, dispersa e desorganizada. A informação chegava-nos através de historiais já publicados, arquivos empoeirados e desorganizados, conversas informais e colecções privadas e familiares. Contudo, da imparcialidade e alguma escassez de informação que caracterizava as fontes mencionadas surgiu a necessidade de procurar uma outra forma de atingir o objectivo traçado.

A solução passava por concentrar as nossas atenções nas inúmeras páginas dos periódicos publicados nos anos em estudo. Longos dias e longas tardes depois, tínhamos conseguido angariar dados que, juntamente com trabalhos e obras gerais e específicas quase devoradas, nos permitiram abrir um novo leque de possibilidades de investigação e

---

<sup>285</sup> MARIAS, Javier, 2000:102.

de conhecimento. Um golo é golo seja em Portugal, França, América ou na China. Um golo é golo seja em 1910, em 1945, em 1968 ou em 1974. E essa realidade estava bem patente nas diferentes peças que fomos encontrando em quase 14 600 dias de edições jornalísticas. Através desta fonte de extrema riqueza quer de informação quer linguística, facilmente detectámos as diferentes fases de compreensão e de evolução do desporto na RAM. Fomos notando uma preocupação crescente traduzida na existência e posterior aumento do espaço reservado às actividades desportivas, primeiramente o futebol para depois abrir-se a outras modalidades. Formação do público, convocatórias de jogadores, castigos, calendário de jogos, ofertas dos clubes, críticas, sugestões, discussões, ofensas, exaltações, feitos clubísticos e recomendações diversas eram uma constante nos dois primeiros períodos em análise, razão pela qual a quantidade e a qualidade do material recolhido foram notáveis. O período entre 1974 e 1987/88 contraria essa tendência limitando-se a reportar jogos, resumos das jornadas, informações sobre receitas e lucros e contratação de jogadores e de treinadores, numa óptica mais direccionada para o jornalismo desportivo.

A identidade é capaz de unir os indivíduos em torno de um lugar-comum, de uma localidade, de uma religião e dessa união resultará a não identificação com um outro. Ora, isto no âmbito do desporto resulta na identificação e sentimento de pertença dos indivíduos em relação a um clube em detrimento de um outro e é nesta competição que a maioria dos clubes da RAM encontra força para subsistir, tentando fazer mais e melhor.

Entre 1910 e 1926 o quadro político, social, económico e cultural de Portugal neste período é riquíssimo. Essencialmente caracterizado por um período de turbulência, o início do século foi marcado pela delicada transição do regime monárquico para o regime republicano, sendo agravada pela participação de Portugal no primeiro grande conflito armado mundial. Em face a tal panorama, durante estes anos, que num contexto sociopolítico correspondem à Primeira República, o país assiste a uma quantidade infindável de mudanças. Em poucos anos o país foi liderado por oito Presidentes e quarenta e cinco governos sendo, talvez, a fase mais agitada da história da República portuguesa. A guerra agravava as questões económicas, financeiras e sociais o que ia alimentando a permanente crise política. As más condições de trabalho, a falta de saneamento básico, diversas doenças e outros problemas que insistem subsistir na Madeira, fazem com que o desporto seja entendido como disseminador dos hábitos de higiene.



Livrar a sociedade de doenças e vícios que corroem a saúde física e mental era um dos objectivos e, é neste sentido e contexto que o Marítimo e o União, em especial, vão afirmar-se como agentes socioculturais e identitários e projectar-se desportivamente.

Enquanto espaço organizacional de oferta desportiva, os clubes, acabam por ser uma resposta eficaz às necessidades humanas, um local onde a identidade local e de agregação é preservada e reforçada, tendo em conta o nascimento bairrista da maioria deles. Os maritimistas da Rua de Santa Maria, os unionistas das zonas altas da cidade e os nacionalistas com ligações umbilicais à freguesia de São Martinho, vêm surgir, entre os emigrantes madeirenses espalhados pelo mundo filiais desportivas num desejo de, no país de acolhimento identificar-se e reunir com quem lhes faz traz um pouco da Madeira.

Após a II guerra vai-se encarar a educação física e o desporto como uma prática capaz de promover a saúde, a disciplina e a educação. Assim, um pouco por todo o país sente-se uma grande preocupação em apostar na formação e educação dos jogadores, treinadores, árbitros, adeptos, dirigentes e demais agentes educativos.

O domínio do Estado Novo era absoluto estando presente e activo em todas áreas do quotidiano, incluindo nas desportivas. Apesar de ser defendido que Salazar utilizava o desporto para entreter e manobrar o povo enquanto dirigia, de forma ditatorial, o país, a verdade é que esta intenção não seria, de todo, sensata. Em jogos que opusessem, os então rivais, Marítimo e União era esperada uma enchente, o encontro de anónimos, formando uma multidão pela qual facilmente poderiam propagar-se ideais contrários aos impostos pelo regime. A forma que o regime encontrou para manipular esta actividade pautou-se pelo acompanhamento e criação de organismos, pelo financiamento e pela construção de grandiosas infra-estruturas desportivas. Foi nesta época que, em Portugal, inaugurou-se grande parte dos estádios de futebol em espectáculos grandiosos mas de pura propaganda política.

O profissionalismo, as infra-estruturas disponíveis para todos de igual modo, o desenvolvimento de actividades formativas e o financiamento fomentam a já existente rivalidade e espírito de competição. Contudo, alimentados por esses sentimentos, serão as actividades desportivas que atrairão as massas populares às diversas comemorações de efemérides políticas e culturais.

Asfixiado por longas décadas de repressão, o país experimentava a sensação de liberdade após a Revolução de 25 de Abril de 1974. Não temos conhecimento de dados que

comproven ou neguem a existência de actividades desportivas nestes tempos tumultuosos, todavia, tal não seria impossível.

A autonomia da Madeira vem influenciar, e muito, o destino dos clubes que teimam em sobreviver e a conquistar espaço no panorama desportivo português. Com novas políticas governativas, o desporto transformam-se numa das fatias contempladas pelos orçamentos e uma área de especial atenção. O Marítimo e o agora rival Nacional ocupam lugares nas competições desportivas nacionais de diversas modalidades situação que o União experimenta um pouco mais tarde. Estas vitórias desportivas acabam por reflectir-se, e muito, na resposta sociocultural dos clubes. Com mais adeptos e verbas dedicam-se à angariação de mais através, também, da projecção sociocultural que vão assumindo. Numa espécie de efeito *bola de neve*, os clubes desportivos regionais, no sentido de marcar presença e fazer mais e melhor que os rivais, vão acabar por desenvolver actividades em prol da própria RAM e de todos os seus habitantes e visitantes, incluindo aqueles cujos gostos não passavam por actividades desportivas.

Desunidos pela identidade quanto ao clube de origem estes indivíduos, em 100 anos de existência, unem-se, mesmo que tal não fosse a intenção, em prol do desenvolvimento sociocultural da Madeira que durante muitos anos foi, quase, inexistente. O secularismo, a igualdade de oportunidades, a especialização e a tecnologia são algumas das características que o desporto assume neste último período. Marítimo, Nacional e União acabam por ser, então e num todo, um factor estruturante de desenvolvimento social, cultural e identitário do espaço insular, pois projectam, desde a sua fundação, a Madeira muito além dos níveis insular e local.

Entre 1988 e a actualidade muito aconteceu. O mundo não pára, nem param os clubes desportivos que aqui analisámos, as actuais Sociedades Anónimas. Em muitos aspectos da história os ciclos repetem-se. Com os clubes Marítimo, Nacional e União tal também aconteceu e acontece. A par das provações, dos sucessos e das apostas verificadas ao longo dos anos de pesquisa, actualmente os clubes voltam a limitar grande parte da sua actividade à prática desportiva e económica do futebol deixando os valores, a missão e os objectivos, que os viram e fizeram surgir, desvanecer. Esta estratégia, em tempos, provocou mudanças profundas, graves crises e encerramentos temporários. O estudo da história muito nos ensina e urge atribuir-lhe especial atenção em diversos aspectos da sociedade, para que tal não se repita.

Conquanto já tenhamos enfatizado a importância de estudar o futebol, de partilhar este “património histórico e cultural, vivo e popular”<sup>286</sup> apraz-nos afirmar que são inúmeras as questões que ficam por esclarecer o que acaba por justificar que se continue a investir neste tema. Embora essas linhas finalizem o presente projecto de investigação, este ponto não constitui o fim, mas sim o início de uma nova caminhada, de novas interrogações, no sentido de compreender o fenómeno desportivo na Madeira.

---

<sup>286</sup> COELHO, João, PINHEIRO Francisco, 2004:33.

## **Bibliografia**

---

## Fontes

Boletim *O Nacional*

*Club Sports da Madeira*, número único, 15 de Janeiro de 1924.

Colecção *O Povo*

Colecção *Diário da Madeira*

Colecção *Diário de Notícias*

Colecção *O Desporto*

Colecção *Heraldo da Madeira*

Colecção *Jornal da Madeira*

Colecção *Piada Desportiva*

Colecção *Sport do Funchal*

Colecção *Tribuna da Madeira*

Estatutos do Marítimo

Estatutos do Nacional

Estatutos do União

[www.fifa.com](http://www.fifa.com), *Missão e Estatutos*

Arquivos do Nacional e do União

## **Legislação:**

Decreto-Lei n.º 32 241, de 5 de Setembro de 1942, “Orgânica da Administração Pública Desportiva, disponível na

[http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc\\_h19.pdf](http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc_h19.pdf) , consultado a 3/4/2010.

Decreto-Lei n.º 25 485, de 13 de Junho de 1935, Criação da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, disponível na

[http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc\\_h42.pdf](http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc_h42.pdf) , consultado a 3/4/2010.

Decreto-Lei n.º 538/79 de 31 de Dezembro de 1979, disponível na

[http://www.dgpj.mj.pt/DGPJ/sections/leis-da-justica/livro-iv-leis-criminais/pdf3/dl-538-1979/downloadFile/file/DL\\_538\\_1979.pdf?nocache=1181842056.73](http://www.dgpj.mj.pt/DGPJ/sections/leis-da-justica/livro-iv-leis-criminais/pdf3/dl-538-1979/downloadFile/file/DL_538_1979.pdf?nocache=1181842056.73) , consultado a 12/2/2010.

Lei n.º 2 104 de 30 de Maio de 1960 Bases para a classificação dos praticantes de desporto como amadores, não amadores e profissionais, disponível na

[www.idesporto.pt/data/docs/legislacao/doc\\_h41\\_01.pdf](http://www.idesporto.pt/data/docs/legislacao/doc_h41_01.pdf) , consultado a 12/2/2010.

Programas do Governo da RAM, 1976 a 1988.

## Bibliografia Geral

ABREU, Manuel Gomes (coord.) (1942), *Livro comemorativo das bodas de prata da A.F.F.*, Funchal, Edição da A.F.F..

BELL, Judith (1997), *Como realizar um Projecto de Investigação*, Lisboa, Gradiva.

BENTO, Jorge (2005), “Para um país desportivo”, Congresso do Desporto, Matosinhos, Instituto de Desporto de Portugal, p. 25; Também disponível na www.:

[http://www.congressododesporto.gov.pt/ficheiros%5CProf\\_Jorge\\_Bento.pdf](http://www.congressododesporto.gov.pt/ficheiros%5CProf_Jorge_Bento.pdf) .

BOURDIEU, Pierre (2003), “Como é possível ser desportivo?”, in *Questões de Sociologia*, Lisboa: Fim de Século.

CARVALHO, Maria José (2007), Os elementos estruturantes do Regime Jurídico do Desporto Profissional em Portugal, Porto, Dissertação de Doutoramento no ramo de Ciência do Desporto apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

CARVALHO, Maria José (2009). “Estado e Desporto: Relação Política e Regulativa”, in BENTO, Jorge (ed.) CONSTANTINO, José Manuel, *O desporto e o estado: ideologias e práticas*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 85-107; também disponível na www.:  
[http://sigarra.up.pt/fadeup/publs\\_pesquisa.formview?p\\_id=3882](http://sigarra.up.pt/fadeup/publs_pesquisa.formview?p_id=3882) , consultado a 12/11/2009.

CARVALHO, Melo de (2001), *O Clube Desportivo Popular: função social, inovação, cultura e desenvolvimento*, Porto, Campo das Letras.

COELHO, João, PINHEIRO Francisco (2002), *A Paixão do Povo: História do Futebol em Portugal*, Porto, Afrontamento.

COELHO, João, PINHEIRO Francisco (2004), “História do Futebol e Portugal (1888-2004)”, in GARGANTA, Júlio, OLIVEIRA, José, MURAD, Maurício, *Futebol de muitas cores e sabores: Reflexões em torno do desporto mais popular do mundo*, Porto , Campo das Letras, Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, pp. 33-55.

CONSTANTINO, José Manuel (2008), *O Estado e o movimento associativo – a centralidade das federações desportivas e os efeitos nas políticas públicas*, Lisboa, Fórum Nacional do Futebol, p. 16; Também disponível na www.:

<http://www.afutebollisboa.org/ficheiros/forum/jmc.pdf> , consultado a 30/11/2009.~

CORREIA, Romeu (1981), *Jorge Vieira e o futebol do seu tempo*, Lisboa, Edição de Autor.

COSTA, António, (2009), “Desporto e política: dois fenómenos estruturalmente idênticos”, in BENTO, Jorge (ed.) CONSTANTINO, José Manuel, *O desporto e o estado: ideologias e práticas*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 327-345; também disponível na www.: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/13946>, consultado a 15 de Setembro de 2010.

COSTA, António (s.d.), *Desporto e Análise Social*, pp. 101-109, também disponível na www. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo6671.pdf>

COSTA, Vitor (1999), *O Desporto e a Sociedade em Portugal: Fins do Século XIX – Princípios do Século XX*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Secção Autónoma de História, Mestrado em História Social Contemporânea, Tese Não editada.

*Dicionário da Língua Portuguesa*, 2009, Porto, Porto Editora.

*Dicionário de Sinónimos*, 2005, Porto, Porto Editora.

DIEM, Carl (1938), “La Session sur le Nil”, in *Review Olympique*, n.º 2, pp. 9-11;

Também disponível na www.:

<http://www.aafla.org/OlympicInformationCenter/OlympicReview/1938/ORUE2/ORUE2b.pdf> , consultado a 08/11/2009.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric (1992), *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.

FEIO, Noronha (1985), *Portugal, Desporto e Sociedade*, Lisboa, Edição D.G.C.S..



FERRÃO, Carlos (1976), “A Proclamação da República: A Revolução de 5 de Outubro de 1910”, in *História da 1.ª República*, Lisboa, Terra Livre, pp.15-18.

FERREIRA, António (2004), *O Ensino da Educação Física em Portugal durante o Estado Novo*, também disponível em [http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva\\_2004\\_especial/09\\_artigo\\_antonio\\_ferreira.pdf](http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2004_especial/09_artigo_antonio_ferreira.pdf) , consultado a 23 de Agosto de 2010.

FREITAS, Clara (2009), *O Significado social do desporto nas classes sociais: Uma Análise do fenómeno*, Dissertação de Doutoramento em Ciência do Desporto apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto, Universidade do Porto, também disponível em [www. http://hdl.handle.net/10216/9997](http://hdl.handle.net/10216/9997).

GARCIA, Rui (2009), “De um desporto sem ideologias para um desporto com ideias: Relação Política e Regulativa”, in BENTO, Jorge (ed.) CONSTANTINO, José Manuel, *O desporto e o estado: ideologias e práticas*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 309- 325; também disponível na [www.:](http://sigarra.up.pt/fadeup/publs_pesquisa.formview?p_id=3829) [http://sigarra.up.pt/fadeup/publs\\_pesquisa.formview?p\\_id=3829](http://sigarra.up.pt/fadeup/publs_pesquisa.formview?p_id=3829), consultado a 12/11/2009.

HEINEMANN, Klaus (1984), *Problemas socio-económicos dos Clubes Desportivos*, Antologia de Textos: Desporto e Sociedade, Lisboa, Ministério da Educação, Direcção-geral dos Desportos.

*Livro Branco sobre o Desporto*, 2007, Comunidade Europeia, Luxemburgo, disponível na [www.:](http://ec.europa.eu/sport/documents/white-paper/whitepaper-short_pt.pdf) em [http://ec.europa.eu/sport/documents/white-paper/whitepaper-short\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/sport/documents/white-paper/whitepaper-short_pt.pdf)

MARIAS; Javier (2000). *Selvagens e Sentimentais: Histórias do Futebol*, Lisboa, Dom Quixote.

MARQUES, António (2009). “Desporto, Responsabilidade e Mudança”, in BENTO, Jorge (ed.) CONSTANTINO, José Manuel, *O desporto e o estado: ideologias e práticas*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 300-308; também disponível na [www.:](http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13942/2/3828.pdf) <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13942/2/3828.pdf> , consultado a 14/11/2009.

MENDONÇA, Alice Maria Ferreira (2006), *A Problemática do Insucesso Escolar : a escolaridade obrigatória no arquipélago da Madeira em finais do séc. XX (1994-2000)*,

Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em Sociologia da Educação, Funchal, Universidade da Madeira.

NUNES, Ana Bela, VALÉRIO, Nuno (1996), *Contribuição para a História do Futebol em Portugal*, Lisboa, Gabinete de História Económica e Social; também disponível na www.: <http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/907/1/WP1.pdf>, consultado a 30/11/2009.

PEREIRA, Antonino (2001), *A Excelência Profissional em Educação Física e Desporto em Portugal: Perfil a partir de sete Histórias de Vida*, Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, Não editada, também disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10006>.

PIRES, Gustavo (1996), *Desporto e Política: Paradoxos e Realidade*, Funchal, Edição O Desporto Madeira.

PRADA, Valentin (1994), *História Económica e Social*, Colecção Habitat, II Volume, Porto.

QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, LucVan (2005), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

RADNEDGE, Keir (ed.) (1984), *Enciclopédia Ilustrada de Futebol: Guia Completo do Futebol Mundial*, 1.<sup>a</sup> Edição Portuguesa, 2007, Lisboa, Selecções do Reader's Digest.

RAMOS, Rui (2009), *História de Portugal*, Lisboa, Esfera dos Livros.

ROSÁRIO, Alberto (1996), *O Desporto em Portugal: Reflexo e Projecto de uma Cultura*, Lisboa, Instituto Piaget.

SEN, Amartya (2007), *Identidade e Violência: a ilusão do destino*, Lisboa, Tinta-da-China.

SERRADO, Ricardo (2009), *O Jogo de Salazar: A política e futebol no Estado Novo*, Porto, Campo das Letras.

SERRADO, Ricardo (2010), *História do Futebol Português: Das origens ao 25 de Abril*, Volume I, Lisboa, Prime Books.

SÉRGIO, Manuel, “Prefácio” in SERRADO, Ricardo (2010) *História do Futebol Português: Das origens ao 25 de Abril*, Prime Books, Lisboa, Volume I, pp. 11-16.

SERPA, Homero (2007), *A História do Desporto em Portugal*, Lisboa, Instituto Superior de Educação Física.

SOUSA, Jorge (1996), *Para a Sociologia do Futebol Profissional Português*, Lisboa, Edições Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.

SOUSA, Teixeira de (1988), *Contributo para o estudo do associativismo desportivo em Portugal*, Lisboa, Instituto Superior de Educação Física.

*Sporting Clube de Portugal - A História, os triunfos e as imagens de todos os tempos/ Livro de Ouro*, Lisboa, *Diário de Notícias*, 2000.

TERRET, Thierry (2007), *História do Desporto*, Mem Martins, Publicações Europa-America.

WEBER, Max (2009), *Conceitos Sociológicos Fundamentais*, Lisboa, Biblioteca 70.

WIEVIORKA, Michel, (1998), *O Racismo: Uma Introdução*, Paris, La Découverte.

### **Bibliografia Específica (Madeira)**

ARAGÃO, António (1980), *Para a História do Funchal*, Funchal, Edição D.R.A.C..

CALDEIRA, Abel Marques (1964), *O Funchal no Primeiro Quartel do Século XX*, Funchal, Edição de Autor.

CÂMARA, Benedita (2002), *A Economia da Madeira (1850-1914)*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

CARITA, Rui (2008), *História da Madeira / O Longo Século XIX: Do Liberalismo à República / A Monarquia Constitucional (1834-1910)*, Volume VII, Funchal, Secretaria Regional de Educação e Cultura.

CARITA, Rui (2010), *Madeira – Roteiros Republicanos*, Lisboa, Quidnovi, Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.

RODRIGUES, Deodato (org.) (2000), *História do Clube Sport Marítimo*, Funchal, Diário de Notícias.

FERNANDES, Francisco (1999), *Madeira - Desporto em Autonomia*, Funchal, Edição “O Desporto Madeira”, Coleção Gestão do Desporto.

FERNANDES, Francisco (2009), *Desporto e Autonomia Insular: Factores de Desenvolvimento Económico e Social*, Funchal, Edição “O Desporto Madeira”, Coleção Gestão do Desporto.

FERNANDES, Graça (2008), *A Verdade Madeirense e a Grande Guerra*, Coimbra, Almedina.

*Os 50 anos da F.P.F* (1964), Lisboa, Edição da Federação Portuguesa de Futebol.

NEPOMUCENO, Rui (1994), *As crises de subsistência na história da Madeira: ensaio histórico*, Lisboa, Caminho, D.L.

PEREIRA, Eduardo (1989), *Ilhas de Zargo*, Funchal, Edições da Câmara Municipal do Funchal.

PINTO, Maria, RODRIGUES, Teresa, 1990, “A Madeira na viragem do século (1860-1930 – características da sua evolução demográfica”, in *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, 1990, pp. 349-351.

RIBEIRO, João Adriano (2007), *A Baixa da Freguesia de Santa Maria Maior*, Funchal, Junta de Freguesia de Santa Maria Maior.

RODRIGUES, Adelino (1955), *História do Clube Sport Marítimo*, Funchal, Edição do Clube.

RODRIGUES, Adelino (1971), *Campos de Futebol na Madeira*, Funchal, Edição da A.F.F..

RODRIGUES, Deodato (org.) (2000), *História do Clube Sport Marítimo*, Funchal, Diário de Notícias.

SANTOS, Francisco (1989), *História Lúdico-desportiva da Madeira*, Funchal, Governo Regional da Madeira, Secretaria Regional da Educação Juventude e Emprego.

SILVA, Fernando Augusto, MENESES, Carlos Azevedo (1984), *Elucidário Madeirense*, 3 volumes, Edição S.R.T.C. / D.R.A.C..

VASCONCELOS, Mota de (1945), *Almanaque do Desportista Madeirense*, Funchal, Edição do Autor.

## **Outros suportes consultados**

*O Nosso Futebol: Um olhar retrospectivo sobre um século de futebol e de política em Portugal*, filme de Ricardo Costa, comentários de António Vitorino de Almeida, 2004.



**Anexo 1 – Clubes a que os periódicos, entre 1910 e 1926, fazem referência.**

<b>Ano da 1.<sup>a</sup> referência</b>	<b>Nome do Clube/ Equipa</b>
1910	Club de Foot-ball Funchalense
1910	Club Sport Marítimo
1910	Nacional Sport Grupo
1910	Sancta Clara Club
1910	Grupo Sport Funchalense
1910	Club Sports da Madeira
1911	Grupo Sportivo Atheneu Commercial do Funchal
1911	Grupo Sportivo Continental e Madeirense
1911	Club Pontasolense
1911	Novo Club Liberal
1911	Grupo Sportivo do Grémio
1911	Grupo Sport do Funchal
1911	Grupo Sportivo do Académico
1911	Club Sportivo Mello Correa
1911	Sociedade A.F.I.P.N.T.
1911	Club Sport Santacruzense
1912	Jogadores do Cruzador Inglês Vindictive
1912	Team Militar Bateria n.º 3 de Artilharia de Montanha
1912	Sporting Club Académico
1912	Club Sport Camponez
1913	Grupo Sportivo Fayalense
1913	Grupo Sportivo Campónio
1913	Grupo Sportivo Internacional
1913	União Foot-ball Club
1913	Madeira Bemfica
1913	Nacional Sport Grupo Infantil
1913	Sport Académico Infantil
1913	Jogadores do Cruzador Inglês Pandora
1913	Jogadores do Cruzador Inglês Cornwall
1914	Sporting Grupo de Futebol
1914	Sporting Club Santacruzense
1914	Grupo Sportivo Machiqueirense
1914	Grupo União Marítimo
1914	Jogadores do Cruzador Inglês S. Gabriel
1915	Foot-ball Club Madeirense
1915	Team Aviso 5 de Outubro, Regimento Infantaria 27
1916	Portugal Sport Grupo
1916	Grupo Desportivo Insulano
1916	Nucleo Desportivo Tipográfico
1916	Casa Bardwill Brothers (Bordados)



1916	Madeira Embroidery
1916	Sport Grupo Independente
1916	Funchal Embroidery C <sup>a</sup>
1917	Club Naval do Funchal
1917	Madeira Foot-ball Club
1918	Club Olímpico de Foot-ball
1918	Grupo Sport São Martinhense
1918	Jogadores da Leacock & C. <sup>a</sup>
1918	Club Sportivo HMI Labicum
1920	Império Foot-ball Club
1923	Club Portinho
1924	Doutores
1924	Banqueiros
1926	Clube Futebol Andorinha

**Anexo 2 - Clubes a que os periódicos, entre 1945 e 1955, fazem referência.**

<b>Ano da 1.ª referência</b>	<b>Nome do Clube/ Equipa</b>
1945	Club Sport Marítimo
1945	Club Sports da Madeira
1945	Clube Futebol União
1945	Clube Desportivo Nacional
1945	Sporting Clube da Madeira
1945	Palmeira Futebol Clube
1945	Operário Futebol Club
1945	Pátria Futebol Club
1945	Barraqueiros
1945	Cortadores de carne do Mercado dos Lavradores
1945	Real Celta Foot-ball
1945	Esperança Futebol Club
1945	Blandy's Staff Foot-ball Club
1945	Seleccção dos Bancos Ultramarinos
1945	Ateneu Comercial
1945	Clube Futebol São João
1945	Bom Sucesso Futebol Clube
1945	Grupo Desportivo de Segurança
1945	Clube Desportivo Real Vitória
1945	1.º de Maio
1945	Lazareto Futebol Clube
1945	Choupana Futebol Clube
1945	Sporting Club Santacruzense
1945	Grupo Desportivo Galo (Leacock)
1945	Operário Flowers Foot-ball Club
1945	Grupo Desportivo dos CTT
1946	Carvalheiro
1946	Barreirense
1947	Clube Desportivo Fábrica do Torreão
1947	Clube Desportivo Vasco da Gama
1948	Grupo Recreativo Portimonense
1948	Clube Desportivo Monte Real
1949	Os Belenenses
1949	Club Desportivo Zarco
1949	Club Desportivo Portosantense
1949	Grupo Desportivo Loja
1955	Clube Desportivo de São Jorge

### **Anexo 3 – Marchas do Marítimo**

#### **1. Saudação ao Marítimo**

Lá vêm, lá vêm  
Os nossos maravilhas  
Os endiabrados  
Campeões das Ilhas

Não há, não há  
Não há outro igual  
Como o Marítimo  
O mais popular

Lá vêm, lá vêm  
Os nossos campeões  
O grande marítimo  
Clube das tradições

Vamos rapazes  
Cantai com ritmo  
Cantai com alma  
Saudai o Marítimo

Ó Marítimo, ó Marítimo  
Soubeste honrar a Madeira  
Com orgulho e altivez  
Ó Marítimo, ó Marítimo  
Tens o nome à cabeceira  
Do desporto português.

## 2. Marcha do Marítimo

Somos campeões  
Pela vida inteira  
Nossos corações  
São para a Madeira

Desde a terra-mãe  
Até o Ultramar  
Nosso leme tem  
De lutar, lutar

Lá no Continente  
E até aos Açores  
São os nossos amores  
Já deixámos fama  
De valor sem par  
Arde em nós a chama  
De lutar, lutar

Encarnado e verde  
Cores sem igual  
Da nossa bandeira  
E de Portugal  
E que ninguém pense  
Em ter ilusões  
Ser bom madeirense  
É gostar dos campeões.

### 3. Viv'o Marítimo

Viv'o Marítimo

Tu sempre foste campeão

Ao mundo vais mostrar o teu leão

A alma e a força deste chão

Viv'o Marítimo

A voz da ilha vai chegar

Num grande grito de alegria

De mais um jogo conquistar

Vai ao ataque – vai lá!

P'rá frente – já está!

A claque – gritou, gritou!

É golo, é golo – já está!

P'rá frente – mais um!

é Golo

É verde-rubro o sonho

Sem barreiras

A Madeira vai brilhar

No outro lado do mar

Ganhar, ganhar, ganhar!

Anexo 4 – Diploma de Honra



Ilustração 24 - União, 2.º Classificado na Taça Suíça  
Cedido pelo União

## Anexo 5 - “Raspões”, in *O Povo*

14 de Fevereiro de 1917: “Madeira 3 – Sporting 0

Lá vem caindo a tarde

E vai descendo o sol

Além uns amarelos

Esfolam o futebol

Quem acode ao desgraçado

Salvem-lhe ainda o que resta

Porque morre esfacelado

Por um bando esfomeado

Quem nem sabe p’ra que resta

Sem ciência e sem valor

Só com o peso a equiparar

Esse grupo vem sujar

O tal pouco esplendor

Que se pode arrecadar

Joga à toa sem saber

Isso agora é demonstrado

Só lhe vale o ter achado

Um half que sabe ser

Que é pena estar misturado.

Lá os outros, do Madeira

Tiveram as suas croas

A direita extremidade

Que é canela ligeira

Enfiou solenes broas

Então, o back, coitado

Leve a ciência guardada

E não lhes digo mais nada

Fiquei mesmo abananado

Com tamanha pixotada.

E nem vale mais falar

Foi o que todos sabemos

Um não presta outro é somenos

E ambos querem ganhar

E cada qual presta menos.

Inda assim vale o Madeira

Milhões mais que o Sporting

Este é coisa derradeira

E n’aquelle a deanteira

Tem a bolha de dribling

Toca a apurar

Fazer por si

Que não voltar

Quem tanto ri

Pode chorar”

21 de Fevereiro de 1917: “Sporting 5 – Nacional 1

Fui um jogo nunca visto  
Nos arraiais da nossa terra  
Pois quanto a memória encerra  
Inda não tinha previsto  
Este fiasco de berra.

O Nacional só tem  
Dois caminhos a seguir  
Ou morrer ou por-se a rir  
Se não possuir já ninguém  
Com que possa resistir.

Os homens sempre faltando  
É constante ultimamente  
O seu passado decente  
Coitado vai suspirando  
Isto até entristece a gente

Meninos, bebes talvez  
Patetas encadernados  
Que precisam ser rogados  
Começa o jogo sem tres  
E nem chegam retardados.

Meio tempo – rebenta a bola  
Que a petizada levou  
Por isso o jogo parou  
O Sporting de esmola  
O jogo recomeçou

Foi um escândalo vergonhoso  
Um sem bola outra à mercê  
De sete homens só que tem  
Um avançado se vê  
Com a bola e mais ninguém.

Vive tanta reinação  
P’ra vós oh incorrigíveis  
Mas nestas coisas incríveis  
Que acuda a Associação  
Aos ingénuos invencíveis.

O Sporting a jogar  
Coitado fez por merecer  
E bem haja por fazer  
Um esforço p’ra ganhar  
Com quem poderá perder.

Foi, vá lá, p’ra dizer bem  
A tarde de mais vergonha  
A fiasqueira medonha  
A giba triste que tem  
O Nacional que ponha

Ou morra ou faça  
Por bem merecer  
Fulgor que passa  
Póde voltar  
A aparecer”



À tarde sem sol nem vento  
Acariciava assim  
Num sorriso de carmim  
O anseio do momento  
Esperado com frenezin.  
O apito, o campo, tudo  
É grandioso e austero  
Os captains de olhar severo  
E um publico enorme e mudo  
É infrene e eu espero.

A hora soa e o apito  
Tudo pulula ancioso  
O jogo vigoroso  
Pois começa como um grito  
Dum alerta rigoroso.  
Honra e glória, ela ahi vai,  
Embora a orbe mendiga,  
Só de língua não consiga,  
Desfazer o que não cai,  
Pelas asneiras que diga.

Renasce e bem radiante,  
O fulgor do tempo ido,  
E esse sonho perdido,  
Que ecoa bem distante,  
Cá nos torna destemido.  
A’vante valentes, glória  
Honra a ambos, bem merecem  
É padrão que não destacam

A’vate, honrai mais a historia,  
Que os outros endoidecem.  
  
Pois Marítimo e Madeira,  
Puxam bem até torcer,  
Um aguenta, outro a espremer,  
Cada qual, duma maneira,  
Antes quebram, que torcer.  
Dão-nos assim um pratinho,  
De por o beijo a pingar,  
E o leão a reinar,  
Com o seu riso amarelinho,  
Sempre que os verdes a abocanhar.

Vai-se o tempo mais de meio,  
A bola, p’ra aqui, p’ra alem,  
Este ganha, aquele tem,  
Tido mais bolas em cheio,  
Mas não talha a ninguém.  
E sempre o jogo correndo,  
Hora aqui, hora adiante,  
Chega por fim o instante,  
Que o grito morrendo,  
Lá nos Silva, radiante.

Zero a zero acabou  
O encontro mais valente  
Do que melhor tem a gente  
E muita beija ficou  
A par de muito contente.”

## **Anexo 6 - Musa Humorística: *Derrota Completa***

*O Desporto, 15/10/23.*

“P’ra que havia de lhes dar!

A tão célebre “fusão”

“Nacional”-“União”

Apenas deu que falar

Armaram tal aranjel

E tamanha discussão

Que a sua taça de fel

Receberam até mais não./

Após um mês de perguiça

-Prova de atrapalhação-

Volveram de novo a liça

Trabalhando em confusão

Já não tinham que dizer

Já não tinham que falar

O que haviam de fazer?

O que haviam de inventar?

As entrevistas limitar?

Do “alvitre” a propulsão

A que haviam de chegar

Lastimosa situação

O pior foi que afina

Constataram que a fusão

Mereceu reprovação

A toda a gente em geral!!! (...)

## Anexo 7 – Instalações Desportivas



Ilustração 25 - Campo Almirante Reis (s/d)  
Cedida por Rui Carita



Ilustração 26 - Jogo do Marítimo no Campo Almirante Reis (s/d)  
Cedida por Rui Carita





**Ilustração 27 - Primeira Pedra do Campo da Imaculada Conceição, propriedade do Marítimo (s/d)**  
Cedida por Rui Carita



**Ilustração 28 - Jogo do Marítimo no Campo dos Barreiros, 1954**  
Cedida por Rui Carita



## Anexo 8 – Equipas Marcantes do Marítimo



Ilustração 29 - Plantel do Marítimo Campeão de Portugal, 1926  
Cedida por Rui Carita



Ilustração 30 - Equipa do Marítimo que regressa, definitivamente, à I Divisão, 1984  
Cedida por Rui Carita

## Anexo 9 – A Natação



**Ilustração 31 - Provas de natação do Marítimo, Lido, 1966**  
Cedida por Rui Carita



**Ilustração 32 - José da Silva, Saca**  
Cedida por Rui Silva, filho do atleta nacionalista

## Anexo 10 – As Quermesses do Nacional



**Ilustração 33 - Max, na Quermesse do 50.º Aniversário do Nacional, 1960**  
Cedida pelo Nacional



**Ilustração 34 - Xiomara Alfaro, cantora cubana, Quermesse de 1962**  
Cedida pelo Nacional





**Ilustração 35 - Presença do Presidente da República, Américo Tomás, 1962  
Cedida pelo Nacional**